

VISCONDE ERNEST DE COURCY

SEIS SEMANAS NAS MINAS DE OURO DO BRASIL



Tradução
JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES

Estudo Crítico
DOUGLAS COLE LIBBY

Collecção
MINERIANA
Série Clássicos

FAPEMIG

 **FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO**
GOVERNO DE MINAS GERAIS

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

SEIS SEMANAS
NAS MINAS DE OURO
DO BRASIL

VISCONDE ERNEST DE COURCY

MT
910.4(81)
C859AP

VISCONDE ERNEST DE COURCY

SEIS SEMANAS
NAS MINAS DE OURO
DO BRASIL

TRADUÇÃO
JÚLIO CASTAÑON GUIMARÃES

ESTUDO CRÍTICO
DOUGLAS COLE LIBBY

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte
1997

Governador

EDUARDO AZEREDO

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral

WALFRIDO MARES GUIA

Presidente da Fundação João Pinheiro

ROBERTO BORGES MARTINS

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais

ELEONORA SANTA ROSA



ISBN 85-85930-15-2

C859s Courcy, Ernest de, Visconde
Seis semanas nas minas de ouro do Brasil/ Visconde Ernest de Courcy; tradução Júlio Castañon Guimarães, estudo crítico Douglas Cole Libby. - Belo Horizonte : Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997.
132p.
Tradução de: Six semaines aux mines d'or du Brésil

1. Brasil - Descrições e viagens 2. Ouro - Brasil
I. Guimarães, Júlio Castañon II. Libby, Douglas Cole

CDD : 91.15
CDU : 910(81) .

APOIO CULTURAL

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

CONSELHO EDITORIAL

Affonso Ávila, Affonso Romano de Sant'Ana, Amílcar Vianna Martins Filho, Angela Gutierrez, Antônio Octávio Cintra, Aluísio Pimenta, Angelo Oswaldo de Araujo Santos, Bernardo Mata Machado, Celina Albano, Clélio Campolina Diniz, Cyro Siqueira, Douglas Cole Libby, Fábio Lucas, Fábio Wanderley Reis, Fernando Correia Dias, Francisco Iglésias, Gerson de Britto Mello Boson, Guy de Almeida, Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz, Isaías Golgher, Jarbas Medeiros, João Antônio de Paula, José Aparecido de Oliveira, José Bento Teixeira de Salles, José Ernesto Ballstaedt, José Israel Vargas, José Murilo de Carvalho, Júlio Barbosa, Lucília de Almeida Neves Delgado, Luis Aureliano Gama de Andrade, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Efigênia Lage de Resende, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Norma de Góes Monteiro, Orlando M. Carvalho, Otavio Soares Dulci, Paulo Roberto Haddad, Paulo Tarso Flexa de Lima, Paulo de Tarso Almeida Paiva, Pio Soares Canedo, Roberto Borges Martins, Roberto Brant, Rui Mourão, Vera Alice Cardoso, Vivaldi Moreira, Walter Moreira Salles.

Coordenação editorial

ELEONORA SANTA ROSA

Indicação de texto

ROBERTO MARTINS

Projeto gráfico e arte

SÉRGIO LUS

Produção executiva

ROSELI DE AGUIAR

Reprodução fotográfica

TIBÉRIO FRANÇA

Revisão de texto

MARIA DE LOURDES COSTA DE QUEIROZ

SUMÁRIO

NOTA DO TRADUTOR

Júlio Castañon Guimarães11

IMPRESSÕES DE UM VISCONDE FRANCÊS

SOBRE O CREPÚSCULO DO IMPÉRIO

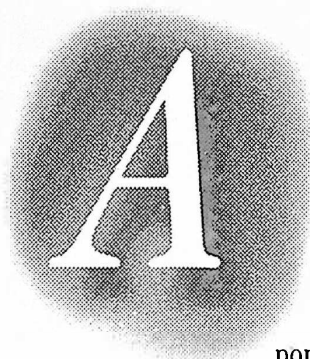
Douglas Cole Libby13

SEIS SEMANAS NAS MINAS DE OURO DO BRASIL

Visconde Ernest de Courcy25

NOTA DO TRADUTOR

Júlio Castañon Guimarães



edição francesa do livro do Visconde Ernest de Courcy, *Six semaines aux mines d'or du Brésil* (Paris: L. Sauvaire, éditeur, 1889), apresenta um número considerável de erros que se podem considerar em geral tipográficos; são em sua quase totalidade facilmente detectáveis, embora em alguns casos, porém, cheguem a constituir dificuldade de leitura. Dentre vários, citem-se como exemplo *houblots* (em lugar de *hublot*); *cycomore* (em lugar de *sycomore*); *souffre* (em lugar de *soufre*); *rénumérateur* (em lugar de *rémunérateur*); *Gorcix* (em lugar de *Gorceix*); *Martins* (em lugar de *Martius*); *crû* (em lugar de *cru*); *archidées* (em lugar de *orchidées*); *Rubenstein* (em lugar de *Rubinstein*); *rableau* (em lugar de *tableau*); *Freiress* (em lugar de *Freyreiss*); e assim por diante.

Além disso, o texto de Courcy não vem a ser o que se poderia considerar sequer minimamente um bom exemplo de uso da língua francesa. São freqüentes repetições, busca de efeitos literários banais, construções mal elaboradas ou má pontuação.

O texto apresenta ainda, de forma quase sistemática, grafia truncada de topônimos brasileiros. À parte o que, em termos históricos, isto significa em um texto sobre o país em que se verificam tais topônimos, questão à qual se soma uma série de dados equivocados, esse aspecto tem outras implicações quando se lembra que tal texto é também um documento lingüístico. Em atenção às normas da *Coleção Mineiriana* e com o intuito de não sobrecarregar a leitura desta tradução com notas de pé-de-página para cada ocorrência errônea, optou-se pela grafia correta e atualizada dos topônimos em questão. Todavia, para que não se perca esse aspecto do documento lingüístico – a incompreensão dos topônimos por parte do viajante que desconhecia a língua portuguesa, a

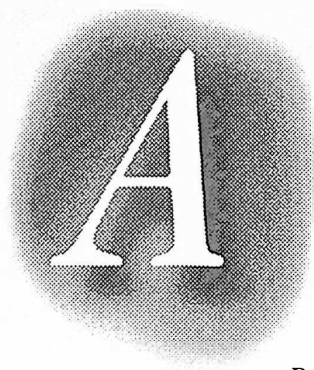
dificuldade para registrá-los adequadamente, a tentativa malograda de transcrevê-los segundo padrões franceses (e em alguns casos com um visível intermediário espanhol) –, arrolam-se adiante diversos exemplos. Courcy emprega sistematicamente formas, tais como *Rio Janeiro* (por *Rio de Janeiro*); *Rio del Carmo* (por *ribeirão do Carmo*); *Diamantina* (por *Diamantina*); *Barbecena* ou *Barbencenas* (por *Barbacena*); *Cougonas* (por *Congonhas*); *Morro Vermillo* (por *Morro Vermelho*); *Guiaba* (por *Cuiabá*); *Ropozos* (por *Raposos*); *Motto Grosso* (por *Mato Grosso*); *Saint Jean del Ré* (por *São João del-Rei*); e assim por diante.

Dentro da orientação da *Coleção Mineiriana* de proporcionar um texto o mais fluente possível, a tradução fez algumas poucas e pequenas alterações de pontuação, quase sempre para dividir períodos muito longos de concatenação precária.

Vale observar ainda que o autor utiliza, tendo em vista que relata uma travessia do Atlântico e uma visita a minas de ouro, diversos termos técnicos tanto de navegação quanto de exploração de minas; todos, porém, ou se deixam compreender pelo contexto ou são encontráveis em dicionários correntes.

IMPRESSÕES DE UM VISCONDE FRANCÊS SOBRE O BRASIL NO CREPÚSCULO DO IMPÉRIO

Douglas Cole Libby



Coleção Mineiriana vem prosseguindo na sua muito elogiada missão de apresentar ao público reedições de obras raras e/ou esgotadas, bem como traduções de textos ainda pouco conhecidos no Brasil de viajantes estrangeiros que passaram por Minas Gerais.

Desta vez, os leitores ganham uma excelente versão em português do *Six semaines aux mines d'or du Brésil*, um relato da viagem do autor, o Visconde Ernest de Courcy, a Minas, em meados de 1886.

Pesquisas intensivas foram realizadas junto a dicionários bibliográficos e outras obras de referência francesas datadas do final do século passado e do início deste, com o objetivo de fornecer maiores informações sobre o autor, porém a figura do Visconde Ernest de Courcy permanece obscura em muitos aspectos. O título nobiliárquico faz supor que seu sobrenome se refere a uma ilustre família normana, ativa do noroeste da França, na Inglaterra e, mais tarde, na Irlanda, desde o século XI. Alguns poucos presumíveis antepassados do Visconde povoam os referidos dicionários com datas que alcançam o final do século XVIII, mas, a partir de então, parece que os de Courcy perdem destaque no cenário nacional, mantendo-se, no entanto, no rol da aristocracia francesa titulada.

O recurso da dedução especulativa revela-se de grande valia na leitura de *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil* para a identificação do autor: os hábitos de consumo que transparecem ao longo do texto – culinário, vinícola ou de vestuário – indicam que se trata de indivíduo dotado de um certo refinamento, condizente com a época de ascendência e consolidação da burguesia industrial européia; a dedicatória do livro à filha, ainda criança, oferece evidências de

que era casado e relativamente jovem em 1886; já que inexitem indícios de que tivesse alguma profissão, seria bastante razoável supor que vivia de suas rendas (da terra, de investimentos acionários e/ou financeiros); e, como aponta o tradutor, Júlio Castañon Guimarães, o texto nem de longe constitui uma obra-prima da língua francesa do *fin de siècle*, com o original repleto de erros ortográficos e de construções canhestras (todos, felizmente, sanados na presente versão), indicando que não poderia ser reconhecido como de um intelectual. Enfim, nem funcionário público nem, tampouco, acadêmico o autor poderia ter sido. Na verdade, apesar de seu título de nobre, a impressão que se tem é que ele era um rentista um tanto modesto, com suas raízes deitadas em solo bem provinciano, tal a superficialidade de suas observações ao longo da viagem ao Brasil.

Se, especialmente nas alas da historiografia norte-americana mais afetas à "cliometria", a tendência tem sido a de questionar a validade dos testemunhos de viajantes e, não raras vezes, simplesmente, de descartá-los¹, no Brasil os estudiosos têm procurado, de maneira bem mais equilibrada, sujeitar os escritos de visitantes estrangeiros a uma leitura crítica.² E é assim que deve ser, pois não se pode ignorar que os viajantes aqui chegaram com seus diversos preconceitos e com visões de mundo marcadamente eurocêntricas. Também, é preciso ter em mente que as impressões vão-se formando ao longo da viagem. Assim, um determinado lugar a que o viajante tenha chegado após uma temporada em uma região razoavelmente urbanizada pode parecer pequeno e mesquinhamente abastecido, ao passo que se o referencial anterior fosse a expedição de alguns meses pelos sertões, o mesmo lugar pode surgir como uma verdadeira cidade, servida por um comércio extraordinariamente variado. Sobretudo ao historiador cabe verificar se as anotações do viajante refletem as observações de terceiros ou as dele próprio, caso em que se há de atribuir maior credibilidade.

Quaisquer que sejam as nossas dúvidas e críticas acerca das obras dos viajantes, o certo é que, diante da relativa escassez de documentação oficial e oficiosa e da ausência quase total de registros privados, os depoimentos dos viajantes estrangeiros constituem fontes primárias de inestimável valor para a

¹ Ver, por exemplo, as críticas contidas em: FOGEL, Robert, ENGERMAN, Stanley. *Time on the cross*. Boston: Little Brown, 1974. Especialmente capítulo 5.

² LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

história do Brasil do século XIX. Às vezes são virtualmente insubstituíveis. Certamente, estudar as Minas Gerais do Oitocentos sem consultar viajantes como Luccock³, Eschwege⁴, Spix e Martius⁵, Saint Hilaire⁶, Gardner⁷, Burton⁸ ou Wells⁹ seria quase impensável, pela riqueza de detalhes, pela perspicácia das observações e, às vezes, pelo olhar *científico*, que fazem de suas obras referências obrigatórias. Esse grupo talvez possa ser considerado o primeiro time dos viajantes que passaram por Minas, respectivamente: um comerciante, de uma curiosidade invulgar; um engenheiro militar, com o dom de sociólogo; quatro naturalistas, de diversos graus de erudição e capacidade de observação; um diplomata, com uma bagagem literária invejável; e um engenheiro civil, cuja experiência na construção de ferrovias resultou em uma narrativa sobre a vida de trabalhadores comuns. A essa *lista dos melhores* viajantes devem ser acrescentados os nomes do naturalista russo Langsdorff, cuja expedição ao Brasil é relatada em livro recente¹⁰, e do naturalista suíço Johann Jakob von

³ LUCCOCK, John. *Notas sobre Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Tradução de Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

⁴ ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto brasiliensis*. Tradução de Domicio de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979, 2 v; *id.*, *Brasil, novo mundo*. Tradução de Domicio Figueiredo Murta e estudo crítico de João Antônio de Paula. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996 (Coleção Mineiriana).

⁵ SPIX, Johann Baptist von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*. 3 ed. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Melhoramentos, Brasília: INL, 1976.

⁶ SAINT HILAIRE, August de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974; *id.*, *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975; *id.*, *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Tradução de Regina Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975. *id.*, *Segunda Viagem de Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

⁷ GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

⁸ BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976; *id.*, *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.

⁹ WELLS, James W. *Explorando e viajando: três mil milhas através do Brasil - do Rio de Janeiro ao Maranhão*. Tradução de Myrlam Ávila e introdução de Christopher Hill. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 2 v. (Coleção Mineiriana).

¹⁰ KOMISSOROV, Boris et al. *A expedição Langsdorff ao Brasil, 1821 - 1829*. Rio de Janeiro: Alumbramento/Livro Arte, 1988.

Tschudi¹¹, que visitou o Brasil na década de 1850, para avaliar a possibilidade da eventual vinda a várias províncias, inclusive Minas Gerais, de imigrantes helvécios, e cujo relato sobre Minas lamentavelmente ainda permanece inédito, situação a ser modificada brevemente com a sua publicação na *Coleção Mineiriana*.

Talvez porque suas estadas nas Gerais foram curtas demais ou porque às suas observações falta o brilho dos autores enumerados acima, podemos classificar como pertencentes a um segundo time de viajantes os ingleses Mawe¹², Caldcleugh¹³, Walsh¹⁴, Sturz¹⁵, Bunbury¹⁶, North¹⁷ e Dent¹⁸, os alemães Pohl¹⁹ e Freiryss²⁰, o belga d'Ursel²¹ e os franceses Suzannet²² e Ernest de Courcy. Poder-se-ia acrescentar aqui ainda uma série de oficiais das companhias mineratórias inglesas instaladas na província, alguns funcionários estrangeiros do governo provincial e vários professores franceses da Escola da Minas em Ouro Preto. No sentido clássico, no entanto, são mais de vinte viajantes. Durante as primeiras décadas do século passado, com exceção dos ingleses, a maioria desses

¹¹ TSCHUDI, Johann Jakob von. *Reisen durch Süd Amerika*. F. A. Brockhaus, 1866. 5 v. Os volumes 2 e 3 contêm cerca de 450 páginas que tratam da passagem do autor por Minas Gerais.

¹² MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Tradução de Selena Benevides Viana. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978.

¹³ CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America during the years 1819-20-21: containing an account of the present state of Brazil. Buenos Ayres and Chile*. London: John Murray, 1825. 2 v.

¹⁴ WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. London: Frederick Westly, A. H. Davis, 1830. 2 v.

¹⁵ STURZ, J. J. *A review, financial, statistical & commercial of the empire of Brazil and its resources: together with a suggestion of the expediency and mode of admitting brazilian and other foreign sugar into Great Britain for refining and exportation*. London: Effingham, Wilson, 1837.

¹⁶ BUNBURY, Charles James Fox. *Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais*. *Anais da Biblioteca Nacional*, 62, p. 5-135, 1940.

¹⁷ NORTH, Marianne. *Recollections of a happy life*. London: Macmillan, 1892.

¹⁸ DENT, Hastings Charles. *A year in Brazil*. London: Kegan Paul, Trench, 1886.

¹⁹ POHL, Johann Emmanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

²⁰ FREIRYSS, G. W. *Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814 e 1815*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 11, p. 158-228, 1907.

²¹ URSEL, Cte. Charles d', *Sud-Amerique. Sejours et voyages au Brésil, a la Plata, au Chile, en Bolivie et au Perou*. 2 ed. Paris: Plon, 1879.

²² SUZANET, Conde de, *O Brasil em 1845*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957.

estrangeiros veio ao Brasil, em missões oficiais ou semi-oficiais, em nome dos governos de seus países (Eschwege era funcionário da Coroa portuguesa). Já na segunda metade do Oitocentos, salvo Tschudi, os viajantes vieram apenas na condição de cidadãos comuns, sem representação oficial e por motivos variados.

No caso do Visconde de Courcy, é difícil não concluir que a viagem de 1886 objetivava inspecionar certas minas auríferas localizadas na Zona Metalúrgica da Província e pertencentes a empreendimentos europeus. Afinal, ausentou-se da França por pouco mais de dois meses e dirigiu-se quase que exclusivamente à região central de Minas Gerais após sua chegada ao Rio de Janeiro. Um dos acompanhantes incógnitos ao longo de todo o percurso, um certo Sr. B..., é logo identificado como administrador de minas, e mais tarde tornar-se-iam claras as suas ligações com a companhia The Ouro Preto Gold Mines of Brazil Limited, cuja principal propriedade mineratória era a mina de Passagem, situada perto de Mariana. O fato de o convite para visitar a região ter partido do Sr. B... dois anos antes, ou seja, logo após a aquisição das minas de Passagem, Raposos, Espírito Santo e Borges e a formação da companhia, sugere que se tratasse de uma espécie de viagem promocional destinada a estimular a compra de ações no empreendimento por parte de investidores franceses em potencial. A respeito, é bom lembrar que a Ouro Preto Gold Mines foi a primeira empresa de mineração europeia a ser capitalizada na bolsa de Paris. Curiosamente, no entanto, o Visconde de Courcy constantemente faz referência à companhia como se fosse inglesa. Se se trata de um equívoco por parte do autor ou de um sinal de que o empreendimento foi organizado por ingleses e promovido na França, é difícil determinar. O professor Paul Ferrand, no segundo volume de seu *L'or à Minas Geraes (Brésil)*²³, certamente deixa a impressão de que a companhia era administrada por franceses. Talvez no início das operações a influência inglesa fosse maior e, portanto, nosso autor não estivesse equivocado. De qualquer forma, o relato superficial de de Courcy sobre o funcionamento das minas de Ouro Preto não teria representado uma peça promocional de grande valor.

De uma coisa pode-se ter certeza: o Visconde Ernest de Courcy era um monarquista mais que convicto. Mal iniciada a partida do porto de Bourdeaux, os leitores são brindados com comentários sobre a má-fé dos deputados republicanos da região. Na verdade, o tema da beneficência do regime monár-

²³ FERRAND, Paul, *L'or à Minas Geraes (Brésil)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1913. 2 v.

quico permeia toda a obra. Durante a rápida parada em Lisboa, a caminho do Brasil, de Courcy pôde presenciar as festividades que se seguiram ao casamento do príncipe herdeiro luso com a “filha do Chefe da Casa da França”. O entusiasmo demonstrado pelo fiel povo português por ocasião desse evento momentoso é objeto de elogios efusivos. Ao finalizar seus comentários sobre o acontecimento, de Courcy avisa aos republicanos franceses que “não poderão jamais dar a seu país (...) a felicidade, a tranqüilidade, a prosperidade de que usufrui Portugal”. Na mais patética de suas ruminções monarquistas, pouco antes de dar entrada na Baía de Guanabara, o autor visivelmente se emociona com o suposto perfil do rei Luís XVI, “estendido em um sarcófago colossal”, projetado pelas montanhas da Serra do Mar.

Tais sentimentos monarquistas de certa forma servem como pano de fundo às observações de de Courcy sobre o Brasil. Na verdade, esse aristocrata francês parte para sua visita ao Império do Brasil já predisposto a encontrar um reino quase que perfeito, quem sabe, a monarquia exemplar em pleno solo do continente americano, onde, de resto, grassam o caos e a impropriedade republicanos. A confirmação dessa prévia visão favorável vem logo na chegada ao Rio de Janeiro, quando do encontro do autor com Sua Majestade, Dom Pedro II – sempre descrito como sábio, honrado e justo – e é reforçada por uma segunda visita ao São Cristóvão, realizada pouco antes de zarpar de volta à França. Herdeiro que era de uma longa e refinada tradição aristocrática, no entanto, de Courcy não hesita em criticar a rudeza dos palácios reais no Rio de Janeiro e em Petrópolis.

Para além de sua disposição de agradar-se com um regime e um monarca sem defeitos, de Courcy parece determinado a enxergar um Brasil tranqüilo, sem qualquer sugestão de problemas imediatos, e destinado a um futuro próspero e ordenado. Embora talvez ainda não fosse possível, em 1836, vislumbrar a aguda agitação abolicionista que viria a eclodir nos meses que precederam a emancipação final dos escravos (em termos de crises sociais e políticas, a década de 1880 só foi ultrapassada pelos anos 30 e a Regência na História do Brasil do século XIX), nada disso transparece nos relatos do Visconde. Com efeito, chama atenção a aparente falta de desconforto de de Courcy ao ser confrontado com a última população escrava das Américas, atitude comum entre os estrangeiros que visitaram o Brasil, particularmente após 1850. O autor poucas vezes faz referência direta à existência de cativos ao

longo do texto. Apenas no penúltimo capítulo, quando faz sua avaliação geral do Brasil, é que menciona a instituição da escravidão. O leitor é, então, informado que dentro de quatro ou cinco anos o cativo terá de terminar pacificamente, com a libertação dos poucos escravos restantes, graças às sábias leis promulgadas pelo governo imperial. Da mesma forma, não faz menção à crise entre a Igreja e o Estado, ao “maldito” movimento republicano, nem, tampouco, ao próprio movimento abolicionista. É certo que de Courcy formou sua opinião sobre a pacificidade do processo abolicionista baseado em conversas com brasileiros e outros estrangeiros com quem conviveu durante a viagem. E, como no caso de quase todos os viajantes, pode-se afirmar que os contatos mantidos por de Courcy limitaram-se aos estratos mais altos da sociedade brasileira do período. Porém, fatores como o conservadorismo nato do Visconde, sua predisposição a julgar favoravelmente o Império e a impossibilidade de se comunicar em português como que bloquearam qualquer capacidade crítica que eventualmente tivesse.

Na apreciação de determinados episódios da História do Brasil, de Courcy informa, por exemplo, que Tiradentes, líder de uma conspiração republicana travada em 1797 *[sic]*, fora um rico proprietário de Ouro Preto; que os primeiros 150 anos de colonização do Brasil são reduzidos a uma concorrência entre portugueses e holandeses (sem qualquer menção ao desenvolvimento da indústria açucareira); que a descoberta de metais e pedras preciosas em meados do século XVII teria finalmente despertado as energias da Coroa portuguesa para a tarefa de garantir a segurança de sua Colônia americana contra as ameaças das demais potências européias; e que a descoberta e a conquista do Brasil teriam ocorrido na praia da Barra, em Salvador, onde o primeiro português, ao desembarcar, afugentou com *um* tiro os furibundos indígenas, antropófagos, naturalmente²⁴. Igualmente pitoresco é o relato de que, durante “muito tempo”, as cidades de Mariana e Ouro Preto desconheciam a existência uma da outra, situação somente remediada quando os habitantes daquela perceberam as águas turvas do Ribeirão do Carmo, causadas pelos trabalhos de mineração realizados nesta. Outros exemplos inusitados dessa

²⁴ Essa noção de superioridade tecnológica européia conquistando povos incultos através de façanhas de uma simplicidade até ridícula era bastante difundida no final do século XIX. Ver: ADAS, Micheal. *Machines as measures of men: science, technology, and ideologies of western domination*. Ithaca: Cornell University, 1989.

história *truncada* do Brasil poderiam ser citados, mas fica aos leitores a oportunidade de desfrutarem alguns prazeres próprios.

Tais preciosidades acabam por sugerir um interessante campo de investigação séria: estaríamos diante de versões correntes da História do Brasil no final do século XIX – e, portanto, de exemplos de uma história/lenda popular e/ou popularesca – ou de Courcy teria sido vítima de contadores de casos bem criativos e fluentes em francês?

O preconceito racial, bem de acordo com os achados da antropologia positivista tão em voga na época, também permeia as observações do Visconde de Courcy. Em certos momentos, ele chega a ter medo dos negros, cujas feições são consideradas simplesmente “animalescas”. Tipicamente, posiciona-se contra o ensino leigo e obrigatório no Brasil, emendando com a seguinte farpa racista: “Vejam daqui os negros lendo o *Rapel* e o *Cri du Peuple!*” Com opiniões dessa natureza, de Courcy se alia ao seu compatriota e também viajante contemporâneo, Louis Couty²⁵. É, no mínimo, curioso comparar tais atitudes diante de povos de origem africana, componentes certos da bagagem *científica* europeia no final do Oitocentos, com as observações mais equilibradas do grande antecessor francês, Auguste de Saint Hilaire, talvez o melhor e mais informativo de todos os autores estrangeiros a visitar o Brasil durante o século passado.

O itinerário da viagem de de Courcy não nos oferece nada de original: inicia-se em Bourdeaux, passa por La Coruña, Vigo, Lisboa, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, de onde prossegue direto para a região central de Minas Gerais. As descrições de cada cidade são bastante parecidas, todas breves e superficiais. Recife e Salvador são consideradas prósperas e bem situadas. Como todos os viajantes estrangeiros que passaram pelas cidades brasileiras durante o período escravista, de Courcy impressiona-se com a vitalidade do comércio de rua, caracterizado pela ubiqüidade das vendedoras negras. A grande beleza do sítio do Rio de Janeiro, sua densidade populacional e prosperidade são destacadas pelo autor. Já das cidades mineiras, apenas Juiz de Fora merece menção maior, de novo, por seu próspero semblante.

De Courcy, especialmente, entusiasma-se com a exuberância da flora

²⁵ COUTY, Louis. *A escravidão no Brasil*. Tradução de Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1988.

brasileira e com as paisagens montanhosas, em particular a da Serra do Mar, entre o Rio de Janeiro e Minas. As montanhas da província mineira são uma fonte de fascínio constante, bem como as várias espécies de macacos que habitam as matas mais densas. Nota-se também um vivo interesse pelos índios selvagens. Porém, os comentários sobre os povos indígenas são baseados em conversas com terceiros e, portanto, sofrem da já mencionada credulidade do Visconde.

Se é certo que o motivo maior da viagem de de Courcy foi o de inspecionar as minas auríferas da Ouro Preto Gold Mines, a descrição que faz delas deixa de atender completamente às expectativas. De acordo com Ferrand, era de se esperar que pelo menos a Mina de Passagem fosse exemplar na utilização de técnicas e métodos modernos; ou seja, que fosse uma operação já bem encaminhada em direção à aplicação da energia elétrica a todo um arsenal de equipamentos avançados para a época. Embora de Courcy, efetivamente, vislumbre a possibilidade do uso da eletricidade num futuro ainda distante, seu relato sobre a mina, como o de viajantes anteriores, enfatiza a utilização engenhosa de força hidráulica para mover uma maquinaria diversificada (ventiladores, bombas d'água, pilões, pequenas ferrovias para transportar o minério, etc.). Quando da visita de de Courcy, os trabalhos nas minas de Raposos, Espírito Santo e Borges ainda eram exploratórios, o que justifica o caráter um tanto superficial de suas observações. As cifras sobre a produtividade da Mina de Passagem carecem de maior detalhamento, mal servindo para uma avaliação por parte de eventuais investidores. O que se tem em abundância são planos da expansão por todos os lados e em todas as minas, porém não há referência à forma de como financiá-los.

Quanto à força de trabalho, o texto permite inferir o emprego de escravos e escravas, que seriam, muito provavelmente, alugados. Embora - apesar da proximidade no tempo da emancipação geral - o recurso ao trabalho escravo por parte das minerações estrangeiras em nada nos surpreenda, as pistas deixadas por de Courcy são importantes, pois o opositor ao regime escravista, Ferrand, deliberadamente exclui qualquer menção ao emprego de mão-de-obra cativa na Mina de Passagem em sua obra. Mais interessantes ainda são as revelações do autor relativas ao emprego de um número indeterminado de trabalhadores italianos na Ouro Preto Gold Mines. Provavelmente, trata-se do mesmo grupo mencionado por Ferrand, referindo-se ao ano de 1893. É um exemplo bastante

incomum da vinda a Minas Gerais, ainda no período escravista, de imigrantes assalariados oriundos da Europa meridional, e merece estudos futuros.

De Courcy também realizou visita à Mina de Morro Velho poucos meses antes do grande desastre que iria paralisar suas operações durante vários anos. A descrição de sua visita inclui a descida aos poços mais profundos das escavações, muito parecida com a de Burton e a do Conde d'Ursel. De Courcy confirma a existência de uma grande força de trabalho, incluindo cerca de quatrocentos escravos e um contingente considerável de imigrantes chineses, uma curiosa experimentação por parte da Saint John D'El Rey Company ainda pouco estudada. O autor impressiona-se com a qualidade e quantidade das madeiras consumidas pela Morro Velho, e é informado de que, se fosse economicamente viável transportar as toras preparadas até os portos, os lucros seriam maiores que os auferidos com a produção de ouro. O informante, um funcionário inglês, ainda tempera a conversa com a afirmação de que a companhia contrata lenhadores "índios". Já um contador da Saint John alega para de Courcy que o sistema de aluguel de escravos é uma espécie de farsa, uma vez que a companhia estaria financiando, por debaixo dos panos, a compra de cativos pelos locadores, os quais, por sua vez, quase nada recebem em pagamentos de aluguéis. Trata-se de uma alegação muito séria e certamente não confirmada pela documentação contábil relativa à locação de escravos existente no acervo da atual Mineração Morro Velho²⁶. Podemos suspeitar que esses altos funcionários da Saint John se regozijavam bastante contando casos ao viajante francês, mas seria prudente investigar melhor as alegações do contador.

O anfitrião de de Courcy na Morro Velho foi o então jovem George Chalmers, legendário superintendente da Saint John durante quarenta anos. O Visconde também se encontrou com duas figuras preeminentes na fundação e consolidação da prestigiosa Escola de Minas de Ouro Preto: os professores Henri Gorceix e Paul Ferrand. Os relatos sobre suas conversas com os três são meramente perfunctórios, o que não deixa de ser frustrante, na medida em que seria extremamente interessante poder desfrutar um pouco da intimidade desses personagens de destaque, pois, como estrangeiros plenamente

²⁶ SAINT JOHN d'EL REY MINING COMPANY. *Slave hire register*, 1874-1880. (Parte do acervo da Mineração Morro Velho, Nova Lima - MG, atualmente em fase de organização.) Diga-se de passagem, aliás, que a lista de locadores de escravos à Morro Velho parece um arrolamento de sobrenomes do maior prestígio social da província naquela época.

engajados na vida cotidiana da região, é de se supor que tivessem opiniões bastante próprias sobre Minas Gerais e o Brasil. O registro da entrevista com o então presidente da Província, Francisco Faria Lemos, igualmente, frustra as expectativas quanto à revelação de fatos importantes daquele momento.

Como o leitor já terá percebido, o Visconde Ernest de Courcy talvez não tenha sido um viajante de grande valor informativo, mas suas considerações, mesmo limitadas, constituem fonte de pesquisa sobre fatos de nossa história.

VISCONDE ERNEST DE COURCY

SEIS SEMANAS NAS MINAS DE OURO DO BRASIL

RIO DE JANEIRO - OURO PRETO
SÃO JOÃO DEL-REI - PETRÓPOLIS

Com desenhos do autor

DEDICATÓRIA

A MINHA FILHA

27

Ao te dedicar estes relatos de viagens, minha cara criança, apenas pago um justo tributo ao meu pensamento, que incessantemente se dirigia a ti durante a ausência.

Guarda assim estas lembranças, que te permitirão seguir-me passo a passo nessas regiões longínquas. Elas também serão para ti, assim espero, uma nova prova de minha terna afeição.

TEU PAI.

PRÓLOGO

A 22 de maio de 1886, eu partia para o Brasil, em companhia dos srs. H. B... e do barão de P..., a bordo do *Aconcágua*, navio inglês que pertencia à Companhia Steam Navigation Pacific e fazia o serviço do Brasil e do Chile.

Meus dois companheiros de viagem, pelo espírito, pelo caráter e pelo valor pessoal, eram para mim garantias seguras do ponto de vista da recreação; além do mais, eu tinha grande interesse em visitar minas auríferas nesse longínquo país. Já tinha ouvido falar muito delas e fazia questão de tomar conhecimento, por mim mesmo, de tudo o que me fora dito a respeito.

O sr. B..., administrador da grande companhia inglesa que as explora, havia ido inspecioná-las dois anos antes; ao voltar mais uma vez a elas, insistira de modo amável para que nos decidíssemos a acompanhá-lo, de modo que o barão e eu nos deixamos seduzir.

Foi assim que, a 21 de maio, nos vimos reunidos em Bordeaux, prontos a embarcar no dia seguinte no vapor inglês proveniente de Liverpool, seu porto de registro.

O barão de P..., proprietário no Médoc, desejando inaugurar agradavelmente nossa associação, convidou-nos a jantar em seu castelo, situado a cerca de uma hora da cidade. A refeição em Breillan foi das mais agradáveis, a hospitalidade a mais cordial, e, depois de termos falado alegremente de nossa viagem, enquanto degustávamos o excelente vinho de nosso amável anfitrião, retomamos de carro o caminho de Bordeaux numa noite perfeita.

PARTIDA DE BORDEAUX

O *Aconcagua*, tendo partido de Liverpool no dia 19, estava ancorado em Pauillac já no dia 21, após uma travessia de 55 horas.

A 22 de maio, às dez horas da manhã, embarcamos em um pequeno vapor que fazia o serviço dos grandes transatlânticos ancorados em Pauillac, a sete léguas a jusante da capital do Languedoc, cujo porto não é suficientemente profundo para os navios de grande tonelagem.

Há dezoito anos, para felicidade da França e em particular para a de Bordeaux, o departamento da Gironde manda para a câmara deputados republicanos que, a cada nova eleição, prometem a seus eleitores o aprofundamento do porto, o que faz com que sejam eleitos e aclamados. Tão logo nomeados, evitam usar sua influência junto aos ministros, seus compadres, para a execução dos trabalhos, temendo, com razão talvez, que, uma vez completados estes e tendo os eleitores menos necessidade dos deputados, os abandonem para se fazerem representar por personagens mais independentes. Nessa espera, o porto de Bordeaux se enche cada vez mais de areia e o comércio sofre tanto da ingenuidade de uns quanto da fanfarronada de outros.

Quanto durará essa triste comédia?

Subimos então a bordo do pequeno vapor diante das colunas rostrais, que marcam a entrada de uma grande praça ao lado dos cais.

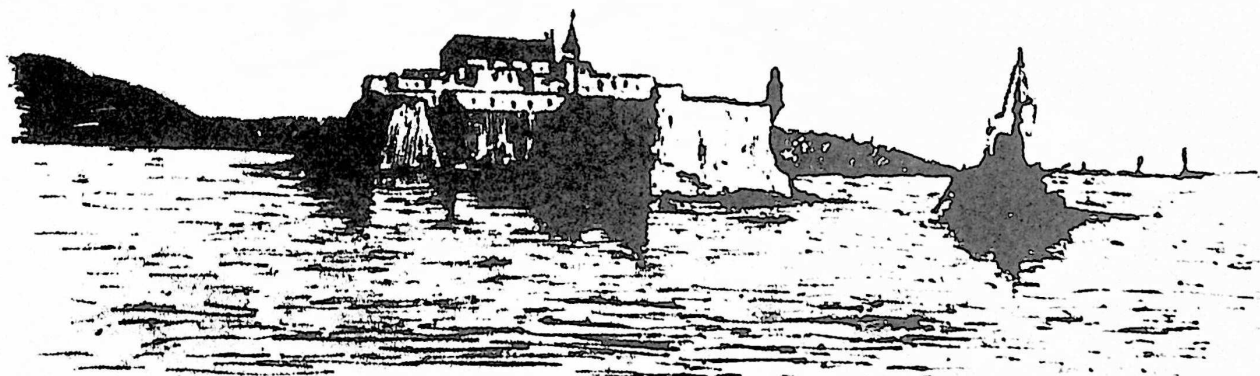
Muitos amigos vêm despedir-se do barão, que, lornhão no olho, um enorme cantil a tiracolo à maneira de binóculo, o jarrete esticado e um ar indizível de satisfação em toda sua pessoa, abre a marcha sobre a pequena ponte, por onde o seguimos com prontidão.

Nossos futuros companheiros de viagem não são numerosos.

Estando presente o representante da Companhia Steam Navigation Pacific, apresentamo-nos a ele, que nos oferece seus bons ofícios do modo mais amável com vista a nossa instalação no *Aconcagua*.

Às duas horas e meia estávamos a bordo do grande vapor, cujas belas proporções admirávamos. Tem capacidade de 4.500 toneladas, mede 120 metros de comprimento por 18 de largura e conta com uma máquina de 600 cavalos.

Como vieram poucos passageiros de Liverpool, o oficial deixa-nos escolher nossas cabines, e cada um de nós se instala sozinho na sua, o que é inestimável para uma longa travessia. Além do mais, B..., que sabe usufruir de sua fortuna a



Rochedo de Santa Cruz (vapor inglês, perdido em 1885).

fim de se propiciar por toda parte o bem-estar em todas as coisas, alugou o salão do comandante, de modo que em um instante estamos instalados como reis, cada um tendo seu apartamento e uma encantadora *drawing-room** na ponte.

Mal estávamos instalados, um amigo de B... sobe a bordo e lhe apresenta uma jovem e bela mulher que faria conosco a viagem para o Rio de Janeiro, onde irá encontrar o marido, que se ocupa de grandes empreendimentos no Novo Mundo. Por suas maneiras graciosas, todos procuramos ser solícitos com ela e já temos assegurada, durante nossa temporada a bordo, uma amável companhia, o que não deixa de lhe dar, desde o início, um inesperado encanto.

Enfim, o sino da partida se faz ouvir, os amigos do barão nos apertam a mão, outros se abraçam; alguns lenços enxugam uma lágrima furtiva; talvez a de uma mãe dizendo adeus ao filho, de uma mulher ao marido, e o *Aconcagua* permanece isolado, esperando a maré montante, que deve fazê-lo girar em suas correntes diante da embocadura do rio.

Às quatro horas, com o fluxo, levantamos âncora, e nosso grande navio se põe lentamente em marcha, deslizando majestosamente sobre as ondas, como que impulsionado por uma potência desconhecida.

Saudamos Royan à direita, Pointe-de-Grave à esquerda, depois, contornando o recife de Cordouan, cujas luzes intermitentes acusam sua presença, lançamo-nos em pleno mar em uma noite estupenda, dizendo não adeus, mas até breve a esta cara França e a tantas doces afeições, às quais enviamos do fundo do coração nossos mais íntimos e ternos pensamentos.

Só devemos rever terra ao chegar a La Coruña. Separamo-nos cedo, e no dia seguinte cada um relatará os incidentes de sua primeira noite a bordo.

De repente, P... surge sobre a ponte em um estado de exasperação terrível. Nós o cercamos pensando em alguma desgraça. Ele nos relata então, com voz emocionada, que, tendo escolhido a última cabine em sentido contrário ao salão, a fim de evitar o incômodo dos vizinhos, os ingleses e as inglesas cantaram, tocaram piano, miaram a noite toda, que ele não pôde fechar os olhos, que estes são abusos intoleráveis e que ele dirigirá queixas sérias ao comandante.

Vendo-nos rir, ele se acalma, e nós o persuadimos de que todos esses cantos não passam de cânticos ensaiados antecipadamente para o serviço protestante do dia seguinte, domingo.

* Em inglês, no original, "sala de estar" (N. do T.).

O sino do almoço às dez horas nos reúne à mesa. Jantaremos à uma hora, o lanche será às seis e o chá às oito.

Como se vê, come-se muito a bordo dos vapores do Pacífico. Mas que tristes banquetes! Meu Deus! É preciso saber que não há nem carnes, nem legumes frescos a bordo; somos alimentados com carnes conservadas em gelo, proveniente de Chicago ou de não sei onde... *via* Liverpool. Esses comestíveis servidos aos viajantes estão, portanto, algumas vezes gelados há cinco ou seis meses. Há no *Aconcagua* uma imensa câmara frigorífica sempre com temperatura de quatro a cinco graus abaixo de zero, onde se podem contemplar as massas enormes de vitualhas destinadas ao pessoal do navio durante meses inteiros.

Todas essas iguarias têm, no entanto, bom aspecto, mas não é possível imaginar até onde o congelamento a que os alimentos foram submetidos lhes dá com o tempo um gosto insípido e repulsivo. Entre o boi, a ave, o carneiro, não há qualquer diferença. O barão, que é conhecedor de boa comida, não fica satisfeito e protesta muito. No entanto, como não há remédio para esse estado de coisas, ele e todos nós nos resignamos alegremente.

Essa ausência de carnes frescas foi-nos talvez tanto mais sensível na medida em que, ao embarcar, tínhamos visto na ponte soberbos animais de chifres que pareciam dever assegurar-nos excelentes cozidos. Mas parece que são bovinos Durham a caminho, com a finalidade de melhorar a raça dos rebanhos de um riquíssimo proprietário do Chile.

Quando chegarem a seu destino, cada um desses animais valerá 10 mil francos.

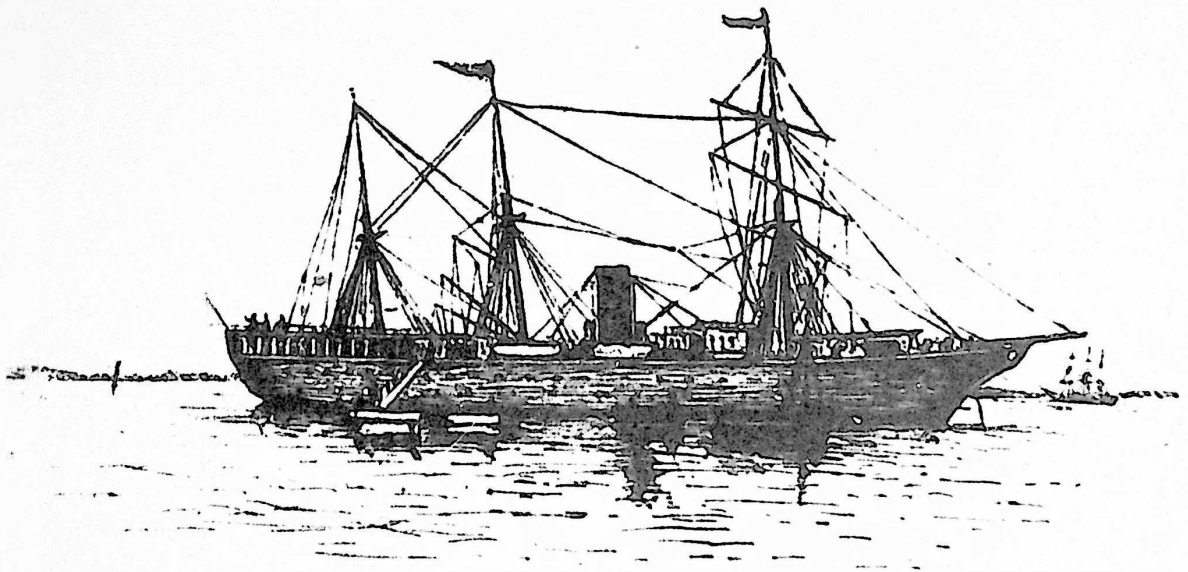
Há pouco recurso de conversa a bordo, salvo um antigo ministro do Império do Brasil que volta à sua pátria com a família. Parece que foi enviado à Europa por seu governo para estudar os sistemas de educação popular em uso nos diversos Estados do velho continente.

Espera-se que Dom Pedro II, que é um sábio, não vá, por amor à ciência, introduzir entre seu povo a instrução leiga e obrigatória!

Vejam daqui os negros lendo o *Rappel* e o *Cri du Peuple*!

Entre os passageiros, eu havia observado um jovem grande, de aspecto simpático, muito modesto de maneiras, vestido de negro e trazendo sapatos com fivelas de metal. Eu o tomava por um pastor protestante.

Tendo embarcado em Bordeaux ao mesmo tempo que nós, eu fora tocado



O Aconcagua.

pela modéstia de sua bagagem, uma pobre e pequena mala, que devia estar bem leve, pois ele mesmo a trazia debaixo do braço. Ele me chamava a atenção, e, aproveitando esses passeios sem fim que se fazem na ponte, dirigi-lhe a palavra. Fiquei sabendo então que era missionário católico e que o enviavam ao Senegal para fundar uma nova missão na África central.

– O senhor espera, padre, ficar muito tempo na África?

– Mas, senhor, disse-me ele simplesmente, para sempre.

– Como para sempre! Repeti com uma espécie de assombro; assim o senhor acaba de deixar sua família, seus amigos, sem esperança de retorno!...

– Sim, diz-me ele com voz emocionada, mas firme.

Contemplei com mais interesse ainda esse belo jovem cheio de vida e de saúde; seu olhar era calmo, sua atitude simples e digna. Depois de um longo silêncio, cheio de admiração diante de um devotamento tão heróico, desculpei-me por ter vindo perturbar os graves pensamentos que um sacrifício como esse devia fazer vibrar nele. Então aduziu:

– Estou triste por pensar em minha mãe; quanto a mim, tomei a melhor parte, pois a vida nada é perto da eternidade.

É preciso ter visto esses nobres mártires do cristianismo, ter conversado com eles, para compreender o que há de admirável e de sublime em sua abnegação de todas as coisas neste mundo.

Senti-me profundamente comovido no fundo da alma com essa conversa. Apertei com respeito a mão desse nobre herói da Fé Cristã, sentindo-me por demais indigno perto de semelhantes virtudes.

CHEGADA A LA CORUÑA

Quinta-feira, 24, já às cinco horas da manhã, somos despertados pelo ruído do apito do *Aconcagua*. Num piscar de olhos, todos estão na ponte. Estamos na enseada de La Coruña, que é bela e grande. A cidade se estende aos pés de costas verdejantes. Tem um aspecto singular, por suas casas pintadas de cores vivas, erguidas com três ou quatro andares, parecendo ser de alto a baixo imensas molduras com vidro.

Todas, de fato, têm as fachadas inteiramente cobertas de galerias fechadas, onde à noite as famílias se reúnem. Os passantes podem então ver da rua

as belas jovens espanholas dedicadas a seus lazeres ou a suas ocupações.

Esse costume particular da poética Espanha e de certas ilhas de suas colônias faz compreender e inspira as baladas com acompanhamento de guitarras, arrulhadas do lado de fora e cantando o amor.

Na enseada ao sul, um pequeno forte dirige a entrada do porto cercado de recifes, vendo-se sobre um deles os restos de um vapor inglês, que no ano anterior aí se destroçou.

Precisávamos da livre prática e ainda da visita do serviço de saúde, para que pudéssemos descer a terra; mas na Espanha a administração não gosta de se levantar cedo. Tínhamos chegado às cinco horas da manhã, mas somente às oito horas e meia, por insistentemente termos feito vibrar todos os ecos da costa com o apito de nossa máquina, foi que conseguimos despertar as autoridades sanitárias. Somente então nos permitem desembarcar.

Nossa primeira visita foi ao mercado, que nos ofereceu todos os recursos desejáveis. Os dois marinheiros espanhóis que nos guiaram foram logo carregados de provisões frescas.

O céu, até então brumoso, mostra-se clemente, e um sol esplêndido, ao surgir, dá a todo esse mundo que nos cerca um aspecto verdadeiramente curioso.

Todas as mulheres da Galícia chegadas do interior usam o traje nacional, saias curtas e lenços de cores vistosas; os homens, em calções e paletós bordados, de rostos morenos e expressivos, o manto jogado no ombro, o grande sombreiro sobre a cabeça, lembram as velhas lendas espanholas que nos emocionaram tanto em nossa infância.

Saindo do mercado, ao virar uma rua calçada com grandes pedras, vimos-nos diante de uma fonte, em torno da qual estão agrupadas umas 50 mulheres que aí vêm buscar água em grandes cântaros. Esse grupo variadamente colorido e jovem na maioria, com falas alegres e ruidosas, de grandes olhos expressivos, de dentes brilhando de brancos, refletindo em sua fisionomia ao mesmo tempo o prazer e a curiosidade de nos ver, o todo iluminado pelo sol incomparável da bela Espanha, arranca-nos uma expressão de admiração.

Infelizmente é preciso pensar no retorno. Entramos em uma estalagem para degustar o chocolate, que somente os espanhóis sabem tão bem preparar, e voltamos apressados para nosso escaler.

VIGO

Nosso capitão fica muito insatisfeito com o atraso que o serviço de saúde lhe ocasionou. Parece muito desejoso de apressar nossa chegada a Vigo, que ele queria, segundo nos diz, alcançar naquela noite mesmo.

O tempo permanece bom, e retomamos o mar ao meio-dia, contornando o rochedo de Santa Cruz a umas tantas braças do navio naufragado. Vemo-lo literalmente cortado em dois; esses dois enormes pedaços separados um do outro por uma ponta de rochedo permanecem como que suspensos sobre as ondas.

O dia passa rápido, margeando as costas da Espanha, cujas montanhas cobertas de azul e de rosa são de efeito encantador. Dobramos o cabo Finisterra, que fecha ao sul o golfo da Gasconha. O navio desenvolve 15 nós. O comandante quer chegar cedo a Vigo.

Muitas embarcações em nossa rota sulcam essas paragens: é a linha comercial da Espanha, de Portugal e de todo o trânsito do Mediterrâneo.

Na entrada do porto profundo da bela cidade de Vigo, ocorre fato bastante misterioso.

São oito horas da noite, a noite é negra, o navio diminui sua marcha, de repente uma grande chalupa surge da escuridão e se aproxima. Parece que é esperada, pois de imediato paramos, mas sem ruído, sem pergunta, lançam-lhe uma amarra; arria-se a escada e uma quinzena de indivíduos sobe a bordo. Não se lhes pede qualquer papel; chegam silenciosamente sobre a ponte, uns após outros, e desaparecem pela escada da proa nos flancos do *Aconcágua*.

Tão logo embarcados, solta-se a amarra. A chalupa desaparece na noite, a escada é içada, e o navio retoma sua marcha para Vigo.

Não sei se pegamos a chave dessa aventura; em todo caso, cada um dá livre curso a sua imaginação, o que anima as conversas a bordo.

Tendo chegado ao porto de Vigo, a Alfândega e a Saúde aparecem. Soldados armados guardam o alto da escada, e cada passageiro que se apresenta é obrigado a exhibir os papéis, que são examinados com o maior cuidado... Mas o golpe estava dado, se realmente houve golpe!

Ao nascer do dia, podemos admirar a interessante cidade de Vigo, construída em anfiteatro ao fundo de uma grande enseada cujas águas banham os sopés de montanhas com aspecto vicejante e fértil.

Infelizmente, não podemos descer a terra; parece que se tem pressa de se afastar desses lugares, e às nove horas da manhã de 25, numa deliciosa manhã, a proa afilada do *Aconcágua* mergulha de novo no mar, fazendo jorrar em torno dela a espuma prateada do oceano.

LISBOA

Mais dezesseis horas e entraremos no Tejo, esse rio legendário e poético, testemunha de tantas grandezas e de onde se lançaram tantos heróis à conquista do Novo Mundo.

Infelizmente chegamos à noite.

Apenas na terça-feira, 26, ao nascer do dia, pudemos então nos dar conta do lugar em que nos encontrávamos.

Meio oculta de início por uma bruma que se rasga pouco a pouco, como a gaze transparente de uma beleza que surge das ondas, Lisboa nos aparece.

Estamos fundeados em plena enseada, a 800 metros dos cais aproximadamente; desse ponto, a vista pode abarcar toda a extensão do soberbo panorama que se estende em torno de nós.

Incontáveis navios estão ancorados, formando o primeiro plano do quadro. Mais adiante a cidade coroa colinas onduladas, de onde se erguem as flechas das igrejas. Depois, palácios, casas pintadas de azul, rosa, verde, sobressaindo no meio dessa miríade de construções, se estendem ao infinito pela margem direita do Tejo. Esse conjunto é de um efeito mágico.

Tudo o que nos cerca parece em festa. De todos os lados, no porto, no alto dos edifícios, no cimo dos mastros, bandeiras e auriflomas balançam erguidas pela brisa da manhã; pequenos vapores embandeirados com as cores da França e de Portugal deslizam e se entrecruzam no meio dos grandes navios.

É que S. A. R., o senhor duque de Bragança, príncipe herdeiro do trono de Portugal, acaba de esposar a princesa Amélia, filha do chefe da Casa de França; é que esse povo fiel a suas velhas tradições ainda está sob a impressão do entusiasmo que sentiu há dois dias, ao ver chegar em seu meio essa graciosa princesa ao lado de seu príncipe bem-amado.

Ele se sente orgulhoso pela aliança de seu futuro soberano com a ilustre Casa dos Bourbons e sabe que, ao prestar homenagem àquela que um dia será

rainha de Portugal, acaba de conquistar nela um anjo de bondade e de virtude.

Pelas oito horas, como todas as formalidades de uso estão cumpridas, autorizam-nos a descer a terra. Infelizmente será preciso voltar a bordo à uma hora. Apressamo-nos.

Uma chalupa nos conduz à escada da alfândega, e entramos na cidade sob um belo arco de triunfo erguido em memória do rei Jorge. Esse monumento fronteiro ao Tejo fecha a entrada de uma praça, no meio da qual se ergue a estátua eqüestre do rei. As construções que a cercam são destinadas ao serviço da alfândega.

A cidade está toda embandeirada, e não é sem uma suave e profunda emoção que vemos as três flores de lis do Escudo da França encimadas por nossa bandeira nacional.

Na verdade e sem partidarismo, elas fazem melhor efeito que as duas tristes letras R.F., que, em nossa cara pátria, ornem sozinhas os brasões da República Francesa.

Peço desculpas aos republicanos sinceros e convictos, mas não temo dizer, sem partidarismo, que não poderão jamais dar a seu país, mesmo que dotados das maiores virtudes cívicas, a felicidade, a tranqüilidade, a prosperidade de que usufrui Portugal.

Foi com pesar que nos ocupamos primeiro das coisas indispensáveis a nossa longa travessia.

O mercado nos fornece tudo o que podíamos desejar; em alguns minutos, nosso veículo está cheio de provisões, depois nos dirigimos ao Hotel Central para nos refazer.

Eu estava a contemplar, do terraço que domina o cais, o maravilhoso porto de Lisboa, quando me avisam sobre os franceses que se encontravam em um cômodo vizinho. Indago imediatamente os nomes deles e qual não foi minha alegria ao saber que não eram outros que não os duques de N. e de L. T.

Conhecendo muito um e outro, muito ligado mesmo há longos anos a este último, foi com extremo prazer que fui cumprimentá-los.

O espanto de nos encontrarmos assim reunidos em Lisboa foi geral. Em algumas palavras eles ficaram a par de minha viagem, e eu, por minha vez, os cumulei de perguntas sobre as festas a que tinham vindo assistir.

“O senhor não pode”, disseram-me eles, “imaginar o entusiasmo com que o povo português aclama a família real por toda parte onde ela se apresenta!

Não assistimos a uma manifestação simpática e respeitosa, mas a uma marcha triunfal. Nada pode pintar a franqueza, o calor, a exaltação dos sentimentos que se exprimem diante de nós.

Quanto à princesa Amélia, pelo porte e pela beleza, soube em toda parte conquistar todos os corações, e as aclamações não cessam de ressoar sem interrupção por sua passagem”.

“Fomos ontem a uma grande revista”, diz-me N. “As tropas estavam muito belas, mas curioso foi observar que cada esquadrão, ou batalhão, de início perfeitamente alinhado, quase formava um semicírculo ao desfilar diante da tribuna real, tanto cada soldado se empenhava em ver sua nova princesa; houve aclamações mil vezes repetidas”. “Mas”, continua ele, “o entusiasmo foi realmente ao auge na representação de gala, ontem à noite, no grande teatro.

O rei e a rainha tinham-se levantado para se retirar, quando a jovem duquesa de Bragança, voltando-se sozinha para a parte dianteira do camarote real, fez uma longa reverência a todos os assistentes, com uma graça tão perfeita, uma nobreza tão autêntica, que houve então uma ovação indescritível; era de crer que a sala ia desabar, e, entre os vivas, os bravos e os gritos, os de ‘viva a princesa Amélia’ dominavam todos os outros”.

N. e L. T. queriam reter-me para o almoço, mas eu tinha compromisso com meus amáveis companheiros de viagem; deixei-os então, prometendo voltar para me despedir deles.

Encontrei meus viajantes encantados com o passeio pela cidade, de modo que nosso banquete foi dos mais alegres e agradáveis.

Infelizmente as horas passam rapidamente nos bons momentos da vida; era preciso pensar logo na partida.

Fui despedir-me de meus dois excelentes amigos, que me exprimiram seu pesar por não me poderem acompanhar a bordo, impedidos que estavam por um convite da corte para assistir às corridas que se realizavam naquele mesmo dia.

Tivemos as maiores dificuldades para conseguir uma embarcação, tantos eram os passantes que as chamavam e as procuravam para chegar ao Hipódromo. No entanto, ao meio-dia acabamos por encontrar um escaler, e com uma brisa bastante forte embarcamos apressados.

Mal nos havíamos lançado ao largo, e nossos dois remadores se sentem impotentes para lutar contra o vento e a maré que nos são contrários; felizmente uma chalupa a vapor que fazia a mesma rota que nós teve a gentileza de nos

rebocar; graças a ela uma meia hora depois subíamos a escada do *Aconcágua*.

Estando adiantados, tivemos o prazer de poder contemplar em detalhe essa enseada admirável.

A todo instante grandes navios chegam para fundear no meio de tantos outros já ancorados; vários, ao contrário, se afastam, retomando sua rota para o oceano; além disso, várias chalupas, escaleres, separando-se de suas embarcações de guerra, sulcam o rio em todos os sentidos; adiante, as caravelas portuguesas, com a proa invertida, parecendo desafiar as ondas, cobertas por suas longas velas de cores acobreadas, chegam de alto-mar, trazendo ao porto o fruto de sua pesca.

Esse espetáculo imponente e animado nos faz parecer muito curtas as poucas horas de atraso.

PARTIDA DE LISBOA

Enfim, às três horas o apito de comando se faz ouvir, as correntes da âncora gritam nos cabrestantes. Cinco minutos depois, seguimos e passamos no meio de uma frota de navios de toda as nações, vindo para prestar homenagem ao feliz acontecimento do casamento do príncipe herdeiro de Portugal.

Entre todos esses navios, observamos o *Italiana*, verdadeiro monstro marinho, com capacidade de 15 mil toneladas e com um canhão que pesa 120 mil quilos, sendo que cada uma de suas balas custa a soma fabulosa de 1.700 francos.

Vê-se sobre sua ponte seis chaminés brancas, três na frente, três atrás; um único mastro enorme surge no centro dessa massa negra, cujo aspecto, apesar de suas proporções colossais, nada tem, no entanto, de muito imponente. Esse navio de guerra parece pesado e desengonçado. Custou, sozinho, parece que 35 milhões ao governo italiano.

Quando se pensa que um simples torpedo pequeno, menor talvez que o mais modesto de seus aparelhos de mastreação, pode destruí-lo em um segundo, não se pode deixar de indagar se esse colosso tem razão de ser.

Continuamos em frente, a cidade se afasta cada vez mais, as encostas e os prédios já se confundem no horizonte. Ao pé de uma colina, distinguimos perfeitamente o campo de corridas. Uma massa compacta aí está reunida; o

pavilhão real, enfeitado com bandeiras francesas e portuguesas, mostra-se no centro das tribunas, defronte ao Tejo. Instintivamente erguemos nossos chapéus para saudar por uma última vez esse povo feliz e seus ilustres príncipes.

Passamos diante da torre de Belém, tão célebre pelas lembranças que evoca, tão curiosa pelo estilo mourisco dos mais puros. Ao longe, as torres com ameias do castelo de Sintra, residência de verão dos reis de Portugal, recortam-se no alto de uma montanha, de onde dominam, como de um ninho de águia, o Tejo e o oceano.

O *Aconcágua* retomou seu curso e leva-nos muito rapidamente em nossa opinião. Lisboa desaparece logo, e na curva do rio só percebemos sua existência pelas flechas dos edifícios que se desenham ainda em laca escura contra um céu azul. Mas as margens se afastam cada vez mais; tudo parece escapar a nossos olhos e logo nos encontramos em pleno mar, cujo horizonte sem limite se perde nas nuvens.

NO MAR, DIÁRIO DE BORDO

No momento da partida, aqueles que ficam se dizem os mais tristes; se isto é verdade no primeiro momento, continua a sê-lo durante todo o tempo da ausência? Sabem, aqueles, o que se passa no pensamento do viajante quando a cada passo sente crescer a distância? Sabem quantas vezes talvez, antes de ir mais além na rota das aventuras, uma voz secreta lhe disse: Volte! quando não é mais tempo e que uma força superior o leva independentemente dele?

É inútil dizer, mesmo numa viagem de lazer como a que empreendemos, que não se vê desaparecerem as costas da Europa sem pensar naqueles que se deixa para trás; e quando se contempla a imensidão do oceano com seus insondáveis mistérios, talvez sintamos falta da vida tranqüila que se afasta.

Hávamos deixado as águas do Tejo há muito e tínhamos ainda os olhos presos na terra já perdida na bruma, quando o sino do jantar se fez ouvir.

Íamos tomar nossos lugares na mesa comum, quando B..., que não deixa nunca escapar ocasião de se fazer agradável, nos anuncia que conseguiu que fôssemos servidos no salão sobre a ponte durante o resto da travessia; ele convidou a jovem mulher que lhe fora recomendada e também o sr. de L..., sobrinho-neto do marechal Vaillant, que ia encontrar sua família no Brasil.

O salão, convertido em sala de refeições, está cheio de flores. Tiraram a mais bela prataria de bordo. Nada falta.

Dir-se-ia que tudo foi organizado para fazer esquecer os pensamentos um pouco tristes que talvez perseguiam alguns de nós. A refeição foi muito boa, graças aos víveres frescos com que nos abastecemos. A alegria sobrepôs-se e bebeu-se à França, à Europa, ao Brasil.

Eis-nos, portanto, a caminho para a grande viagem. Doze dias de mar! Só descansaremos em Pernambuco.

Três mil e oitenta e cinco milhas nos separam de lá (1.403 léguas).

Durante nosso banquete, o continente desapareceu; por toda parte o mar sem limites!

Na quinta-feira, 27, encontramos-nos todos bem cedo na ponte, todos ostentando roupas algo originais com vista aos calores tórridos que nos esperam, e combinamos o emprego de nosso tempo a fim de passar nossos dias do modo mais agradável possível.

Fico sabendo que nosso capitão é irlandês e como, depois do que ocorreu na enseada de Vigo, desconfio que seja um pouco feniano, comprazo-me em aproveitar o fato de que fala francês para conversar com ele. Seja por realidade, seja por habilidade, ele expõe as idéias mais sensatas, deplora as do sr. Gladstone sobre o Home Rule Bill, espera que ele seja vencido, mas não lhe perdoa ter levantado essa questão para sempre ameaçadora para a tranqüilidade do Reino Unido.

De conspirador como eu o supunha, começo a ver nesse velho lobo-dormar uma boa figura. O que são as prevenções! Ele está em sua 43ª viagem ao Chile no *Aconcagua*. Tendo-lhe perguntado se, no meio de todas as suas travessias, não lhe ocorreu jamais qualquer infelicidade, ele se torna sério e hesitante; depois continua: "Nunca! Mas não gosto de confessá-lo, pois temo atrair sobre mim a má sorte". Compreendi meu erro e me desculpei... A vida do marinheiro tem seus escrúpulos, suas superstições; é preciso saber respeitá-los!

A 28, com o nascer do dia, atrás de nós, a nordeste, o pico de Tenerife destaca-se ainda em cinza-escuro sobre o horizonte; tínhamos passado por ele à noite. Estamos agora a caminho das ilhas do Cabo Verde, que deixaremos também à nossa direita.

A 29, estando tranqüilamente a conversar na parte traseira do navio, ouvimos de repente tocar o sino de alarme.

Incêndio!

Em um piscar de olhos, todo o mundo se levanta, os empregados, os cozinheiros, todo o pessoal de bordo chega correndo, uns com baldes, outros com mangueiras; alguns saltam nas polias dos escaleres prontos a pô-los na água ao primeiro sinal; as bombas funcionam em menos tempo do que é necessário para escrever a ponte está inundada; cada um está em seu posto; ninguém falta. Corremos até a passarela do capitão, que encontramos calmo e sorridente. Ele nos pergunta como consideramos a manobra.

Felizmente era uma. Só faltava o fogo. Cumprimentamo-lo merecidamente, pois é impossível executar esse exercício com mais ordem, precisão e rapidez... . “De todas as ocorrências que podem sobrevir no mar, o fogo é o único que me preocupa dia e noite”, diz-nos o capitão.

Ele nos mostra sua cabine, seus cronômetros, seus mapas, depois uma bóia de salvamento das mais engenhosas. Um homem cai no mar; jogam-lhe essa bóia na qual está preso um pequeno frasco de ferro batido, cujo gargalo foi furado antecipadamente. Tão logo na água, o conteúdo dessa garrafa pega fogo e ilumina durante três quartos de hora, aproximadamente, a bóia na qual permaneceu presa. É a esperança do infeliz, que à noite vê assim onde está sua salvação.

No domingo, 30, houve o serviço protestante. Todos os oficiais de uniforme de gala estão presentes; a equipagem se enfileira a bombordo e a estibordo. O capitão a passa em inspeção. O oficial de bordo lê em voz alta versículos da Bíblia. Os passageiros da igreja reformada assistem. Tudo se passa com simplicidade e muito recolhimento.

Às cinco horas da tarde, percebemos a ilha de Boa Vista (Cabo Verde), distante várias léguas; só podemos distinguir suas altas montanhas.

Os dias diminuem; às sete horas já é noite. Sentimos que nos aproximamos do Equador; o calor aumenta. Estamos sob os trópicos.

As noites são ideais; todos se deixam ficar na ponte. A superfície do mar, ligeiramente movimentada pela brisa, sob o brilho do astro da noite, parece lameada de prata; as ondas, levantando-se na roda de proa do vapor, lavam-lhe o cavername, para caírem logo em espuma, semelhante a uma poeira de diamante, que parecemos espargir à nossa volta.

Mais avançamos, mais o firmamento se povoa de estrelas. Dir-se-ia que a abóbada celeste vai arder com o fogo dos milhares de constelações que a ilumi-

nam. Sem querer, o olhar aí se prende, como se procurasse surpreender os mistérios.

Um de nossos companheiros nos tira de nossos devaneios ao se entregar a definições astronômicas com precisão e memória espantosas. Descreve-nos a Lua como o cão fiel da Terra, girando em torno dela, enquanto ela própria se desloca em torno do Sol; distante 93 mil léguas e podendo, graças aos aparelhos astronômicos, ser observada como se apenas 45 léguas nos separassem dela; globo 50 vezes menor que o nosso, coberto de montanhas e de crateras, onde não existe ar, nem vapor, e onde, por conseqüência, nenhuma vegetação nem qualquer ser semelhante ao nosso organismo poderiam viver.

Ele nos mostra Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol, percorrendo sua órbita em torno dele com a rapidez assustadora de 12 léguas por segundo. Dezoito vezes menor que a Terra, ele gira em torno dele mesmo em 24 horas, como nosso próprio globo, e, por conseqüência, tem os dias e as estações mais ou menos semelhantes aos nossos; enfim, é cercado por uma atmosfera muito espessa, que tempera os raios do Sol, cujo calor aí se faz sentir sete vezes mais que em nossa esfera.

Depois vem Vênus, ou estrela do Pastor, com suas cadeias de montanhas. Marte, com seus continentes e mares, os pólos sempre cobertos de neve, o clima temperado, onde se supõe, por causa da cor avermelhada, que a vegetação seja vermelha em vez de verde como a nossa.

Ele se deleita em suas descrições de Júpiter, globo imenso, 1.300 vezes maior que nosso mundo e situado a 920 milhões de léguas do astro solar, isto é, 90 vezes mais distante que nosso planeta e onde os frios mais terríveis devem reinar, além de tudo o que nossa imaginação pode conceber.

Essa espécie de conferência improvisada não demorou a reunir os passageiros. Um deles, querendo sem dúvida pôr nosso palestrante em apuros, perguntou-lhe a que distância se encontrava a estrela mais próxima... “Entre aquelas de que o senhor fala, responde-lhe imediatamente nosso inexaurível astrônomo, há uma mais brilhante que as outras, é Sírius! Ei-la! mostrando-a com o dedo... Pois bem, ela está 226 mil vezes mais distante da Terra do que nós do Sol, isto é, 226 mil vezes 37 milhões de léguas. Ora, como a rapidez da luz através do espaço é de 75 mil léguas por segundo, foi preciso três anos e oito meses para que o brilho de Sírius chegasse até nós. Quanto à estrela Polar, esse guia infalível do viajante através das estepes de nosso hemisfério austral, sua

luz levou cinqüenta anos para estar ao alcance de nossa vista.”

A memória surpreendente, o entusiasmo e a originalidade com que nosso orador se exprimia só nos fizeram interessar vivamente. Sem dúvida, percebendo isto, ele se lançou na teoria de certos espíritas, aplicada ao mundo celeste, e isto com uma tal convicção que se poderia acreditar que ele buscava nos fazer adeptos dela.

Segundo essa teoria, cada ser humano, que traz em si a essência da perfeição tal como Deus, só está neste mundo em estado de prova. Conforme seu invólucro mortal se tenha comportado bem ou mal, a alma que se escapa na hora última é enviada sob uma outra forma perecível para planetas diferentes, onde a estada é mais ou menos suave, mais ou menos penosa; até que ela tenha atingido a perfeição que Deus exige dela. Somente então a prova cessa e a alma volta a seu criador na beatitude eterna. De acordo com essa crença, o Cristo, filho de Deus, foi enviado pelo Ser supremo a cada um desses mundos desconhecidos, revestido da forma mortal própria a cada um deles, para aí ensinar a verdade que deve conduzir diretamente à Felicidade Divina.

Segundo nosso conferencista, os planetas mais afastados do Sol devem ser temporadas de expiações horríveis.

Para terminar, descreve-nos Netuno, planeta descoberto pelo sábio astrônomo François Le Verrier, em 1846, como o local de penitência mais terrível, afastado um bilhão de léguas do Sol, e só recebendo um calor 900 vezes menor que o nosso.

– Senhor, interrompeu com certo temor um dos assistentes, o senhor me poderia mostrar Netuno?

– Eu não pediria melhor, foi-lhe respondido, mas, embora esse planeta seja um globo 85 vezes maior que o nosso, é absolutamente impossível vê-lo a olho nu, tão grande é seu afastamento.

– Se o que o senhor diz é verdade, pondera então um passageiro de voz grave e sentenciosa, como toda coisa tem sua razão de ser, é preciso crer que Deus criou os planetas de expiação maiores que os outros porque sabia que os maus serão sempre mais numerosos que os bons.

Essa saída humorística, que serviu ao riso, chegava exatamente no momento em que o sino de bordo anunciava o recolher, e todos se separaram,

não sem lançar involuntariamente um olhar inquieto para o firmamento.

No dia 31, encontramos os ventos alísios, que nos são favoráveis; as velas são soltas, seguimos a 16 nós. A grande distração do dia consiste em ver os peixes voadores sobre as ondas. Eles se erguem em bandos de seis a oito, como um conjunto de perdizes; o vô deles é desigual, soffreado e muito curto. Isto se deve ao fato de que não podem servir-se das barbatanas porque estão molhadas. Vários vêm cair na ponte, para grande alegria dos marinheiros.

A 1º de junho, o capitão, que decididamente se torna dos mais amáveis, sabendo-me com um certo mal-estar, dá-se ao trabalho de me trazer a posição. Estamos a 12º 50 de latitude norte e a 23º 5 de longitude. Mais dois dias e passaremos a Linha.

Em torno de duas horas, observa-se um grande três mastros que vem em frente; é o primeiro navio que vemos depois de cinco dias. Todas as lunetas apontam para seu lado; ele nos faz sinais, aos quais respondemos. É um inglês que chega do Cabo da Boa Esperança; está em viagem há dois meses. Passando a algumas braças de nossa ré, seguindo com o vento quase em popa, todas as velas e cutelos para fora, é realmente esplêndido vê-lo em sua marcha, fendendo as ondas que brotam em espuma em torno dele, descendo ao fundo da vaga para se erguer em seguida com elegância e ousadia infinitas. Esse espetáculo nos encanta.

No dia 2, o mar continua belo, mas já faz 34º de calor às oito horas da manhã. O comandante está satisfeito com sua marcha; espera chegar a Pernambuco domingo. "Mas amanhã", diz-nos ele, "chegaremos ao Pot-au-Noir*, e adeus o bom vento que nos empurra".

O Pot-au-Noir é uma denominação dada pelos marinheiros a uma certa zona antes de chegar ao Equador, porque nessas paragens se atravessam tempestades que desabam de repente em chuvas diluvianas e com uma tal intensidade que às vezes a luz do dia fica oculta. Como o Equador é o ponto em que os raios do sol caem mais verticalmente sobre o globo, a evaporação aí se produz com mais intensidade que em qualquer outro lugar. Pode-se dizer que nessas paragens se forma a grande provisão de vapores que, transformados em nuvens, vão-se derramar em chuvas benfazejas sobre os diversos continentes.

* Em sentido próprio, *pot-au-noir* significa pote de graxa; em sentido figurado, situação difícil. No caso, surge como nome próprio dado pelos marinheiros franceses à zona das calmas equatoriais; por isso, manteve-se o termo no original (N. do T.).



Ilha de Fernando de Noronha – Lugar de detenção do Império brasileiro.

Essas nuvens, antes de serem arrastadas pelas diversas correntes atmosféricas, são rechaçadas umas sobre as outras pelos ventos alísios que sopram em sentido oposto dos dois lados do Equador, uns do sudeste, outros do noroeste; elas então se acumulam, se dilaceram e se transformam em verdadeiras cataratas.

No dia 3, ficamos conhecendo esse famoso Pot-au-Noir. Durante toda a noite, caíram dilúvios; nem a menor brisa; a água do céu é quente. Sufocamos! Depois o mar está encapelado; fecharam as vigias das cabines; nada-se por toda parte em um banho de vapor. É de não se agüentar. Nesta manhã chove ainda, mas se pode, no entanto, ficar sobre a ponte; há um pouco de ar, as chuvaradas são menos abundantes.

No dia 4, como a noite ainda foi muito penosa, ninguém se demora na cabine. Ao nascer do dia, o sol se mostra e o mar retoma sua esplêndida cor azul-cobalto.

Depois do almoço, estando no salão com o barão, ouço um grito feroz; é meu companheiro, sobre cuja cabeça acabam de derramar um copo cheio de um líquido qualquer; eu ria às escâncaras, quando de repente também me senti inundado. Acabávamos de ser batizados! De fato, são onze horas e passamos a Linha. É preciso acrescentar, para fazer justiça a nossos padrinhos, que fomos iniciados por um batismo de benjoim e ficamos perfumados por todo o dia.

O capitão proibiu a bordo todas as brincadeiras carnavalescas de outrora. No entanto, passam-se binóculos a alguns ingênuos que procuram descobrir a famosa Linha no horizonte ou nos céus.

No dia 5, a ilha de Fernando de Noronha, lugar de detenção do Império brasileiro, está à vista: passamos mesmo bem perto dela, de modo a distinguir a penitenciária que aí é construída. Essa ilha é montanhosa e peculiar; um imenso rochedo se ergue a grande altura a partir do cume de um pequeno monte. Reinam calores terríveis nessa ilha desolada, que não tem outros habitantes além dos condenados.

Não estamos a mais de 296 milhas de Pernambuco, onde chegaremos amanhã pela manhã.

São oito horas da noite. Estamos sob o Pot-au-Noir do outro hemisfério e podemos nos dar conta do que são as tempestades sob os trópicos. Há uma hora o vento sopra e turbilhona em torno de nós com fúria; as enxárcias do navio, torcidas sob sua pressão, sopram numa nota sinistra. A noite é de uma escuridão impenetrável, o trovão ribomba e o raio explode; só os relâmpagos

iluminam com uma luminosidade súbita esse drama emocionante. Nos raros intervalos de acalmia, só se ouve o ruído surdo da hélice que emerge das ondas, quando o navio mergulha na vaga; as águas do céu e do oceano parecem rivalizar entre si, numa saturnal enfiada! O *Aconcagua*, intrépido e impassível através do desencadear dos elementos, prossegue sua marcha com uma velocidade de cinco léguas por hora.

PERNAMBUCO

No dia 6, desde as cinco horas da manhã, a terra está à vista. Navios a vela se mostram no horizonte; três horas ainda e fundeamos diante de Pernambuco.

Estamos no Brasil.

Essa cidade não tem enseada; um belo quebra-mar protege seu porto, que é muito freqüentado. No entanto, sua entrada é difícil, e os grandes navios, tal como o nosso, que aí só param para entregar e pegar o correio, permanecem ao largo.

O mar está agitado, e a questão de descer a terra é muito discutida. O capitão, cuja amabilidade não se desmente, oferece-nos um de seus escaleres com dez marinheiros e um oficial.

Esperando os preparativos, temos o prazer de ver um jovem tubarão divertir-se em volta do navio; a transparência do mar nos permite seguir todos os seus movimentos. Jogam-lhe laranjas, que ele abocanha pondo-se de lado, particularidade desse esqualo, que só pode pegar sua presa desse modo, devido à conformação de sua enorme mandíbula. Essa espécie é muito comum nessas paragens.

Armado o barco, embarcamos, não sem dificuldade, pois a agitação do mar está muito forte.

Para entrar no porto é preciso ultrapassar uma barra que nossa equipagem não conhece. Mas venha o que vier!... Lançamo-nos com toda a força dos remos; nosso bote dá um pulo terrível e nos encontramos em um canal que nos conduz ao meio de vários navios ancorados em uma grande bacia interior.

Tão logo em terra, entramos em uma hospedaria. São franceses que a mantêm. Soltamos uma exclamação de alegria. Servem-nos o almoço; uma

omelete e um bife nos parecem suculentos perto da cozinha de bordo.

A cidade de Pernambuco é considerável (150 mil habitantes). Construída em uma praia baixa, divide-se em três bairros distintos; o do meio se eleva sobre uma ilha formada pelo rio Capibaribe antes de se lançar no oceano; os outros dois se estendem à direita e à esquerda, à beira do mar, e são ligados entre si por pontes de bela aparência.

O aspecto dessa grande cidade, que dá seu nome a uma das províncias do Brasil, é de um efeito particular. As casas são todas pintadas das cores mais vivas do arco-íris, muitas são até mesmo guarnecidas de azulejos, que brilham como diamantes sob o sol de fogo que os ilumina; todas as janelas são providas de balcão.

Uma grande e larga rua tem plantadas árvores muito belas, de folhagem entre a da laranjeira e a da seringueira (não sabem dizer-me o nome). Em torno de cada uma delas há bancos rústicos onde os habitantes se sentam e conversam.

Ao longo dos passeios, negras portando turbantes brancos ou vermelhos, o peito descoberto e tendo como única vestimenta uma saia de cor vistosa, vendem frutas de todas as espécies; seus filhos, inteiramente nus, correm e brincam, como pequenos macacos, à volta delas.

Atravessamos de bonde toda essa cidade tão interessante para europeus. Os jardins são cheios de bananeiras, de romãzeiras, de iúcas, de aloés, de palmeiras, de coqueiros, etc., etc., e de toda a flora tão exuberante dos trópicos.

Numa das praças, dois negros de cabelos e barbas brancas brincam, como crianças, com pipas, cujos barbantes seguram com alegria ingênua. Mais adiante está uma casa pintada metade em azul-da-prússia metade em amarelo-limão; essa discordância de tons provoca-nos acesso de riso. A cidade é calçada e as construções bem alinhadas. Sente-se que a prosperidade reina.

Demoramo-nos. É preciso partir. Voltamos a nosso escaler e sua equipagem.

Um passageiro que desceu a terra conosco comprara na cidade, assim parece, não sei que licor de excelente qualidade, que ele havia mandado antecipadamente para a embarcação. Ao voltar, reclama suas preciosas garrafas, mas os marinheiros, que haviam pensado que elas lhes eram destinadas, as degustaram enquanto nos esperavam. Em vez de se resignar, nosso viajante se põe numa cólera temível, ameaça denunciar os culpados ao

comandante, fazê-los punir, etc.... Zombamos tanto dele que, continuando a vociferar, acaba por se acalmar pela metade. Ficamos sabendo que se trata de um judeu alemão, a caminho para se estabelecer na América do Sul.

O vento é contrário, o mar muito agitado, assim precisamos do reboque do barco a vapor que traz as correspondências a bordo para podermos abordar o *Aconcágua*.

Ao sair do canal, encontramos uma piroga indígena primitiva extremamente curiosa. Trata-se de uma jangada com cerca de 20 metros de comprimento, construída de madeira muito leve; no meio há uma choça de palha aberta na frente e atrás; no centro, um negro está sentado; um outro manobra um imenso remo, que serve de pangaio, fazendo desse modo avançar a embarcação que oscila da direita para a esquerda; um pequeno mastro ornado de uma vela está fixado no chão da jangada.

Essas pirogas são absolutamente insubmersíveis e vogam sobre a água como rolhas; servem aos índios pescadores dessas regiões. Nosso capitão disse-me ter encontrado delas em tempo ruim a mais de 10 milhas no mar.

Ao acostar nosso navio, estando o mar muito forte para que fosse possível subir a bordo sem perigo pela escada comum, emprega-se um sistema dos mais engenhosos. Uma verga é voltada para fora, uma poltrona desce até o escaler, uma pessoa se senta; depois, de uma polia que parte da extremidade da verga, puxa-se, do vapor, pelas cordas que a cercam, a poltrona, e a pessoa é içada, para alegria daqueles que olham, mas também um pouco para temor de quem, por um instante, se encontra suspenso entre céu e água. Alguns espectadores, brincalhões de mau gosto, gritam de bordo:

– Segure-se bem! Olha um tubarão! Um tubarão!

Alguns passageiros chegam brancos de terror à ponte. No entanto, tudo se passa sem acidente.

Às cinco horas da tarde, levanta-se âncora. Estamos a caminho da Bahia, onde chegaremos terça-feira pela manhã.

No dia 7, todos relatam o que viram e o que descobriram de interessante em Pernambuco.

Um passageiro, fazendo com que um indígena falasse, perguntou-lhe se a febre amarela existia nessas regiões:

- Oh certamente! responde o insular.
- Mas é somente no verão. Nessa época, não há mais nada a temer?
- Ao contrário, senhor, estamos no momento certo para pegar as febres.

O pobre homem, ao nos relatar o fato, tem o ar muito inquieto. Rimos muito.

O mar está esplêndido, e cada um se ocupa de sua correspondência, pois nos asseguram que um correio partirá para a França no dia seguinte à nossa chegada à Bahia.

BAHIA

No dia 8 de junho, terça-feira, entramos à noite na baía de Todos os Santos, no fundo da qual se encontra a Bahia, antiga capital do Brasil, até 1863.

A escuridão é tão grande e chove tanto, que não se podem distinguir as luzes do farol. Paramos, lança-se a sonda e espera-se uma estiagem. Às cinco horas da manhã, é possível, enfim, orientar-se, e então prosseguimos.

Aos primeiros raios do sol nascente, admiramos encostas cobertas de uma vegetação luxuriante. Às sete horas lançamos âncora.

A cidade é grande (120 mil habitantes) e se estende pela orla direita da baía por vários quilômetros.

Por trás das primeiras construções que margeiam os cais, dispõem-se jardins em degraus, de terraços em terraços; depois, mais acima, recortando-se contra o céu, uma segunda cidade surge com seus campanários e seus edifícios. De fato, há uma cidade baixa e uma cidade alta.

A primeira é atravessada por ruas bem pavimentadas e alinhadas paralelamente aos cais; outras menores as cruzam verticalmente; estas lembram, pelo comércio e pelo movimento, os bazares de Constantinopla. Aí se pode encontrar de tudo para comprar, menos, no entanto, os tecidos e os objetos de arte do Oriente. Em compensação, há grande quantidade de frutas, de peixes, de comestíveis indígenas, coco, café, romãs, cana-de-açúcar, laranjas, bananas, abacaxis, doces de todos os tipos; e ainda papagaios em quantidade, macacos de todos os tamanhos... etc....., etc. Tudo está amontoado em pequenas lojas mantidas na maioria por negras, cujo tipo é geralmente belo; elas têm o mesmo

vestuário que em Pernambuco. Todas portam uma espécie de manta cinza listrada, com que cingem a cintura. Quando a negra tem filho, ela o envolve nessa manta, e a criança, com as pernas abertas, se acha literalmente escarranchada sobre as ancas da mãe. Cruzamos com uma delas, trazendo assim seu filho, andando a grandes passos e se ocupando de seus afazeres; o negrinho com cabeça de macaco, que está suspenso atrás dela e cujos pequenos pés saem à frente, parece muito satisfeito com sua situação.

Depois de termos percorrido a cidade baixa dedicada ao comércio, ambicionamos visitar a cidade alta. Informam-nos que há um elevador, cuja torre quadrada nos mostram. Cinco minutos depois, somos elevados ao alto da montanha e desembocamos numa praça muito ampla, onde encontramos um bonde pronto a partir.

Incertos do que devemos fazer, hesitamos, quando vejo acercar-se de mim um gordo cônego que, muito gentilmente e em ótimo francês, me dá todas as informações desejáveis. Seguindo esses conselhos, tomamos esse bonde, que nos levará a um local chamado Barra, atravessando o mais belo bairro da cidade; ele nos levará em uma hora a um hotel onde poderemos almoçar.

Assim dito, assim feito, e eis-nos instalados de forma bem confortável em um veículo puxado por duas pequenas mulas muito vigorosas.

As casas parecem bonitas, os tetos são planos à italiana, são pintadas ou cobertas de azulejos de cores vistosas, várias são muito enfeitadas com esculturas de gosto duvidoso, com muitas colunas; mas, graças à luz e ao sol dos trópicos, o conjunto não é afrontoso.

Daí a pouco saímos da cidade propriamente dita, para seguir uma longa rua margeada por jardins que se sucedem sem cessar e no fundo dos quais se percebem casas enormes, várias parecendo mesmo muito luxuosas. Os jardins são cheios de flores, sobretudo daquelas que na França produzimos a preço de ouro em nossas estufas quentes. Os côleos estão em estado de arbusto, sua folhagem tem um brilho diferente dos da Europa; os cactos são grandes árvores; por toda parte imensas palmeiras se erguem no meio de um conjunto de bananeiras, de bambus, de coqueiros de vigor inaudito. Trata-se de uma confusão inextricável, onde parece que todas essas plantas rivalizam em seiva e elegância. Julgamos sonhar! As palmeiras do Brasil não se parecem em nada, a não ser pela coroa, com as tamareiras da África; aqui seu tronco é liso, semelhante a uma coluna de mármore cinza, o que lhes dá um ar decorativo do maior efeito.

Paramos à beira de uma inclinação com cerca de 35°. Desengatam-se as mulas; ao longe, lá em baixo, no vale, percebemos um outro bonde que espera; uma corda reúne os dois veículos, e eis-nos como que lançados no vazio, fazendo subir o outro veículo. Uma pequena máquina a vapor, instalada no alto da colina, ajuda o movimento.

Outras mulas levaram-nos de novo através de uma região acidentada e singular, coberta de árvores muito bonitas, com folhagens estranhas. E sempre casas de campo, surgindo em meio de jardins deliciosos de frescor.

Encontramos um garoto de raça branca, muito elegante, a cavalo sobre um carneiro selado e bridado como um pônei; um pequeno negro, a pé, segue seu jovem senhor.

Aproveitando uma subida em que nossa parelha diminui a marcha, entro em um jardim, cuja grade está aberta, para admirar de perto plantas que atraíram minha atenção; de repente gritos intensos fazem-se ouvir perto de mim, e de uma elevação vejo saltar, urrando, dois pequenos negros nus como vermes. Retiro-me com o coração confrangido. Na verdade, eles se parecem muito com animais!

Enfim, eis a Barra, pequeno forte construído sobre um rochedo cujo sopé é banhado pelo mar. Foi na Barra que desceu o primeiro português no início do século XVI: os selvagens acorrem para o comer; ele está armado com um fuzil e atira neles; terror dos indígenas, que, tomando-o por um deus, o proclamam seu rei.

Essa é a lenda que me relata meu gordo padre que subiu no bonde conosco.

De volta à cidade pelo mesmo caminho, almoçamos mal e voltamos apressados à chalupa do *Aconcágua*.

Cerca de meia hora depois estamos a bordo, e estaremos, se Deus quiser, sexta-feira pela manhã, 11 de junho, na baía do Rio de Janeiro.

Setecentas e cinquenta milhas ainda nos separam do Rio de Janeiro. Setecentas e cinquenta milhas! E dizer que esta é mais ou menos a largura da província da Bahia! Mais de 300 léguas.

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO

Em 11 de junho, à meia-noite, o *Aconcágua* dobra o cabo Frio. Neste momento o vento aumenta, o mar fica forte e nosso belo navio se eleva majestoso sobre a vaga que parece se opor à nossa marcha. Temos vento pela proa; o mar rebenta na frente do navio, inundando-o de espuma para admiração de todos os que, como eu, gostam de contemplar esses grandes espetáculos, sem sentir o mal-estar que, infelizmente para eles, muitos passageiros sofrem.

Meus amigos e eu subimos à passarela do capitão e, ao levantar da aurora, distinguimos uma enorme cadeia de montanhas rochosas, que parecem desafiar o oceano e nós mesmos. Às primeiras tintas do dia, elas se destacam em negro sobre o céu que clareia pouco a pouco.

Mostram-me o perfil do rei Luís XVI, deitado nos cimos dessas rochas como em seu repouso eterno. De fato, por uma singularidade da natureza, vê-se a silhueta do rei mártir estendido em um sarcófago colossal; a testa, o nariz dos Bourbons, a boca, o queixo, depois o corpo, enfim os pés... tudo está lá. Perguntamo-nos se não é uma alucinação! Esse espetáculo surpreendente, recortando-se em azul-escuro sobre os tons já quentes do sol que se ergue, impressiona de fato, e perguntamo-nos se Deus não quis eternizar aos olhos do mundo essa grande figura real, que na terra foi a encarnação da infelicidade e da virtude.

Contra essa cadeia de montanhas, o mar se quebra com fúria, sua espuma lambe as paredes. Parece que nós mesmos vamos desaparecer aí, pois nos aproximamos a todo vapor.

De repente, aos pés de um rochedo absolutamente desnudado, de uma enorme altura e com a forma de um pão doce, produz-se um rasgo de 700 a 800 metros. É a entrada da baía do Rio de Janeiro. Aí penetramos e de súbito nos encontramos ao abrigo do oceano em fúria, ribombando atrás de nós.

Adiante, a capital do Brasil, escalonada em colinas múltiplas, ergue-se em um imenso hemicírculo; à esquerda, uma baía profunda, a de Botafogo; entre ela e nós, uma pequena ilha rochosa sobre a qual está construída uma fortaleza; ao fundo, à direita, à esquerda, diante da cidade, centenas de navios, de vapores, de embarcações de todas as formas, de todos os países, representando os interesses comerciais do mundo inteiro; o conjunto, enquadrado por grandes elevações verdejantes, dominadas por sua vez por montanhas elevadas, de picos estranhos, destacando-se contra o céu já abrasado dos trópicos. Enfim, nas

margens desse admirável panorama, um dos mais belos de todo o mundo, palmeiras magníficas, coqueiros surgem entre os palácios e as igrejas, parecendo rivalizar em altura com as cúpulas dos edifícios.

É isto, em poucas palavras, o que nossos olhares podem abarcar de início, e uma exclamação de admiração escapa de nossos lábios.

É admirável!... É de se entusiasmar!

Deslumbrado por todos esses esplendores da natureza, eu levava com orgulho meu pensamento a dois séculos atrás, lembrando-me de que ali onde estávamos se realizara uma das epopéias mais ousadas, mais gloriosas de nossa marinha francesa.

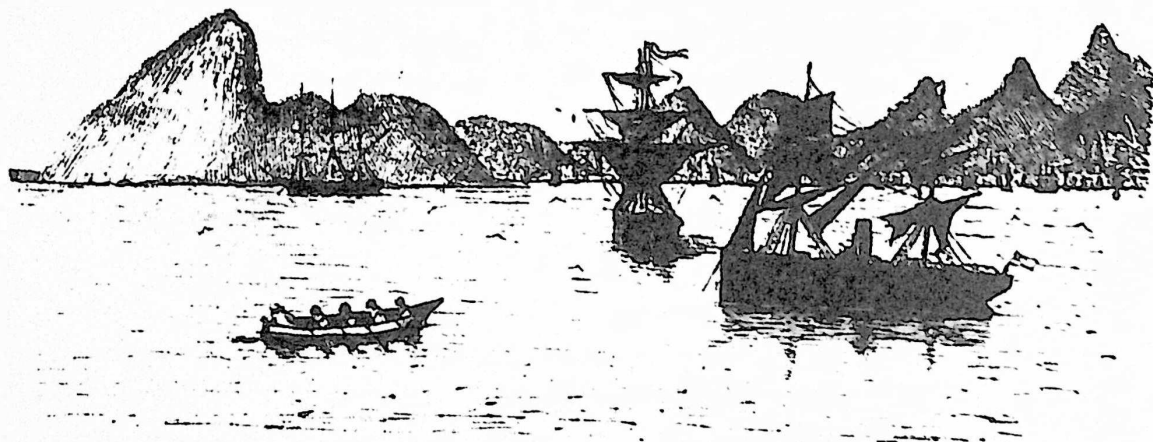
Isto se deu ao fim da longa e sanguinolenta guerra da Sucessão da Espanha. Desde seu início, o Grande Rei via, a cada ano, empanar-se cada vez mais a glória sem igual dos primeiros anos de seu reinado.

A coalizão de 1701, em que os ingleses, os alemães, os holandeses, os piemonteses e os portugueses se ligaram contra a França, parecia que em breve esmagaria nossa preponderância.

A herança de Carlos II da Áustria era a causa.

A Europa quase toda, assustada por ver as Coroas da Espanha e da França perto de se reunirem sobre a cabeça de Filipe V, neto de Luís XIV, levantara-se em massa para se opor pelas armas à realização de tal perspectiva. As legiões inimigas, há longos nove anos, renovando-se sem cessar, esgotavam nossos soldados e nossas finanças. Bem longe já estava a época faustosa e esplendorosa da juventude do Rei Sol; os generais do monarca envelhecido, apesar de sua coragem, apesar dos talentos dos marechais de Vendôme e de Villars, sentiam-se esgotados; o Deus do Renome parecia ter abandonado o antigo brilho de nossos estandartes; a França estava a ponto de desmoronar sob as forças temíveis coligadas contra ela.

Em 1710, 15 vasos de guerra, reunidos secretamente em Brest, sob as ordens de Duguay-Trouin, tomam o mar. O almirante dissimula suas intenções para as frotas inimigas, engana-as, atravessa o oceano e, sem disparar um tiro, a 10 de setembro, aproveitando um vento favorável, entra a velas plenas na baía do Rio de Janeiro, sofrendo o fogo terrível das baterias portuguesas que a defendem; não se digna sequer responder, amarra-se pela proa e pela popa diante da cidade e a bombardeia. Aterrorizados com tal audácia, os habitantes fogem; um exército chega em seu socorro, mas uma parte das equipagens já



Entrada da baía do Rio de Janeiro.

desembarcadas o mantêm a distância. Duguay-Touin exige da grande cidade, sob pena de uma destruição completa, um resgate que não é menor que 20 milhões de libras; depois disso feito, volta ao mar e retorna à França com seus navios carregados de um imenso saque.

A vitória, por tanto tempo infiel a nossas armas, retornara; essa maravilhosa aventura foi o brilhante prelúdio das glórias de 1712.

Um coração francês não pode permanecer frio diante de tais atos; assim, eu estava duplamente emocionado ao contemplar as obras grandiosas do Criador e ao pensar em nossa bela Pátria, que nesse lugar admirável, como por toda parte onde sua bandeira se mostrou, soube deixar na história lembranças indeléveis de audácia e de heroísmo!

O *Aconcagua* pára, um piloto sobe a bordo, e fundeamos no meio dos navios de todas as nações que nos anteciparam nessa baía encantadora.

Cumpridas as formalidade de higiene, uma dezena de pequenos vapores nos cercam; trazem parentes, amigos ao encontro dos recém-chegados; as pessoas se abraçam; lágrimas de alegria correm; desembarcamos em meio a uma completa confusão.

Logo chega nossa vez. Um vapor combinado pelo sr. Nicolson, correspondente e banqueiro das minas que vamos visitar, acompanhado de um amigo de B... acosta em nosso navio. Descemos imediatamente e vamos hospedar-nos no Hotel dos Estrangeiros, onde foram feitas reservas de quartos.

Não foi sem satisfação que pudemos, à vontade, proceder a uma toaleta um pouco séria e passear em terra firme!

Eu não queria perder um instante para entregar as cartas de recomendação que o mais amável dos ministros da França, o visconde Amelot, me confiara antes de minha partida de Paris. A primeira era naturalmente para nosso encarregado de negócios, o conde de Vieil-Castel. Ele fora prevenido por seu chefe de minha chegada, e fui recebido por ele de modo encantador; em poucos instantes, já éramos amigos, e ele se ofereceu de imediato para me acompanhar em todos os meus trajetos. Por toda parte fui recebido tão gentilmente quanto é possível.

Reuni-me a meus companheiros de viagem à noite e os encontrei dispostos a jantar quase no campo, na Tijuca, espécie de garganta encaixada nas montanhas que ao sul enquadram tão curiosamente a baía do Rio. Lá se encontra um hotel muito confortável, dirigido por um francês de nome Moreau.

Partimos de bonde, único veículo realmente em uso. Há por toda parte, em todas as ruas; eles invadiram a tal ponto a cidade, que os carros particulares quase não têm razão de ser. Essa companhia, que é inglesa, fez e faz ainda benefícios tais, que as ações iniciais estão hoje mais que quadruplicadas.

Por 300 réis, isto é, por 7 centavos aproximadamente, cada um de nós é transportado após uma hora e meia de trajeto a mais de três léguas de nosso hotel, à casa de Moreau.

Eu esperava ver e abarcar desse ponto elevado a baía em toda sua extensão, mas, embora a meia encosta da montanha, os primeiros planos muito próximos ocultam o esplêndido panorama. Todavia, somos quase recompensados dessa decepção por um passeio em um parque verdadeiramente feérico que se encontra por trás da habitação, e onde a vegetação se mostra em todo seu esplendor. Passamos perto de uma mangueira colossal, medindo 11 metros de circunferência, depois de bambus de excepcional altura; por fim, uma fonte ferruginosa, muito potente, caindo em cascatas e cascatas e de rochedo em rochedo em uma grande bacia lajeada, onde, diz-nos nosso hospedeiro, muitos ingleses e muitas inglesas vêm no verão divertir-se... uns após os outros!... *Honni soit qui mal y pense!**

61

Mas todos se ressentiam da longa travessia, e retomamos o caminho da cidade. Atravessamos a capital do Brasil em todo o seu comprimento, à luz dos lampiões, no meio de um grande movimento de vaivém da população, que parece tranqüila e pouco ruidosa.

No dia seguinte, Vieil-Castel veio pegar-me para completar minhas visitas.

Sabendo que eu devia partir com meus amigos, na segunda-feira, para Ouro Preto, ele, a meu pedido, procurou obter-nos um vagão reservado. O diretor das estradas de ferro brasileiras, homem ainda jovem, de maneiras encantadoras, falando um francês dos mais corretos, recebeu-me com grande cortesia, concordando gentilmente com meu pedido.

* Divisa da Ordem da Jarreteira, da Inglaterra, que quer dizer "vergonha para quem aí vê o mal" (N. do T).

VISITA AO IMPERADOR PEDRO II

Não desejando deixar o Rio de Janeiro sem ser apresentado a sua Majestade o Imperador e desejando antes de tudo submeter-me ao protocolo da corte, recorri ao nosso encarregado de negócios. Ele me anunciou que o Imperador recebia todos os sábados, e já que eu o desejava ele me apresentaria naquela tarde mesmo.

Às quatro horas, tomamos os dois uma vitória puxada por duas mulas, que corriam como o vento, e uma hora depois chegamos ao palácio de São Cristóvão, residência de Sua Majestade Dom Pedro II, Imperador do Brasil.

A entrada do parque é grandiosa; aí se entra por uma imensa avenida plantada com belas árvores, formando uma via entre dois lagos, cujas águas refletem bosques que parecem maravilhosos.

O palácio, cujas circunvizinhanças são imponentes, nada tem de digno de nota; trata-se de uma enorme casa de tetos planos, tendo alguma pretensão ao estilo Luís XIV, mas sem riqueza nem elegância de arquitetura.

Um único sentinela está à porta; dois porteiros, vestidos como burgueses mal-arrumados, convidam-nos a subir uma escada acanhada que dá para uma grande galeria, cujo assoalho é em tábuas enceradas. As paredes e o teto são pintados de branco sem qualquer ornamentação; os quadros que enfeitam as paredes são mais que medíocres; seria possível dizer que foram comprados sem cuidados no último comerciante de quinilharias do *Quai d'Orsay*. Dizem-me, em compensação, que há quadros muito belos nos salões de recepção.

Chegam alguns visitantes, todos os civis de casaca e gravata branca; traje obrigatório.

Um almirante com uniforme de gala, ao qual logo se junta seu corpo de oficiais....Depois, uma jovem e bonita mulher com seu marido... "Um diplomata", diz-me Vieil-Castel, "vem apresentar a Sua Majestade a encantadora esposa". Muitas outras pessoas entram sucessivamente no cômodo por onde passeamos. Uma delas se aproxima de nós. Parece muito à vontade e fala animadamente em francês; parece segura de si. Indago meu amável guia, ele me diz que se trata de um professor do Liceu Universitário, que trata de ciência de igual para igual com o Imperador, o qual, todos sabem, pretende ser um sábio e é.

Por fim, Sua Majestade Dom Pedro II faz sua entrada na extremidade da galeria; o silêncio é então geral.

Todos puderam ver em Paris essa grande e imponente fisionomia. Ele não é anunciado nem precedido por qualquer dignitário; vestido com um traje preto, de gravata branca, uma simples fita na botoeira, o Imperador caminha como um simples indivíduo e conversa com o primeiro que encontra em seu caminho. Todos, ao se aproximarem, se inclinam e lhe beijam a mão.

Vieil-Castel se apresenta e diz meu nome. Sua Majestade estende-me a mão e de imediato, tomando-me sem dúvida por um grande viajante, indaga-me sobre a Ásia. Eu lhe confesso que nunca fui além de Scutari, o que o faz sorrir. Então, ele me fala da África, do Tonkin, e a conversa, que se torna interessante, volta-se a seguir para o casamento de S. A. R., o duque de Bragança. Sua Majestade parece ter um grande interesse pelos detalhes que lhe posso oferecer. Enfim, depois de ter-me agradecido por ir vê-lo, estando por tão pouco tempo em sua capital, o Imperador despede-nos de maneira muito afável.

Vieil-Castel e eu retomamos de imediato o caminho de meu hotel.

No dia seguinte, domingo, dirigi-me a uma igreja, a primeira que encontrei, a fim de ouvir a missa.

Entre em uma capela, mais do que igreja propriamente dita. A arquitetura exterior é nula; acima da porta de entrada, auriflomas, estandartes flutuam ao vento, suspensos por cordões; o chão está coberto de folhas.

Uma única abóbada compõe todo o edifício, mas aí tudo é rico e cuidado. O altar-mor dourado e branco é encimado por um tabernáculo com a forma de uma enorme mitra encimada por uma cruz dourada; acima, uma grande estátua da Virgem, vestida com tecidos bordados em ouro, em um nicho envidraçado. À direita e à esquerda, no coro, estalas para o clero, pobremente esculpidas; antes do coro, dois púlpitos se defrontam com os fiéis; no da direita, lê-se a Epístola; o Evangelho, no da esquerda. No degrau que marca a entrada do coro, estão sentadas mulheres; elas fazem muitos sinais-da-cruz; parecem resmungar orações, voltando as costas para o altar. São todas negras ou mulatas, vestidas à européia; várias estão apertadas em vestidos com franjas e folhos, embora tendo os pés descalços. Enfim, nas naves laterais encontram-se bancos para os fiéis.

O ofício começa; o padre é auxiliado por dois meninos negros com sobrepeliz e gorros vermelhos. Muito recolhimento durante o ofício divino. Não se ouve qualquer ruído, e, sem o alarido ensurdecador de um triângulo que, à guisa de campainha, anuncia a elevação e um cão que vai coçar as pulgas nos degraus do altar, seria possível julgarmo-nos na Europa.

PARTIDA PARA AS MINAS - DO RIO A QUELUZ

Partíamos no dia seguinte e tínhamos de preparar nossas bagagens, que deverão viajar em lombo de burro durante nossa expedição ao interior. Todos pensam nisso, prometendo visitar o Rio de Janeiro mais seriamente quando de nosso retorno.

Fui cumprimentar nosso excelente encarregado de negócios, a quem apresentei meus amigos, e aparentemente fomos deitar pelas dez horas da noite. Na realidade, nenhum de nós dormiu, pois, às três horas da manhã, vieram buscar nossas bagagens para as levar à *Estrada de Ferro Pedro Segundo*, onde fomos levados por um veículo.

O trem parte às cinco horas da manhã. Estaremos em Queluz às cinco horas da tarde. Cidade situada na província de Minas Gerais, a 80 léguas aproximadamente do Rio de Janeiro.

Mal me identifiquei, ao chegar à estação, e todas as portas nos são abertas; conduzem-nos a um vagão-salão com banheiro, inteiramente à nossa disposição.

Verdadeiramente, é impossível ser mais amável! De resto, até este momento, posso afirmar que em nenhum país os franceses podem ser mais bem acolhidos.

Às cinco horas, sentimo-nos correr sobre os trilhos. Ainda é noite e só pensamos, de início, em nos alegrar com o conforto que devemos à amabilidade do sr. Hewbank, diretor-chefe das estradas de ferro brasileiras.

Ao nascer do dia, podemos nos situar.

Estamos no meio de montanhas cobertas de matas e muito acidentadas. A cadeia atravessada pela via férrea é extremamente interessante. Ora estamos como que suspensos sobre despenhadeiros a pico, cuja profundidade nossos olhos não podem sondar, ora subimos declives escarpados. A respiração repetida e ofegante de nossa máquina prova que logo ela será impotente para nos alçar às regiões elevadas que devemos esperar. De fato, acrescentam-lhe uma segunda que nos impulsiona, e continuamos assim nossa ascensão seguindo curvas inacreditáveis, passando sob túneis freqüentes e muitas vezes bastante compridos. Nos contornos sem fim dessa linha, que se contorce, se dobra em muitos pontos como que sobre ela mesma, usufruímos de um espetáculo de beleza sem igual. Das altas regiões onde já chegamos, nossos olhares podem

estender-se por sobre contrafortes inferiores, nas arestas dos quais cursos de água correm, comprimem-se, precipitam-se e prosseguem ao longe.

Subimos sempre e parecemos, ao contornar os cimos das montanhas, ter prazer em cingir cada uma delas com uma coroa prateada feita de flocos de vapor que saem de nossas duas locomotivas.

São oito horas e chegamos à Barra, entroncamento da linha para a província de São Paulo. Instalamos um bufê na plataforma; aí tomamos uma xícara de café, bebida usual no Brasil, onde é muito boa.

Na mais modesta choupana, mesmo na casa do negro mais pobre, encontra-se sempre excelente café. A maneira como os indígenas o preparam é bem simples. Um cone de lã é atado em torno de um círculo de ferro, o qual tem um cabo preso na parede; o café é queimado, moído e posto no cone, por cima derrama-se de imediato água fervente, depois, com uma xícara que se põe embaixo, recolhe-se o que escorre.

Conselho aos cozinheiros e cozinheiras do continente que geralmente fazem um café tão ruim.

Dez minutos de parada e partimos de novo. Consultando nosso barômetro aneróide, estamos já a mil metros acima do nível do mar. Aí, encontramos uma espécie de platô superior muito acidentado no meio do qual corre um curso d'água, que se torna logo um rio; é o rio Paraíba, que seguiremos durante várias horas.

Todas as encostas dessa região são cobertas por plantações de café, o que prova a riqueza do solo, mas em compensação lhe tira muito da peculiaridade. A cultura do café se parece muito com a da vinha, o que basta para indicar quanto seu aspecto monótono prejudica a singularidade local.

De distância em distância, vemos propriedades agrícolas exploradas pelo sistema de meia, nas quais distinguimos a habitação dos negros vinculados às plantações. Essas casas são em geral de um único andar e se parecem com os acampamentos de barracas de nossos soldados; são todas pintadas de branco e parecem bem cuidadas.

O café é a riqueza do Brasil, que, sozinho, fornece quase dois terços do consumo de todo o mundo.

A colheita é feita em março. O arbusto que o produz atinge 2 ou 3 metros de altura aproximadamente. Seu fruto, de início verde, adquire em seguida uma cor vermelha, e por fim a casca que contém o café se torna vermelho-violáceo,

sendo este o sinal de que está maduro. Faz-se então a colheita; ele é batido, como batemos nosso trigo, ou então retiram-se os grãos com a mão (é a maneira mais aprimorada), depois são secados ao sol. A partir de então o café está pronto para ser vendido.

Ao meio-dia, chegamos a uma estação, Entre-Rios, novo entroncamento de uma linha que se dirige para o Leste.

Chegamos aos confins noroeste da província do Rio de Janeiro, que, disposta ao longo do oceano, é pouco profunda. Vamos entrar na província de Minas Gerais, que sozinha é maior que toda a França.¹

Essa província, cuja capital é Ouro Preto, teve no século XVIII uma grande prosperidade. Foi a época em que suas riquezas auríferas, estando em afloramento, permitiram aos habitantes conquistá-las facilmente. Mas quando toda a superfície foi explorada, como os homens de então não tinham conhecimento e meios de ação, tiveram de renunciar a seus trabalhos e abandonaram a região. De tal modo que a cidade de Ouro Preto, que contava, ainda no último século, 80 mil habitantes, atualmente não tem mais que 7 a 8 mil.

Apesar de todo o interesse de nossa viagem, nossos estômagos lembraram-nos a realidade da existência. Tínhamos trazido tudo o que era necessário e logo um pequeno mas elegante serviço foi posto sobre a mesa de nosso vagão-salão.

Retomamos nossa viagem em uma região sempre montanhosa.

No momento em que nos sentamos à mesa, descendo um declive no qual fomos lançados a toda velocidade, em uma curva fantástica, sofreremos um tal sobressalto, que todo nosso banquete foi derrubado, e nós mesmos somos obrigados a nos agarrar ao vagão para não perder o equilíbrio. Rimos de nossa desventura e todos cuidam de repor tudo no lugar, quando uma nova virada em sentido inverso, mais violenta que a primeira, faz tudo ainda uma vez pôr-se de pernas para o ar. A sorte está lançada; somos de tal modo e com tanta freqüência derrubados de um lado ou do outro, que todos, equilibrando-se do melhor modo, viram-se como podem.

Penso que nenhuma linha férrea foi mais ousadamente traçada do que esta. Entramos com rapidez vertiginosa em curvas que certamente não têm mais de 100 metros de raio; a todo instante cremos que o vagão vai ser lançado

¹ A província de Minas Gerais compreende 20 mil léguas quadradas de superfície. A França tem apenas 18 mil.

a uma grande distância fora da via. Acrescentem a isto o pensamento da segunda máquina, que continua atrás, e não se pode deixar de pensar que, se ocorre um descarrilamento, se um eixo de roda vem a se quebrar, disso resultará fatalmente um enorme desastre... Contamos com Deus!

Chegamos a Juiz de Fora. As habitações dessa pequena cidade são elegantes, uma igreja graciosa se ergue em uma bonita praça. Ao sair da estação, vemos um esplêndido parque com lagos muito bonitos, margeados de palmeiras, coqueiros e todas as essências tropicais; mais adiante, por entre grupos de árvores, vê-se um verdadeiro castelo em estilo italiano. Pertence a um proprietário que fez uma enorme fortuna no Brasil; é português de origem. Sua terra tem mais de 4 léguas quadradas; ele instalou um bonde para seu uso pessoal, a fim de poder percorrê-la em todos os sentidos e a vigiar. Um dos primeiros, explorou as plantações cafeeiras; possui 3 mil escravos, e sua colheita anual ultrapassa 2 milhões de francos. É pelo menos o que me asseguram. Em todo caso, esse homem, que é o rei da região por sua fortuna, é também seu benfeitor. Sua bela habitação demonstra muito gosto, e no meio dessas montanhas ela ainda parece mais encantadora.

Em Barbacena, a região muda, a vegetação torna-se mais rara. Nas encostas, o milho substituiu o cafezeiro. Subimos para topos totalmente desnudados, no meio dos quais só se vêem numerosos *tumulus*; são as formigas que os habitam. Alguns desses formigueiros são enormes, medindo mais de 4 metros de circunferência na base e 3 de altura. Eles pululam nessas regiões; construídos de terras e de plantas por esse industrioso inseto, essas espécies de verdadeiras fortalezas adquirem, graças ao sol tórrido, a dureza da pedra; seria preciso dinamite para as destruir. Há milhares, e por toda parte onde existem, a vegetação é rala, raquítica, tudo é devastado, destruído. Trata-se de um verdadeiro flagelo.

As formigas do Brasil têm, no entanto, um inimigo temível: o tamanduá, quadrúpede do tamanho aproximadamente de uma raposa. Seu pelame é fulvo de pêlo duro, e seu focinho muito pontiagudo; ele cava sua toca nas fundações dos formigueiros; armado de uma língua comprida e esponjosa, ele a estica deixando-a imóvel; as formigas então se prendem a ela; depois, quando acha sua presa suficiente, ele recolhe sua espécie de dardo e engole as vítimas.

Às cinco horas, chegamos ao término atual da linha, cuja construção ao longo de 80 léguas, constantemente nas montanhas, honra sobremaneira os engenheiros brasileiros que ousaram empreendê-la.

DE QUELUZ À MINA DE PASSAGEM

Desembarcamos na pequena vila de Lafaiete, distante apenas um quilômetro de Queluz. Negros, encomendados antecipadamente, transportam nossas bagagens para um pequeno hotel, dirigido por um italiano, onde vamos nos hospedar, satisfeitos por estarmos protegidos dos rudes balanços que sofríamos há doze horas.

Tudo é limpo nesse albergue, e o jantar, bom. Na extremidade da grande mesa onde estamos sentados, sucedem-se brasileiros em viagem, mulatos e pessoas de todo tipo. Chegam para fazer a refeição; todas essas pessoas são polidas, silenciosas e perfeitamente decorosas.

Desde que estamos no Brasil, chamou-nos a atenção a dignidade da população e mesmo a dos negros. Nem um só nos estendeu a mão para solicitar esmola.

Em uma estação, quando um de nós, tendo pedido uma xícara de café, quis, ao pagá-la, dar uma gorgeta a quem a tinha servido, a pessoa a recusou com desdém. Os brasileiros são muito altivos, e a mendicância não existe entre eles, ou pelo menos só existe em estado de exceção; os negros são polidos, mas sem obsequiosidade. Por exemplo, se um brasileiro pode extorquir-lhe dinheiro por uma combinação comercial qualquer, ele não deixará de fazê-lo. Para ele, é uma guerra justa. No fundo, não é assim um pouco por toda parte? Quanto ao negro, ele é mesmo um pouco ladrão, mas qual é o país onde o estrangeiro se encontra ao abrigo de algumas rapinas?

Travamos conhecimento com as camas brasileiras: quatro tábuas sobre dois cavaletes, um colchão de palha de milho com apenas dois dedos de espessura. Sobre a cama de campanha, nossos soldados estão mais bem deitados, pois ao menos têm uma cabeceira para repousar a cabeça.

No dia seguinte, 15 de junho, graças a nossos colchões primitivos, ninguém se atrasou. O barão estava exasperado: sob sua janela, um cão ladrou para a lua durante toda a noite. Quanto a mim, fui visitado por uma espécie de garça domesticada, amiga da casa, que vinha bicar com seu longo bico minha humilde cama, o que me surpreendeu desagradavelmente na escuridão da noite, já que não sabia o que ocorria.

Mas fazemos, um e outro, das tripas coração, e P.. apressa-se a fazer o croqui de nossa caravana que acaba de chegar e que tem sua cor local.

Dez burros de carga conduzidos por dois negros a pé, mais um arrieiro a cavalo, também negro, homem muito belo, vestido à européia; têm os pés nus, aos quais no entanto estão fixadas, por cordas enormes, esporas com a forma e a dimensão das dos cavaleiros da Idade Média. Enfim, cinco mulas de sela para nós, acompanhadas de um outro guia a cavalo, em tudo semelhante ao primeiro.

Nossas bagagens são carregadas com uma ordem perfeita. O que me surpreende é o silêncio desses homens quando trabalham; nem um grito, nem um xingamento contra seus animais, freqüentemente recalitrantes; batem firme, mas sem abrir a boca. Enfim, a tropa se põe a caminho, e, depois do almoço, nós mesmos cavalgamos nossos quadrúpedes de longas orelhas.

Dizem-nos que só é preciso fazer *três léguas* para alcançar a etapa. Atravessamos uma região acidentada e estéril; alguns campos de milho cercam sozinhos raras habitações; os arbustos estão definhados, e os formigueiros mostram-se por todo lado. Embora estejamos em pleno inverno do Brasil, o sol é ardente e a poeira nos cega. Sob essas latitudes, a estação das chuvas só existe no verão e na primavera, isto é, do mês de outubro até o fim de abril; então ocorrem tempestades e trombas d'água, entrecortadas por um sol tórrido. O inverno, em compensação, é a estação seca.

Há cinco horas que caminhamos, seguindo uma estrada toda estragada, pela qual cruzamos numerosas tropas de burros de carga, além de carros puxados por 18, 20, algumas vezes 30 bois; uma criança está diante da primeira parelha e a guia; dois negros armados de grandes varas pontudas correm dos lados, à direita e à esquerda, espetando aqui e ali os animais de chifres para os fazer avançar. Esses carros têm um aspecto primitivo surpreendente: suas rodas são de ferro maciço, o eixo de roda é firmado nelas, de modo que todo o peso do veículo repousa sobre uma manivela que gira sobre ela mesma. Cada volta da roda, que só se faz com uma lentidão automática, produz como que gemidos agudos e queixosos durante toda a marcha. É lúgubre ouvir isto.

Aproximamo-nos de uma cadeia de montanhas ao pé da qual devemos parar. É a serra Ouro Branco.

Enfim, chegamos depois de seis horas de marcha, isto é, depois de termos atravessado uma distância de cerca de 8 léguas.

No Brasil, as léguas são de 6.666 metros. Estamos advertidos para o futuro.

Fazemos parada em um rancho mantido por um indígena, que nos quer dar a hospitalidade, a mesa e a dormida.

Digo... quis!... pois esses ranchos, ao anunciarem por cartazes muito visíveis que são albergues destinados aos viajantes, pertencem a proprietários que, não sendo obrigados a receber, consideram grande polidez de sua parte quererem acolhê-lo, pedindo um pagamento muito caro pelo mais miserável e mais detestável dos abrigos.

As mulas de nossa tropa são descarregadas e postas em liberdade durante a noite, e vão buscar seu alimento onde podem. Jamais as mulas de uma mesma tropa se misturam com as de outra. Será uma questão de instinto ou de criação entre esses animais? Não sei, mas isto é absoluto. Como nessa mesma etapa uma grande tropa de cerca de 30 animais já está na pastagem, os nossos vão para outro lugar e constituem um bando à parte.

Do ponto onde estamos, podemos admirar um esplêndido pôr-de-sol, fazendo ressaltar em preto-azulado laqueado, contra um céu de fogo, um dos contrafortes gigantescos da cadeia de Ouro Branco.

Depois de uma refeição mais do que frugal, fomos respirar o ar fresco da noite com um belo luar. Atraídos pelos sons de um violão, aproximamo-nos de um galpão de onde os acordes parecem sair e vimo-nos no meio de uma dezena de negros, que cozinhavam seu arroz em volta de uma grande fogueira. Todas essas figuras de ébano, cujas formas só distinguimos na meia-escuridão pelo brilho de seus grandes olhos brancos, causam-nos uma impressão singular. Uns estão deitados no chão, outros, agachados, acompanham a meia-voz o instrumento que canta num ritmo simples e monótono. São polidos, mas frios; olham-nos com gravidade e não se dirigem a nós. Sentimos que nossa presença os incomoda e nos afastamos com pesar desse espetáculo bastante característico.

No dia 16, retomamos o caminho, às seis horas da manhã. Faz frio, uma neblina densa envolve-nos; apressamos nossa marcha tanto quanto possível, subindo os declives escarpados de Ouro Branco; o caminho sobe rapidamente, serpenteando pelo flanco da montanha.

Logo chegamos ao meio das nuvens, depois, pouco a pouco, sempre subindo, nós as atravessamos e nos sentimos aquecidos pelos primeiros raios do sol nascente.

Nossos olhares então não são suficientes para admirar a maravilhosa natureza que se estende diante de nós. Todos os picos da cadeia cintilam com a luz, os rochedos de cores avermelhadas brilham como granadas com reflexos de fogo; os vales estão ainda cheios de vapores que, acalentados suavemente pela

brisa da manhã, parecem lambe as escarpas inferiores. Por instantes, julgar-se-ia que essas nuvens não passam de lagos, tanto refletem completamente o azul do céu.

As encostas que subimos são cobertas por uma vegetação estupenda, grandes cipós descem das árvores até nós, semelhantes a imensas serpentes de cores estranhas; depois, rochas gigantes, entre as quais correm, a murmurar, fontes de águas vivas que atravessam nosso caminho, para irem precipitar-se, sob os passos de nossas mulas, no abismo que está à nossa direita. Tudo isto é imponente e esplêndido.

Gostaríamos de parar para usufruir ainda dessa natureza virgem e selvagem, mas nos dizem que tínhamos de fazer 7 léguas, e como estamos informados quanto às léguas brasileiras, apressamo-nos em avançar.

Logo descemos a vertente norte da cadeia. Por toda parte, o caminho que seguimos nos proporciona novos pontos de visão encantadores. Essa região é estupenda.

Descaímos assim de vales em vales, margeando sempre um imenso curso d'água, rugidor e branco de espuma no fundo da garganta; enfim o atingimos e o passamos a pé. Então se ergue uma nova cadeia ainda maior que a já ultrapassada: é o Itacolomi, cuja subida empreendemos. Seus picos são desnudados, o aspecto é severo e desolado.

Depois de uma hora e meia, chegamos a um imenso platô, apropriadamente denominado... o deserto...; a vegetação aí desapareceu; caminhamos sobre a rocha. De longe em longe, uma árvore definhada e sem dúvida contorcida pelos ventos que reinam nessa paragens. De uma delas, perto de nós, parte uma revoada de papagaios pretos; o vôo e o tamanho deles lembram a perdiz vermelha.

Nessas altitudes, por vezes atravessamos campos de catafes e alfas; parece-me então estar na Cabília.

Deixamos enfim esses locais selvagens e começamos a descer a vertente oposta; mais uma hora e reencontramos a vegetação verde. Um grande abutre de ventre preto-azulado e asas gigantes de um fulvo avermelhado vem planar sobre nossas cabeças, como para se fazer admirar, depois desaparece como o raio no fundo da ravina.

Depois de uma marcha de cinco horas, chegamos à grande parada. Trata-se de uma pequena casa mantida por um brasileiro, um novo rancho. Mal à

mesa, ouvimos, em um cômodo vizinho, gritos, cantos, salmodias de furar os ouvidos; muito intrigado, abro a porta de um quarto cheio de pessoas. Em frente, um homem de tez acobreada está escarrapachado sobre uma cadeira, os grandes pés descalços estendidos sobre a mesa que está diante dele; sua figura, que se encontra em segundo plano, está meio oculta por essas enormes extremidades displicentemente cruzadas uma sobre a outra. Julgando-se sem dúvida cheio de dignidade, esse imponente personagem não se mexe. Em torno da sala estão sentados cerca de 20 pequenos mulatos e negros com livros nas mãos. Trata-se da escola da localidade! Todas essas crianças gritam, urram, cantam com todos os pulmões o que podem decifrar ou não decifrar em seu livro sebento.

De onde estão, só podem ver a planta dos pés nervosos de seu mestre-escola; parece que isto é suficiente para despertar o zelo deles; em um canto, sobre um tonel, está de castigo um garoto, de cara contra a parede. Nossa entrada não intimida ninguém, os pequenos escolares gritam ainda mais... Essa cena diverte-nos, mas é preciso apressar nosso almoço, pois temos ainda de percorrer 6 léguas para chegar a Passagem, o objetivo de nossa viagem. Esperando que nossas montarias estejam prontas, vejo surgir, da estrada que vamos seguir, uma numerosa cavalgada.

É um senhor da região, dizem-me, em vilegiatura com toda sua família. Está a cavalo, seguido por numerosos empregados dos dois sexos, todos negros como toupeiras. As negras estão como amazonas no dorso de mulas com saias longas e a cabeça coberta por lenços de cores vistosas. Nada de mais grotesco que essas sérias figuras de macacos assim postas em suas montarias de longas orelhas e vestidas à européia. Parece-me assistir a um carrossel cômico do circo dos Champs-Élysées. Várias crianças de tez azeitonada fazem parte do cortejo. No centro de todas essas pessoas, uma liteira da forma daquelas da época de Luís XV, suspensa em varais nos quais estão atreladas duas mulas, uma diante da outra, traz a mulher do senhor, indolentemente estendida sobre almofadas. As cortinas de seu estranho veículo estão meio fechadas e nos impedem de distinguir-lhe os traços.

Tudo isto passa e desaparece em um turbilhão de poeira.

Por nossa vez, retomamos o caminho. Uma hora depois vemos a cadeia de Ouro Preto, cuja vertente sudoeste seguimos e aos pés da qual corre o ribeirão do Carmo. Na margem esquerda do ribeirão, vemos os trabalhos da

estrada de ferro em construção, que deve, antes de um ano, ligar Queluz e, por consequência, o Rio de Janeiro à capital da província de Minas Gerais; vemos os túneis e os trilhos que já estão sendo colocados. Esse traçado, realizado em condições de terreno muito difíceis, prestará serviços incalculáveis a essa região.

Continuando nosso caminho, no fundo de uma garganta, margeada à direita pelos contrafortes do Itacolomi, à esquerda pelos da serra de Ouro Preto, ao dobrar uma encosta que se quebra subitamente, surge de repente, à nossa visão, a capital da província, encarapitada a meia encosta na cadeia à qual ela dá seu nome.

Escalonada ao longo da montanha, com numerosas construções, os 15 ou 20 campanarários que surgem em meio às casas, essa cidade tem personalidade e guardou ainda os vestígios de sua antiga opulência. Mesmo suas velhas tradições sobreviveram. Espantado que eu estava com tão grande quantidade de igrejas para tão poucos habitantes, fiquei sabendo que cada uma delas pertence a uma congregação de fiéis, que aí mantém seu próprio padre e subvenciona as despesas do culto. Embora bem pobres, agora que a cidade está quase despovoada, essas congregações se mantiveram e formam sociedades distintas.

Morre uma pessoa? Ela é enterrada às expensas da comunidade a que pertenceu, e todos os que dela fazem parte lhe prestam as últimas homenagens. No entanto, o Estado subvenciona atualmente dois padres, mas cuja igreja é pouco freqüentada, asseguram-me.

Atravessamos o ribeirão do Carmo, que deixamos à nossa direita, abandonando assim os contrafortes do Itacolomi para seguir, a meia encosta, a vertente da montanha de Ouro Preto, deixando a cidade atrás de nós.

A estrada é de novo acidentada; após uma meia hora de marcha por um terreno que brilha ao sol como faíscas, de tal modo o chão está coberto de lascas ferruginosas, encontramos o sr. Vandeborn, engenheiro-chefe e diretor da mina aurífera de Passagem. Ele parou no limite da propriedade pertencente à companhia inglesa The Ouro Preto Gold Mine of Brazil Limited.

Temos pela frente apenas mais 6 quilômetros até chegar ao primeiro termo de nossa viagem.

EXPOSIÇÃO SOBRE A PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS

Antes de relatar nossa visita às minas, talvez seja interessante dizer algumas palavras sobre essa imensa província de Minas Gerais, no meio da qual nos encontramos e onde vamos permanecer cerca de seis semanas.

A província de Minas Gerais desempenhou um papel importante na história do Brasil por suas riquezas auríferas e suas minas de diamantes, que os holandeses e os portugueses cobiçaram cada um por sua vez e das quais uns e outros se apossaram.

Em 1500 o português Cabral descobriu o Brasil, habitado pela raça índia. A corte de Portugal pouco se preocupou com a terra, contentando-se em fazer dela um lugar de deportação.

Em breve, os holandeses pouco a pouco aí se implantaram, e pelo começo do século XVII se declararam donos. Mas tendo entrado em guerra com os indígenas, estes últimos os expulsaram em 1654; foi então que os portugueses, atraídos pelas riquezas minerais descobertas por seus predecessores, retornaram ao Brasil e dele se apossaram.

Pode-se datar dessa época o começo da exploração do ouro e dos diamantes na província de Minas Gerais. Aterros imensos, cavidades enormes, obras de mais de dois séculos, testemunham os esforços inauditos feitos nesse sentido por mais de vinte gerações sucessivas. Provam também a riqueza dessas minas auríferas, tendo em vista que são numerosos e profundos os trabalhos em uma parte dessa região tão vasta.

Essa província não passa, por assim dizer, de uma seqüência ininterrupta de montanhas cuja aresta principal é a chamada serra do Espinhaço; ela corta a província de norte a sul em um percurso de 200 léguas aproximadamente; suas ramificações se estendem também sem descontinuidade de leste a oeste. Ela dá nascimento a vários grandes rios, dos quais os mais consideráveis são: o rio Doce, a leste, que se lança no oceano; o rio das Velhas, a oeste, que, depois de ter atravessado regiões quase desconhecidas, vai perder-se no São Francisco. Nas margens do rio Doce, a oito dias de distância de Ouro Preto, existem tribos indígenas, os botocudos, supostamente submetidos e que conservaram seus costumes selvagens e primitivos. Algumas dessas tribos são consideradas antropófagas. Há um mês, aproximadamente, índios invadiram uma das aldeias avançadas, vizinhas

deles, e raptaram duas jovens. Prefiro, no entanto, pensar que tal não tinha como finalidade comê-las.

A sra. Agassiz, em seus relatos de viagem tão interessantes, compraz-se em falar com minúcia dos modos suaves e campestres dos índios no meio dos quais viveu com seu marido, então chefe de uma missão científica na Amazônia. Seria um erro acreditar que todas as tribos indígenas do Brasil sejam tão inofensivas. No norte da província de Minas, nas de Mato Grosso, Goiás e outras ainda, há indígenas absolutamente selvagens que vivem de carnes e peixes crus, segundo habitem nas florestas ou nas margens dos rios. Esses povos se tatuam terrivelmente e só vestem peles de animais ou penas de aves. Uma tribos são pacíficas, outras, guerreiras.

Três índios haviam sido recolhidos pelo Imperador do Brasil. Primeiro houve todas as dificuldades do mundo para os persuadir a se vestirem decentemente; quanto a determiná-los a deitar em uma casa, esse foi esforço inútil. Viveram e erraram durante algum tempo em um parque como animais, e embora fossem muito bem tratados, sentiram-se tão infelizes que suplicaram para retornar a seus ermos.

O sentimento da independência é tão grande no sangue dessa raça, que um jovem índio, tendo sido encontrado ou aprisionado ainda jovem, foi criado com cuidado, depois enviado à França para completar seus estudos. A inteligência do jovem era grande e ele ia fazer com sucesso, sem dúvida, seus exames de doutor em medicina, quando, tomado pela nostalgia, abandonou tudo, fugiu, voltou para sua tribo, onde retomou a vida errante e livre no meio dos seus. Ainda vive, asseguraram-me.

Às vezes essas tribos atacam as aldeias para as pilhar; mas nem sempre com sucesso; é assim que no norte da província de Minas, tendo desejado fazer uma excursão desse tipo, foram cercados pelos habitantes, que mataram todos os homens, só deixando vivas as mulheres e as crianças.

Um proprietário da região, com quem obtive os detalhes relatados acima e a quem eu dizia que, para mim, o que haveria de melhor a fazer seria, para retê-los, dar-lhes trabalho, respondeu-me:

Nós tentamos, mas sem qualquer sucesso; pois à parte a caça e a pesca, eles não querem fazer nada. Quanto ao dinheiro, não o compreendem e, mais, não se importam com ele, pois não têm necessi-

dade. Não! acrescentou ele, somente as missões podem, à força de devoções, sacrifícios, introduzir pouco a pouco a civilização nessas raças primitivas, porque entre elas há uma alavanca potente que existe em todos os seres humanos, entre os selvagens ainda talvez mais que entre os outros: as crenças místicas. Todos acreditam em alguma coisa de sobrenatural, em um ser superior sob uma forma ou outra. Nossos missionários, esses homens admiráveis de coragem, de abnegação, que dedicam toda sua existência a propagar a religião do Cristo, onde ela ainda é ignorada, somente essas grandes almas, digo, vivendo no meio desses povos ingênuos, simples e crédulos podem dominá-los e conseqüentemente conquistar moralmente os ermos imensos habitados pela raça indígena no Brasil, território cuja metade ainda lhe pertence.

A província de Minas Gerais não permaneceu estranha às comoções políticas do Brasil; isto devia ocorrer, já que ela sozinha representava quase toda a riqueza, ainda no começo deste século. Foi assim que participou da independência do Brasil (1822), quando a queda de Napoleão I foi consumada e os príncipes da casa de Bragança, que se tinham declarado senhores do país, o abandonaram para retomar o trono de Portugal.

O Brasil então se declarou livre e escolheu como imperador Dom Pedro I, filho de João VI, rei de Portugal. Quando da morte deste último, Dom Pedro, tendo renunciado à herança da Coroa de Portugal em favor de sua filha Dona Maria, preservou para si a do Brasil. Esse ato, tão lisonjeiro para o país que o tinha eleito, não lhe trouxe felicidade, pois, após perturbações internas que explodiram em 1831, ele foi obrigado a abdicar em favor de seu filho Dom Pedro II, que hoje reina.

Sabe-se que o príncipe de Joinville se casou com a irmã de Dom Pedro II e que, além do mais, o senhor conde d'Eu se casou com a filha do imperador, que será a herdeira da Coroa do Brasil, após a morte de seu pai.

Além da parte ativa que a província de Minas Gerais tomou nas grandes questões políticas do império atual, ela teve anteriormente veleidades de se constituir como república. A Revolução Francesa havia lançado a perturbação sobre o velho continente e essa febre revolucionária tivera também seu eco no Novo Mundo.

Um brasileiro de nome Tiradentes, rico proprietário de Ouro Preto, em 1797 pôs-se à frente da conspiração. A república foi proclamada em toda a província. Mas não passou isto de um sonho! Os chefes da conspiração foram presos, mortos, e seus bens confiscados. Tiradentes teve os membros cortados e expostos nos quatro cantos de Ouro Preto, sua cidade natal. Sua casa foi demolida e sobre sua antiga localização existe ainda uma pequena coluna na qual se lêem estas palavras:

Lugar maldito.

Desde então a província de Minas Gerais permaneceu tranqüila e submetida às leis do país.

OS PRIMEIROS MINERADORES NA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS

Os primeiros pioneiros que apareceram na província de Minas Gerais aí entraram por uma depressão da cadeia Serra do Mar, do lado da província de São Paulo. Caçavam índios, que eram os únicos habitantes desses ermos então cobertos de florestas, procurando dominá-los e levá-los para o cativeiro. Em torno de 1650, uma tropa de aventureiros sob a direção de Antônio Rodrigues, Arzão e Antônio Soares penetrou na região de Serro Frio e, descendo o rio Doce, atingiu o Espírito Santo, levando diversas pedras preciosas e cerca de três oitavas de ouro. A partir de então o rumor se difundiu e um grande número de expedições se lançou pelos sertões em busca do ouro.

Foi assim que as descobertas de Ouro Preto atraíram uma quantidade considerável de pessoas, tanto paulistas quanto europeus, que logo formaram uma população de mineradores.

Em 1711, criou-se a Vila Rica de Ouro Preto.

Não longe daí, um outro grupo de mineradores instalou-se nas margens do ribeirão do Carmo. Foi o começo da cidade de Mariana, onde se encontra atualmente a sede do bispado da província. Embora a distância entre as duas cidades seja apenas de 12 quilômetros em linha reta, elas se ignoraram por muito tempo, por causa das montanhas cobertas de espessas e impenetráveis florestas virgens que as separavam. Mas as águas do ribeirão do Carmo, turvadas pela lavagem do ouro que se fazia em Ouro Preto, revelaram sua

existência aos habitantes de Mariana, situada a jusante do rio. Então estes últimos abriram um caminho que subia o ribeirão do Carmo, e foi assim que se fundou, por sua vez, a vila de Passagem, que se encontra a meia distância entre as duas.

Hoje não há mais vestígio dessas matas imensas, tudo foi queimado, cortado, devastado pelos primeiros mineradores, e as montanhas que separam Mariana de Ouro Preto são agora áridas e desoladas.

No fim do século precedente, as descobertas nas regiões auríferas tornaram-se cada vez mais consideráveis, e os primeiros habitantes dos sertões (areias ou minérios de ouro) adquiriram certa habilidade nos trabalhos de exploração das minas, ocupando nesse trabalho escravos ou índios que capturavam. Só lhes faltavam os instrumentos necessários, pois cavavam a terra com estacas pontiagudas, lavavam as areias auríferas em pequenos pratos de madeira... etc... Pouco a pouco, como as descobertas nos rios se tornavam mais raras, fizeram pesquisas no flanco das montanhas. A partir desse momento, começaram esses gigantescos trabalhos para atingir os filões ou as camadas do precioso minério. Como os homens de então não podiam decidir-se a se afastar da luz do dia, não faziam galerias subterrâneas para cortar o veio rico; cavavam o terreno em funil de modo a ter no fundo a largura suficiente para explorar a jazida aurífera, e quando a profundidade se tornava muito considerável e produzia desmoronamentos, abandonavam tudo para fazer novas obras em outros locais.

O ouro obtido era ganho, como se vê, por meio de rudes trabalhos; pode-se avaliar isto pela dimensão dos aterros cujos vestígios os anos não foram capazes de fazer desaparecer; vêem-se ainda imensos cortes feitos pelas mãos dos trabalhadores através das montanhas em quase todos os sentidos. As terras eram transportadas em pratos de madeira na cabeça dos escravos, a várias centenas de metros; quanto ao minério, era moído entre pedras e a mão. Encontramos várias vezes, nas cercanias, trabalhos empreendidos pelos antigos, os utensílios grosseiros de que se serviam, tais como grandes blocos de granito cuja superfície superior era completamente polida em consequência de fricção contínua. Além disso, ao lado, pedras muito duras, com a parte superior cômoda para a mão e a parte inferior muito lisa, provam que eram empregadas para esmagar o minério sobre o granito, desempenhando a função de bigorna, para reduzi-lo a pó. Este era então posto em grandes reservatórios, onde era lavado primeiro pelas águas do céu, que são torrenciais nessas regiões durante o verão,

e submetido a seguir a uma água corrente qualquer, que arrastava tudo, salvo as partes mais pesadas, que se depositavam sobre couros estendidos para esse fim. Finalmente, a lavagem definitiva se fazia em um vaso cônico, de onde saía o ouro recolhido, mais ou menos puro.

O precioso metal era, enfim, apresentado às casas de fundição ou de marca, pertencentes ao governo, e aí era transformado em barras batidas em cunha e que se acompanhavam de um certificado (guia), depois de retirada a quinta parte, que cabia ao rei, sob o nome de imposto do quinto.

MINA DE PASSAGEM

O sr. Vandeborn, diretor-geral e engenheiro-chefe da mina de Passagem, viera a cavalo antes de nós. Ele nos esperava no limite da propriedade na estrada que seguíamos.

Essa grande propriedade estende-se a sudoeste até o centro da cadeia do Itacolomi, de que o ribeirão do Carmo nos separa neste momento; para o sul, além da vila de Passagem; a leste tem mais de 6 quilômetros de comprimento, enfim, é limitada a noroeste pelo ribeirão do Carmo, que se curva bruscamente nessa direção e em cuja margem direita se encontram os estabelecimentos da companhia. Essa superfície pode definir-se por um retângulo cujos lados maiores têm cerca de 8 quilômetros e os menores 3 mil metros.

Cavalgando em companhia do sr. Vandeborn e seguindo a vertente da serra de Ouro Preto, ele nos mostra, à nossa direita, uma longa vala traçada nos flancos rochosos do Itacolomi; é o canal que será inaugurado amanhã em homenagem à chegada de B..., administrador-delegado da companhia. Atravessando dificuldades inauditas, o sr. Vandeborn pôde levar a bom termo esse trabalho que, sozinho, representa toda a força motriz necessária à exploração da mina.

Só podemos apresentar-lhe nossos mais vivos cumprimentos por esse grande resultado obtido depois de dezoito meses de trabalhos, preocupações, ansiedades de todos os tipos. De fato, uma parte do ribeirão do Carmo assim desviada acima, a 9 quilômetros de distância, e levada à mina com uma potência de queda de 40 metros, constitui a fortuna e o futuro de Passagem.

Enfim chegamos à vila, aí atravessamos pela ponte o curso d'água, que, nesse local, se precipita subitamente na direção de Mariana, desaparecendo em

uma ravina profunda que margeia a propriedade desse lado.

Nossa morada nos é assinalada pelas bandeiras inglesa e francesa hasteadas sobre uma pequena casa muito modesta. Aí reina uma simplicidade extrema; apenas algumas mesas de madeira branca e camas à brasileira, quatro tábuas e um colchão ilusório.

Não reprovoo ao Conselho de Administração sua parcimônia para com seus hóspedes, pois todas as economias lhe fazem honra, mas, em compensação, os senhores acionistas deverão regozijar-se quando souberem como os visitantes de suas minas são tratados primitivamente.

Dois negros, um homem e uma mulher, são postos a nosso serviço; um se chama Germain, o outro Justine, mas, ao contrário do que se poderia crer, Germain é a mulher, Justine o homem, nomeado inesperadamente com as duplas funções de camareiro e cozinheiro.*

Embora cansados por uma marcha de quase 15 léguas em lombo de burro, aproveitando das duas horas de dia que nos restam, não podemos resistir à tentação de visitar o estabelecimento.

Impossível ver algo de mais simples.

De início, um grande platô coberto de numerosas peças de madeira extraordinárias, destinadas à construção dos pilões; no meio se ergue um galpão: é a marcenaria. Mais adiante, três casas baixas caiadas, cercando um pátio quadrado de 50 metros de superfície aproximadamente. À direita e à esquerda estão os armazéns; a construção do centro é destinada aos escritórios do diretor-chefe da usina.

O sr. Vandeborn faz-nos descer por uma escada situada à esquerda do pátio e chegamos a uma plataforma de extensão mais ou menos igual à que acabamos de deixar. Aí, duas grandes rodas hidráulicas estão em movimento: uma serve para fazer subir vagões do fundo da mina até a superfície; a outra põe em ação uma bomba potente, que aspira a água que brota nos trabalhos, a faz subir à altura de uma galeria subterrânea que, estando em plano inclinado, a lança naturalmente na ravina no fundo da qual corre o ribeirão do Carmo.

Por fim, voltando as costas para a ravina, e conseqüentemente olhando a montanha, duas cavidades negras se percebem do platô onde estamos; são os poços 1 e 2, por onde se desce na mina e pelos quais os vagonetes carregados

* Pode-se supor que os nomes em português fossem Germana e Justino (N. do T.).

de minério chegam do interior, puxados pela roda hidráulica de que acabei de falar; esses vagonetes são assim levados até a extremidade da plataforma e seu conteúdo cai para um andar inferior. Descemos até ele. Cerca de 15 operários aí estão ocupados em triturar os blocos que lhes chegam de cima; entre eles uma negra de braços nervosos, o peito quase nu, tem um cachimbo na boca e fuma enquanto trabalha. Tem uma fisionomia feroz. Parece, no entanto, que se trata de uma excelente mulher; uma criança de 4 ou 5 anos, nu como um verme, está deitada de barriga para baixo no chão junto dela: é seu filho que ela ama apaixonadamente; de um negro de ébano, com sua grande cabeça crespa, esticado como está no chão, parece mais um pequeno urso que um ser humano.

As pedras quebradas são recolhidas em vasilhas com dois cabos e jogadas em um funil que desemboca sob pilões; é assim que eles são alimentados.

Enfim, descemos a um terceiro andar, sempre no flanco quase a pique da montanha, e estamos em presença de toda a vida verdadeiramente interessante da mina. Pois aí se encontram os pilões, as mesas de lavagem, a recolha do ouro.

Atualmente, 12 pilões apenas estão em funcionamento; não é possível mais, pois faltou água até aqui, mas amanhã a do canal chegará, e os 24 existentes começarão a funcionar para não mais parar nem dia nem noite.

Uma grande roda, semelhante à de nossos moinhos de água, gira; por meio de engrenagens, ela põe em movimento dois eixos de força horizontais, de que ela é o centro; esses eixos são guarnecidos de tampões de ferro dispostos em distâncias diversas; eles se encontram com outros semelhantes fixados nos pilões (peças de madeira verticais), e desse modo os ergue e deixa cair sucessivamente. Cada pilão em sua parte inferior é dotado de um pesado pedaço de ferro que pesa cerca de 200 quilogramas. Não se pode comparar melhor esse mecanismo que com uma caixa de música, que, dotada de pontas, girando sobre ela mesma, faz vibrar suas cordas umas após as outras.

Em frente, estão instaladas mesas de lavagem, com dois pés de largura, cerca de 8 metros de comprimento e cobertas de grossos tecidos. Um fio de água que passa sob os pilões arrasta como lama líquida o que foi moído para sobre essas mesas que são ligeiramente inclinadas. Tudo o que é terra e leve corre com a água para fora das mesas; tudo o que é pesado – chumbo, prata, ouro – conseqüentemente se deposita, ao contrário, sobre o tecido. Essas mesas são viradas a cada meia hora mais ou menos, e o que aí se manteve cai em um

recipiente inferior no qual passa uma outra corrente, arrastando tudo para outras mesas semelhantes às primeiras. Aí ainda as parcelas mais leves são arrastadas; as mais pesadas, a pirita e o ouro, ficam.

Tal é, em poucas palavras, a maneira como se recolhem as matérias ricas contidas no minério de Passagem.

À esquerda dessa plataforma onde estamos, quatro ou cinco mulheres e um velho negro de barba branca estão diante de uma banca ocupados com algo muito sério.

Ao lado deles, estão grandes vasilhas nas quais se trazem as parcelas que ficaram presas nos tecidos das segundas mesas de lavagem; essas telas são lavadas com muita água nessas mesmas vasilhas. Com a ajuda de grandes pratos de madeira muito polida, eles pegam por pequenas quantidades esses resíduos ainda em estado de lama negra e os lavam na *bateia*. Isto é, por uma ondulação suave e regular que imprimem a esses grandes pratos, seguros pelas duas mãos e nos quais puseram um pouco de água, lavam essas lamas com cuidado e paciência extremos. Todos os corpos estranhos e os mais leves que logo ficam à tona são jogados fora; troca-se a água e esse mesmo trabalho recomeça até que não reste mais no prato nada além da matéria mais pesada, isto é, o ouro.

No momento de nossa chegada, uma das mulheres terminava sua *bateia*; espalhados em seu grande prato, vemos brilhar as pepitas de ouro que o cobrem quase todo. Terminada a operação, derrama-se o metal precioso em uma espécie de balde de cobre com tampa fechada a cadeado e colocado atrás da banca. Toda noite, esse recipiente é levado e fechado em um cofre forte.

Como o minério que sai da mina é medido por operários incumbidos disso, sabe-se o número de toneladas trituradas, a quantidade de ouro produzido e, por consequência, quanto ouro por tonelada.

Durante nossa estada e nos dois meses que precederam nossa chegada, a produção foi de 23 gramas por tonelada em média, isto é, perto de 75 francos.

Diante da grande extensão que tomará a exploração de Passagem, o sistema empregado atualmente para recolher o ouro na *bateia* tornou-se muito lento e muito dispendioso; procura-se então aplicar a essa mina o procedimento do amálgama, que consiste em misturar mercúrio na água que corre sobre as mesas de lavagem. Além da ação da água que arrasta, como se sabe, as matérias leves, o mercúrio, com que é saturada, ajuda ainda na operação, pela propriedade

que tem de se ligar a tudo o que é ouro, de o absorver, de aderir a ele. O que fica nas segundas mesas de lavagem é recolhido em um reservatório, no fundo do qual as matérias mais pesadas formam depósito, isto é, o ouro combinado com o mercúrio; o resto, ao contrário, sai pelos escoadouros dispostos para esse fim.

Quando se aplica o sistema de amálgama para se obter ouro puro, submete-se o mercúrio que o contém a uma operação química, pela qual, aquecido a várias atmosferas, ele se evapora e passa nesse estado por um tubo cercado de água fria,² em baixo do qual ele se condensa. Resta então no cadinho apenas o ouro puro, despojado de sua liga passageira.³

Quanto ao mercúrio tornado líquido, é recolhido e serve de novo para o mesmo uso. De resto, o sistema de amálgama é o único atualmente em vigor na Califórnia, na Sibéria e em todas as explorações de algum porte.

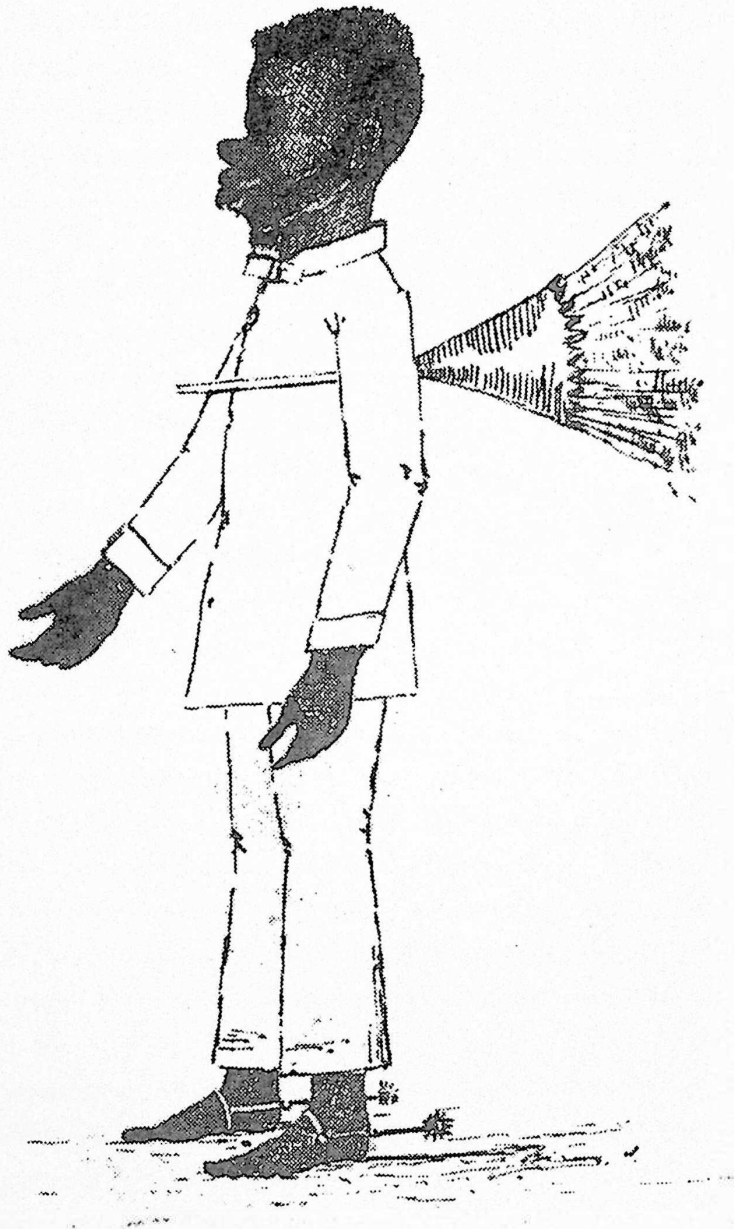
Seria um grande erro pensar, como se crê geralmente, que o ouro se encontra sempre puro, e que para o obter é suficiente destacá-lo do meio em que está contido.

O ouro, é verdade, encontra-se puro nas areias dos rios e também nas camadas rochosas, mas aí com muita freqüência está combinado com corpos estranhos, tais como o enxofre, o bismuto, etc. Esses fenômenos se explicam geologicamente.

O fogo que existe no centro de nosso globo pôs em fusão os metais que encerra, e, enquanto a superfície da terra estava ainda insólida, os vapores minerais se infiltraram onde encontraram uma saída, depois se cristalizaram à medida do resfriamento da camada terrestre. Foi assim que certas camadas rochosas, ao se formarem, viram-se impregnadas de ouro em estado de partes tão minúsculas, que só podem ser vistas com lupa. Pelas mesmas razões, em certos locais encontram-se como que caroços de ouro, ou então ele está em grãos ou pepitas mais ou menos consideráveis. Mas esses jatos do metal precioso são raros, sempre restritos e de pouca extensão. As *camadas*, ao contrário, oferecem mais certeza para a exploração, pois os vapores auríferos, no início da criação, se espalharam de um modo mais contínuo e mais uniforme em certos meios com freqüência de grande extensão, onde são encontrados, é verdade, em partes infinitesimais mais constantes.

² Sabe-se que o mercúrio é o único dos metais em estado líquido.

³ O ouro só entra em fusão a 1.220 graus e é dezenove vezes e meia mais pesado que a água; o mercúrio, treze vezes.



Nosso fiel servidor incumbido das funções de mordomo, camareiro, cozinheiro e palafreiro.

A areia no leito dos rios se explica do mesmo modo. Certas infiltrações metálicas que atravessam a camada terrestre chegaram até a superfície (são referidas pelo nome de afloramentos), e quando os fenômenos da natureza se produziram, quando os lagos, os mares, os rios, os rochedos e as montanhas se formaram, a corrente das águas deve ter carregado para seu leito essas parcelas de ouro cristalizadas de início e desagregadas a seguir de século em século pelas intempéries das estações.

À noite, tomamos posse de nossa nova morada, onde usufruímos de um repouso bem merecido após um dia cansativo.

No dia 18, pela manhã, é preciso estar de pé cedo para ir ver funcionar o canal, que se encheu de água durante nosso sono.

Sua corrente é muito rápida, e é fácil perceber sua potência, pois a usina adquiriu uma atividade bem diferente da que tinha na véspera. Os 25 pilões funcionam com um barulho retumbante à razão de 65 golpes por minuto; sente-se que a vida e a fortuna chegaram com essa nova força motriz.

Descemos na mina, guiados pelo sr. Vandeborn. Como eu disse anteriormente, dois poços não-verticais, mas inclinados de 18° a 20° aproximadamente, lhe dão acesso. Eles se afundam, o da direita na direção sudoeste, o da esquerda, para leste. Têm atualmente cerca de 235 metros de comprimento. Descendo pelo da esquerda, encontramos em sua extremidade uma galeria transversal que se dirige no sentido da camada aurífera estendida de leste a oeste. À luz das tochas que temos nas mãos, todas as paredes da galeria cintilam por toda parte como piritas. Seguimos essa galeria, que continua a ser prolongada nas duas extremidades nordeste e sudoeste e que já tem cerca de 540 metros de comprimento, sempre na camada e nas mesmas condições.

Subimos para ela, seguimo-la, bem como todos os bancos transversais que as reúnem uma à outra. É sempre o mesmo aspecto; por toda parte a pirita brilha ao fogo de nossas luzes. Dirigindo-se para sudoeste, a riqueza é ainda maior, o quartzo aí desaparece quase completamente. Só se vêem pirita e turmalina.

A mina de Passagem é uma enorme *camada* aurífera no meio da qual veios ricos ainda vêem-se abrir. Nunca, nos trabalhos de aprofundamento executados há dois anos, essa *camada* teve menos de 6 metros de espessura e em certos pontos atingiu 14 metros.

Sua extensão em profundidade é ainda desconhecida, mas é fácil perceber

sua existência em toda a propriedade, pois durante duas léguas ela é vista em afloramento, sem solução de continuidade, ao longo da gargante profunda que a margeia e no fundo da qual corre o ribeirão do Carmo.

A camada aurífera é tão espessa que, sem prejudicar a produção, os pilares das galerias são formados apenas por ela mesma; nenhum madeiramento é empregado para sustentar os trabalhos internos.

A mina de Passagem parece de um futuro tão certo que nos perguntamos com espanto como é possível que uma companhia inglesa tenha podido fazer aí maus negócios.

Abrindo-me com o sr. Vanderborn, ele me deu a explicação:

Diante da riqueza muito lucrativa do minério e sua extensão incalculável, antes de abrir a mina em larga escala, nossos predecessores fizeram grandes despesas e em vez de as levantar em parte primeiro nos rendimentos, distribuíram tudo em dividendos e consumiram o capital social.

Logo a água penetrou nos trabalhos; foi então que criaram, com grandes custos, essa galeria interior de plano inclinado que a joga na ravina e da qual nos servimos hoje. Mais ainda: não tendo força motriz, só faziam as águas do interior dos trabalhos subir à altura dessa galeria com a ajuda de baldes e de bombas manuais. O mesmo se dava com a extração do minério. Não tendo a roda de extração que possuímos, para trazê-lo à superfície, só podiam tirá-lo da mina nas costas de homens, depois os burros o transportavam aos pilões, os quais, em número muito reduzido de início, somente funcionavam durante seis meses do ano, isto é, durante a estação das chuvas.

Assim, continuou o sr. Vandeborn, esperando a construção do canal e sua finalização, eu quis abrir a mina em uma grande extensão a fim de assegurar o futuro.

Saímos do interior encantados com o que tínhamos visto.

O diretor-geral conduziu-nos então a uma plataforma inferior à dos 24 pilões, que funcionam com uma regularidade automática, e nos mostrou uma outra localização inferior, perfurada sempre no flanco da montanha, onde está

instalada uma outra bateria em construção de 32 pilões, cuja roda acaba de ser instalada. Os eixos de força que os devem erguer estão no lugar; os carpinteiros se ocupam em terminar as mesas de lavagem.

Dentro de alguns dias, essa nova bateria estará em movimento e não parará mais. Adiante ainda, perto do curso d'água, um quinto terraço está sendo preparado, para que aí sejam dispostos outros quarenta pilões californianos, com o dobro de potência dos já existentes. Chegarão à mina dentro de alguns meses. Dentro de um ano aproximadamente, 90 máquinas triturarão o minério de Passagem e farão ressoar os ecos do vale com seus golpes repetidos.

Todos esses trabalhos, muito interessantes, parecem-nos executados com um cuidado infinito.

No dia seguinte, o sr. Vandeborn nos leva a um poço vertical que ele mandou perfurar a 700 metros de distância da usina de que acabo de falar; e que está destinado a encontrar a camada aurífera de Passagem, a fim de a explorar ao mesmo tempo desse lado. Aí se colocarão mais 100 pilões. Tendo em vista a inclinação e segundo sondagens feitas antecipadamente, a 170 metros de profundidade será possível começar essa nova exploração.

Só podemos, pelo que alcança nossa vista, pressagiar, em pouco anos, um grande renome para essa mina. Com a força motriz trazida pelo novo canal, com a quantidade imensa de minério lucrativo conseguido desde já, enfim com a prudência de que a direção dá prova em todas as coisas, é impossível não ter confiança nos futuros resultados desse grande empreendimento.

Essa é nossa humilde opinião. Somente o futuro a provará.

FESTA NA MINA DE PASSAGEM

Depois de permanecermos alguns dias em Passagem, como tínhamos de visitar outros estabelecimentos da mesma companhia inglesa e avançar mais ainda pelo interior, o sr. B..., em sua legítima satisfação, quis, em nome de seu conselho de administração, testemunhar a todos seu contentamento.

Organizou nesse sentido um grande banquete, para o qual foram convidados todos os capitães e oficiais da mina, bem como as pessoas importantes da localidade.

Uma mesa com 40 lugares foi posta no fundo do poço número 2, em uma

imensa escavação feita pela antiga empresa. Ela se encontra em plena camada aurífera que, nesse lugar, leva o nome de Buraco Seco.

O dia escolhido foi 11 de julho.

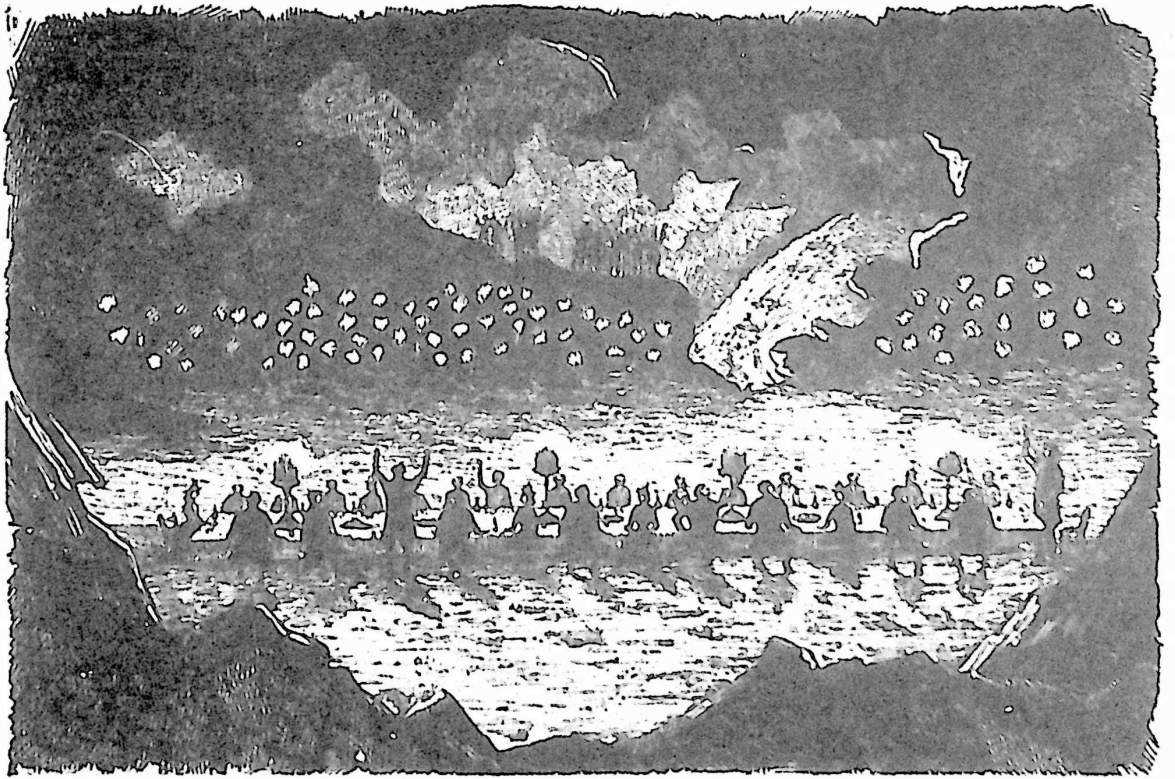
O interior é iluminado como à luz do dia; várias centenas de velas iluminam a mesa carregada de pratos, flores e frutos; o efeito é realmente encantador.

É difícil pintar o aspecto ao mesmo tempo impressionante e grandioso dessa reunião nas profundezas da terra.

À imensa caverna onde se encontram os convidados chegam de todos os lados profundas galerias; umas ficam na sombra, outras, iluminadas com muita arte pelos fogos de Bengala, produzem tons de uma crueza inacreditável. Enormes rochas cortadas estão umas brilhantes de luz, outras, ao contrário, em uma escuridão misteriosa. Em torno da gruta do Buraco Seco, nas paredes, são mantidas tochas que fazem brilhar a pirita aurífera como inúmeras constelações, pois, por toda parte, o solo, a abóbada, as rochas que nos cercam são apenas a enorme camada de Passagem, que, nesse ponto, tem cerca de 12 metros de espessura. As mulheres e as filhas dos convidados fazem parte do banquete, todas muito arrumadas. Durante a refeição, coros de mineiros italianos, parecendo sair das profundezas desconhecidas da terra, fazem-se ouvir e dão a essa reunião um aspecto verdadeiramente estranho.

B..., tomando a palavra, agradece em nome da companhia aos homens de ciência, de devotamento e de trabalho, que, há três anos, se dedicaram à mina de Passagem, diz-lhes como seus esforços serão recompensados por esse vasto campo de exploração que os envolve por todas as partes. O sr. Vandeborn, como engenheiro-chefe, lhe responde. Em termos calorosos, agradece à Companhia pela confiança que ela depositou nele; destacando as vantagens que a inauguração do canal acaba de criar, promete fazer tudo a partir de agora para retirar os metais preciosos dessas imensas cavidades; depois, ergue sua taça, profetizando, para a companhia The Ouro Preto Gold Mines of Brazil, a fortuna e o renome.

De repente, seis detonações de dinamite sacodem as abóbadas que nos cobrem e fazem tremer as entranhas da terra; centenas de operários, que se mantinham ao longe nas galerias, respondem com vivas mil vezes repetidos, que ecos subterrâneos e misteriosos repercutem ao infinito... É esplêndido e empolgante!



Festa na mina de Passagem.

Essa festa permanecerá inesquecível na lembrança de todos.

Três horas depois, saímos das sombrias galerias à luz das tochas, saudados e aclamados pela massa dos mineiros que nos esperavam na entrada enfeitada de flores e de arbustos, no meio dos quais surgiam as bandeiras da França e da Inglaterra, cercado a do Brasil.

À noite, houve fogos de artifício e baile para todos os operários de Passagem, quando os negros e as negras puderam dançar à vontade sua cara bambula.

Assim foi, em poucas palavras, essa reunião quase de família em que todos puderam tomar parte com tanto mais prazer e alegria, na medida em que se sentia que a prosperidade, em um futuro próximo, seria a recompensa dos esforços de todos.

MINAS DE RAPOSOS E DE ESPÍRITO SANTO

A 21 de junho, às sete horas da manhã, deixamos Passagem para ir a Raposos e Espírito Santo, minas pertencentes à mesma companhia inglesa.

Fomos acompanhados por um jovem encantador, o sr. Ferrand, engenheiro francês. Ele está ligado à Escola das Minas do Brasil como professor. Sua conversa foi muito interessante a respeito de tudo o que concerne à província de Minas Gerais, onde mora há quatro anos e onde se casou com uma linda jovem brasileira. Ele nos diz também algumas palavras sobre Passagem, que visitou muitas vezes e que também considera como chamada a um grande futuro.

Em Ouro Preto, onde mora, despedimo-nos dele e continuamos nossa viagem. Subindo a serra, encontramos-nos na vertente oposta no meio de uma região montanhosa e desolada; por toda parte, cumes, precipícios profundos. No fundo de um vale escarpado, cruzamos com uma leva de condenados acorrentados dois a dois pelo pescoço; são negros, estão cobertos de suor, com a cabeça descoberta, os cabelos negros encaracolados estão cinza de poeira, têm a fisionomia selvagem e sinistra. Vários papagaios empoleirados balançam-se na corrente, com dois dedos de grossura, que reúne os prisioneiros; um destacamento de soldados, com revólver na mão, faz-lhes escolta; um oficial, que nos cumprimenta muito educadamente, comanda o grupo.

Após cinco horas de marcha, chegamos à vila de Casa Branca, para aí fazer a grande parada; o calor é intenso, mas depois de uma meia hora de

repouso, retomamos nosso caminho. Sempre montanhas que se sucedem sem interrupção. Mostram-me um pico mais elevado que os outros, recortando-se em azul-escuro contra o céu; é o Morro da Glória. Abaixo de nós, colinas multiplicam-se ao infinito; às vezes se produzem rasgos estranhos e profundos, provocados pelas águas do céu; o sol ardente, vindo calcinar esses terrenos violentados, conturbados, dá-lhes tonalidades estranhas; por instantes se pensaria ver pedreiras de mármore com as mais fantásticas cores.

Essa região é de uma selvageria surpreendente.

Apesar de nossa pressa ao longo dos caminhos ruins, que nos obrigam com freqüência a andar a pé, a noite nos surpreende e, sem a destreza de nossas montarias, que na escuridão nos fazem passar por caminhos que mal se viam através dos rochedos, beirando os precipícios e se assemelhando mais a escadas que a caminhos traçados, não teríamos conseguido chegar a nosso abrigo da noite, que alcançamos enfim, para nossa grande satisfação, às oito horas. Chegamos ao rio das Pedras, depois de termos feito quase 16 léguas ao longo do dia.

Graças à fadiga, o magro repasto e as camas precárias parecem-nos deliciosos, e no dia seguinte, 22, montamos de novo nossas boas mulas bem cedo, decididos que estamos a chegar à noite em Raposos.

A estrada é mais vicejante, embora sempre acidentada. Atravessamos belas florestas de gargantas selvagens e misteriosas, e não é sem prazer que cavalgamos sob abóbadas de vegetação. Dizem-me estarmos na região dos macacos. Infelizmente a bruma da manhã ainda está fria, e esses cenobitas só gostam de se mostrar fora de suas moradias quando o sol os convida a tal.

Aos *tumulus* de formigas, sucederam as aranhas.

Durante léguas, vemos suas enormes teias estendidas dos dois lados; o chão está literalmente juncado delas. Esses insetos inteligentes cavam um buraco em um lugar qualquer; é sua moradia. Uma espécie de alçapão que confeccionam fecha-se por trás delas e oculta assim sua toca, do fundo da qual espreitam sua presa. Há aranhas enormes no Brasil; vi uma cujo corpo era do tamanho de uma moeda de 20 centavos e que media com suas patas 7 centímetros. Suas mordidas são, com muita freqüência, venenosas.

No tocante aos insetos, o Brasil tem a prioridade sobre todos os países do mundo; eles aí abundam sob todas as formas e são a preocupação mais desagradável dos viajantes nessas regiões. Há um, dentre outros, que se encontra por toda parte: é o carrapato, pequeno animal com a forma do

caranguejo, armado de oito patas, além de um ferrão com o qual suga o sangue de sua vítima e entra em sua pele; do tamanho da pulga, aloja-se por toda parte nas casas, nas matas, não há como se defender dele; está sempre em cima de você. Pareceu-nos que gostava particularmente dos europeus, isto para nosso intenso desprazer. Dizem que friccionando o corpo e os cabelos com sumo de tabaco, ou com cachaça, aguardente de cana-de-açúcar, que tem um gosto muito desagradável, livramo-nos deles; mas nenhum de nós se permitiu fazer tais abluções, de modo que fomos literalmente devorados durante toda a nossa viagem ao interior, isto ao ponto de eu mesmo ter ficado doente.

No vale que seguíamos, encontram-se algumas habitações cercadas de campos de canas e bananeiras.

Chegando à beira de um verdadeiro rio, o rio das Velhas, cujas margens seguimos por algum tempo, uma grande vila aparece à nossa direita, a meia encosta de uma elevação no meio de um verdadeiro oásis de palmeiras e coqueiros; iluminada por um belo sol, o efeito é encantador. Negras envoltas em tecidos de cores vistosas, ocupadas em lavar à beira d'água, somam-se ao pitoresco do quadro.

Deixando o rio das Velhas, subimos novas elevações, e nos mostram a montanha por trás da qual se encontra Raposos; nos flancos desta, diante de nós, estão construídas algumas casas, situadas no centro de Espírito Santo.

As duas propriedades de Raposos e de Espírito Santo, que pertencem à mesma companhia, compreendem as duas vertentes de um enorme contraforte cujos pés se banham nas águas do rio; nas numerosas dobras de terreno que ele encerra, encontram-se árvores de grande beleza.

Mais duas horas de marcha e atingimos a vila de Raposos, situada na margem direita do rio das Velhas, que atravessamos por uma grande ponte de madeira. Deste lado existem as construções pertencentes à mina, onde somos recebidos de modo muito gentil por seu diretor-geral, o sr. Mezger.

A partir do dia seguinte, visitamos o estabelecimento. A mina está situada em uma das gargantas cuja vertente oeste representa a exploração de Raposos, a vertente leste, a de Espírito Santo, compreendendo essas duas propriedades cerca de 10 mil hectares.

Três galerias horizontais superpostas, distantes 50 metros, dão saída para os trabalhos; elas têm atualmente cerca de 250 metros de profundidade.

Por poços, elas se comunicam entre si, de modo que o minério das duas

galerias superiores cai na mais baixa, em cuja saída se encontra uma bateria de 18 pilões.

A mina de Raposos não está em pleno aproveitamento; pertencendo a brasileiros que não tinham recursos suficientes para aumentar os trabalhos subterrâneos e que a venderam à empresa atual, esta não pôde ainda lhe dar toda a extensão desejável. O mesmo se dá com a de Espírito Santo.

Nessas duas propriedades, o traço dos trabalhos verdadeiramente inacreditáveis executados pelos antigos prova como os afloramentos deviam ser ricos e, em consequência, como o minério subterrâneo também deve ser.

Nessa região, as jazidas auríferas não se apresentam como em Passagem, sob a forma de *camadas*, mas sob a de *chaminés* de uma espessura que varia, mas que, todas, sem exceção, partindo da superfície, se aprofundam na terra com uma inclinação regular de 25 a 30° de oeste para leste. Os restos dos antigos trabalhos, submetidos à trituração e à lavagem, deixam ver o ouro em estado livre. Duas dessas *chaminés* deram resultados que se tornaram lendários na região; as galerias atuais são dirigidas a seu encontro. Os 18 pilões só se ocupam em esmagar o minério retirado dos trabalhos de aprofundamento que avançam a cada dia.

Em Raposos, a força motriz é insuficiente durante a estação seca, de modo que a companhia, esperando estar em condição de fazer maiores sacrifícios, armazenou grande quantidade de água no fundo de uma garganta por meio de uma barragem, que fomos visitar. As chuvas abundantes, que não param de cair de outubro a março, provocam correntes, chegando várias delas a uma espécie de bacia formada pelas elevações que a cercam. A barragem em questão fecha a saída desse reservatório pelo lado do rio das Velhas; essa provisão é dirigida para a usina por um canal aberto para tal fim. Mas esse meio artificial é de porte muito pequeno diante da previsão da extensão que Raposos deverá tomar um dia, de modo que o sr. Mezger estuda neste momento a possibilidade de pôr em prática a transmissão de força pela eletricidade, descoberta que fez tanto barulho há ainda pouco tempo. Ele nos explica como tudo é fácil nesse aspecto, quando se tem a felicidade de ter como vizinho um rio como o das Velhas.

Por fim, esse competente engenheiro mandou vir uma perfuratriz da Europa; é posta em movimento por uma turbina instalada na própria usina e em ação por uma parte da força motriz que movimenta a roda hidráulica dos pilões.

Tudo é ciência nessa mina, tanto do ponto de vista das pesquisas subterrâneas para cortar as jazidas auríferas, quanto no tocante aos trabalhos exteriores.

Raposos está apenas em seu início, mas é possível prever que, sob uma direção inteligente, sua exploração pode tornar-se um dia de enorme importância.

FESTA DE SÃO JOÃO

Em 24 de junho, dia de São João, coros de operários mineradores se fizeram ouvir à noite sob nossas janelas.

Em uma noite esplêndida, como só se vê nos trópicos, por todos os lados, na vertente das montanhas, nas ravinas, todas as choupanas acenderam seu fogão, em torno do qual a família, os amigos reunidos dançam, assam a cana-de-açúcar e a mandioca para a refeição da noite. As águas silenciosas do rio das Velhas parecem por momentos, refletindo os lares alegres, levar em seu curso vagas de diamantes e de rubis que logo desaparecem no escuro da noite. Cantos graves e primitivos se ouvem ao longe nas matas, evocando sem dúvida as lembranças do solo natal. Do outro lado do rio, a pequena igreja da vila de Raposos, graciosamente empoleirada a meia encosta da montanha, sobressai toda brilhante de flamas e luz em meio às trevas.

Esse espetáculo, de que somos testemunhas e que nada tinha de artificial, fazia ressaltar ainda mais, se é possível, o encanto e a poesia; causa-nos uma suave emoção esse tocante e edificante costume dos tempos legendários assim testemunhado nessa distante região, isolada de tudo e como que perdida no espaço, sabendo unir na mesma comunhão de idéias todas estas boas pessoas de nacionalidades diferentes: italianos, espanhóis, portugueses ou africanos.

Ficamos muito tempo a contemplar tais demonstrações, recolhidos em nossos pensamentos. Parecia-me que um anjo benfeitor descido do alto havia tocado, com a ponta de sua asa, esse pequeno canto de terra, aí semeando a paz e a felicidade.

COMPANHIA DE SÃO JOÃO DEL-REI - MINA DE MORRO VELHO

Embaixo da última encosta que termina a oeste da propriedade de Espírito Santo, está situada a mina de Morro Velho, explorada há sessenta anos por uma companhia inglesa que desfruta de grande renome.

Tínhamos o desejo de visitar esse notável estabelecimento de que se fala no Brasil como o mais completo sob todos os aspectos e que ficou célebre pelos milhões em ouro que dele saíram.

Tendo manifestado o desejo, B... recebeu do diretor-geral, o sr. Chalmers, um convite para ir lá com seus amigos.

Foi assim que no dia 29, cavalgando nossas mulas, chegamos a Morro Velho depois de apenas três horas de marcha.

Essa mina era explorada há cerca de trinta anos, quando de repente houve, em 1868, um incêndio.

Qual foi a causa dessa catástrofe? Ainda não se sabe; uns dizem: uma imprudência! outros: a malquerença! De qualquer modo, foi um desastre.

Morro Velho, que só possui uma única chaminé aurífera, imensa, é verdade, estava, no momento em que o incêndio se declarou, a uma profundidade de cerca de 300 metros.

Um acontecimento tão terrível como este poderia ter desencorajado outros que não os ingleses; mas com a tenacidade que é própria de nossos vizinhos de além-Mancha, retomaram com intrepidez os trabalhos. Agindo então como o faz atualmente o sr. Mezger em Raposos, calcularam a inclinação da chaminé, que vai de leste para oeste e cujo acesso lhes parecia para sempre impedido pelo incêndio, abriram, em um ponto determinado, um poço vertical que devia encontrar a jazida aurífera sob o foco incendiário, a 400 metros de profundidade. Seu conhecimento, sua perseverança foram recompensados; cortaram o filão sob antigas obras e retomaram a exploração como se nada tivesse ocorrido.

O sr. Chalmers, diretor-geral, jovem de 27 a 28 anos, de fisionomia agradável, enérgico e distinto, esperava-nos. Muito amavelmente, ofereceu-nos para que visitássemos a mina.

É preciso dizer, a bem da verdade, que, há alguns anos, à medida que os trabalhos avançam e se aprofundam (estão hoje a 650 metros de profundidade), a mina de Morro Velho passa por perigosa, em conseqüência de desmoronamentos muito freqüentes. Uma dezena de operários morreu aí alguns dias antes,

de modo que nos prometemos não descer. Mas, em presença do oferecimento amável que nos era feito, fomos tomados de amor-próprio e aceitamos sem hesitação.

O capitão-geral da mina nos esperava. Vestimos roupa de mineradores, calça e paletó de tecido cinza, chapéu de zinco, depois fomos todos munidos de uma vela cercada de terra argilosa; essa vela assim preparada me intrigava muito, já que não podia compreender sua utilidade. Logo fiquei sabendo. Chegando ao poço, subimos em uma gaiola que nos leva ao fundo, como em todas as minas do mundo que têm poço vertical como saída. A 400 metros paramos e nos encontramos sob uma grande abóbada com cerca de 15 metros de altura por 50 de largura. Este é o centro, o encontro geral de toda a exploração interior. Desse lugar em diante, o quadro muda, pois a partir de então a descida só se faz por escadas, algumas das quais são muito esticadas e oscilantes devido a seu comprimento, de tal modo que se tem necessidade das duas mãos para se sustentar; a terra argilosa serve para fixar no chapéu a vela acesa. É assim que nos aprofundamos nesse abismo negro, com profundidade ainda de 250 metros (isto é, cerca de três vezes a altura das torres de Notre-Dame) e sobre o qual as escadas estão suspensas no vazio. Ao longo desse percurso, vemos trabalhos de madeiramento (para sustentar as abóbadas) dos maiores, dos mais fantásticos que se possa imaginar. Há árvores inteiras, gigantescas, com não menos de 1,50 metros de diâmetro, cruzando-se, entrecruzando-se, encaixando-se, superpondo-se umas às outras. É inusitado, vertiginoso.

Não se pode deixar de indagar como foi possível descer essas vigas e fixá-las contra as paredes dessa enorme cavidade de uma inclinação tão considerável e cuja espessura quase constante não tem menos de 60 a 70 metros por uma largura de 150 a 170. O que foi preciso de dinheiro, de conhecimento, para descer uma tal quantidade de madeira, mas sustentar as muralhas desse abismo que se aprofunda cada dia mais é verdadeiramente prodigioso.

Depois de cerca de cinco minutos dessa descida, que necessita de sangue frio e presença de espírito por parte de todos, paro a cerca de 50 metros do fundo. Sentado sobre uma viga colossal, na qual é mantida por anéis de ferro a parte inferior da escada que acabo de deixar e a parte superior da que será ainda preciso descer, à luz de minha vela parece que sombras se movem sobre os madeiramentos que se cruzam em todos os sentidos acima e abaixo do ponto

em que estou apoiado; são operários. Eu os adivinho mais do que os distingo, graças à fraca luz vacilante que brilha sobre a cabeça de cada um deles. Eles procuram fixar contra as paredes subterrâneas uma enorme prancha sustentada no alto por cabrestantes monstros. O ruído das correias, os gritos selvagens lançados por esses homens quase nus, para ajudar seus esforços, o som estridente dos apitos que comandam a manobra, os golpes surdos e regulares dos mineradores no fundo dos trabalhos repercutem com tons sinistros na sonoridade do abismo negro e escancarado no meio do qual fiquei como que suspenso. De repente, um surdo ribombo proveniente das entranhas da terra faz-se ouvir, cresce, aumenta mais, semelhante aos ribombos do trovão, fazendo tremer tudo o que me cerca, passa como o relâmpago nas trevas perto de mim e vai perder-se nas regiões superiores: é um imenso balde cheio de minério que sobe à superfície, correndo por meio de uma roda sobre barras de ferro fixas nas muralhas da escavação; por momentos, estalidos sinistros escapam dos gigantescos madeiramentos que parecem ser vencidos e vergados sob o peso formidável dos 600 metros de rochas que têm a missão de sustentar. Seria possível julgar-se no sombrio domínio de Plutão e aí ver as almas malditas que se agitam e gemem no fundo de sua horrível morada.

97

Tudo isto é imponente e terrificante ao mesmo tempo.

Para se ter uma idéia dos sacrifícios que a companhia é obrigada a fazer para consolidar seus trabalhos, é preciso saber que, no momento atual, se gastam 3 mil libras esterlinas (75 mil francos) de madeira mensalmente para as necessidades da mina. Além do que diariamente é necessário acrescentar à medida que se aprofunda, deve-se ainda substituir as vigas colossais que se deterioram e se quebram às vezes como palitos de fósforo.

Em Morro Velho só se usam madeiras das mais belas, das mais raras, de ferro, de rosa, de ébano. O contador da mina, encarregado de sua compra, dizia-me:

Se pudéssemos fazer o comércio dos materiais que empregamos, a companhia ganharia muito mais dinheiro que triturando o minério para dele retirar o ouro. O transporte infelizmente custa muito caro; enquanto no local compramos dos índios essas árvores maravilhosas absolutamente por nada, elas nos chegam trazidas aqui a mais de mil francos o exemplar. Todo ano chegam de mais

longe e no momento só são encontradas a 50 léguas de distância, arrastadas por bois que levam uns seis meses para fazer o trajeto.

A visita aos pilões, em número de 150, e a de um outro estabelecimento muito grande e complicado, onde são ainda tratadas pela terceira vez as lamas, das quais o ouro já foi extraído, constitui um conjunto de exploração muito completo.

Os operários empregados na usina são em número de 1.500 a 2 mil, dentre os quais muitos chineses e também perto de 400 escravos.

Como os ingleses foram os mais ardorosos propagadores da lei humanitária que proclamou a emancipação dos escravos, não pude esconder minha surpresa ao ver ainda escravos em sua posse; quando me manifestei sobre isto a um dos antigos engenheiros de Morro Velho, ele me respondeu o que se segue:

Compreendo seu espanto e vou explicar-lhe como as coisas se passam... Embora no Brasil o governo, com prudência e sabedoria infinitas, faça o possível para abolir a escravidão, ela ainda existe. Os ingleses, que não podem permitir-se comprar negros, têm testas-de-ferro, aos quais dão dinheiro para que adquiram negros para eles, mas, feito isto, os testas-de-ferro os alugam a eles por um preço qualquer que nunca é pago, obviamente. É assim que, ao mesmo tempo que proclamam bem alto as idéias mais filantrópicas, eles não deixam de possuir negros, e isto sem que ninguém tenha algo a dizer.

Outras circunstâncias se apresentam com freqüência que chegam ao mesmo resultado. Um negreiro é surpreendido por um cruzador inglês? Imediatamente, captura do navio e de seu carregamento humano. O capitão e sua equipe são naturalmente punidos segundo o rigor das leis internacionais, mas o que fazer com todos os infelizes cativos?

Abandoná-los no primeiro continente a que se chegar! Isto seria um ato de crueldade indigna, seria condená-los a morrer de fome!... Reconduzi-los a seu solo natal?... Isto seria pior ainda, pois, tão logo desembarcados, cairiam nas mãos do primeiro tirano que aparecesse e que os faria sofrer uma escravidão bem mais cruel que

aquela a que estavam destinados!... Que fazer então? Para resolver a dificuldade, fazia-se com que assinassem um compromisso, do qual nada compreendem, é claro, e pelo qual se comprometem, *de plena vontade*, a servir a seus protetores durante toda sua vida, só pedindo em troca abrigo, alimentação e proteção.

Como são práticos os ingleses!

Nesse grande centro industrial de Morro Velho, tudo funciona militarmente e se pode dizer que a vila de Congonhas, vizinha ao estabelecimento, se tornou uma pequena cidade com confortos e recursos de todos os tipos. O estado-maior da usina é muito numeroso; muitos funcionários da mina se casaram, e *misses*, em vilegiatura de maridos, chegam com freqüência do interior da Inglaterra, para trazer a essa longínqua região um perfume de juventude e elegância. Dança-se, lancha-se, canta-se em Congonhas, como em todos os centros civilizados do velho continente; o piano legendário aí se aclimatou como em outras partes; o inverno tem seus *five o'clocks*, suas *soirées*, seus bailes.

No entanto, os belos dias de Morro Velho desapareceram. Durante um quarto de século, esse grande empreendimento fez a fortuna de seus acionistas, distribuindo-lhes 100% do capital social. Hoje infelizmente não é mais assim.

As despesas anuais são excessivas: ultrapassam a enorme cifra de 2.500 mil francos, e, se a mina provém, isto é tudo quanto é possível.

Depois, quando essas magníficas madeiras, que aí são indispensáveis, vierem a faltar ou encarecerem muito devido à distância sempre crescente... Então, Morro Velho terá existido...!

Depois de nos ter feito visitar tudo do modo mais gentil, de nos ter explicado cada coisa com uma rara inteligência, o sr. Chalmers ofereceu-nos um *lunch* verdadeiramente suculento, servido, com tantos apuros como nas melhores casas francesas, por empregados negros vestidos de branco, tendo, palavra de honra, excelente comportamento. Despedimo-nos dele, não sem levar uma ótima lembrança de sua refinada cortesia em todas as coisas, e da afabilidade de todos os seus funcionários para conosco.

Subíamos as primeiras encostas da montanha por trás da qual íamos encontrar Raposos, quando detonações sucessivas se fizeram ouvir do fundo do vale que acabávamos de deixar; eram foguetes e bombas com nossas três cores

da França, que a colônia inglesa lançava nos ares em sinal de último adeus a seus hóspedes de algumas horas. ⁴

VISITA ÀS MINAS DE BORGES

B..., administrador da Companhia de Ouro Preto, tinha ainda de inspecionar a mina de Borges, pertencente à empresa.

Em 1º de julho, acompanhados do sr. Mezger, partimos para essa vasta propriedade, que também foi adquirida de brasileiros sem dinheiro para continuar a exploração. Essa propriedade, sozinha, é tão grande quanto Espírito Santo e Raposos reunidos. Tem enorme vegetação e florestas virgens de rara beleza.

Quando a empresa atual a adquiriu, um único diretor estava encarregado de todos os estabelecimentos, modestos, é verdade, em seu início, mas muito afastados uns dos outros para ele os supervisionar de um modo sério. Passagem foi considerada como a mina que oferecia um futuro mais próximo, e a partir de então todos os esforços da companhia se voltaram de início para ela.

Embora no momento em que Borges foi adquirida ainda aí se extraísse ouro, deixou-se a subdireção a um simples contramestre, que continuou a triturar o minério pelos 16 pilões que haviam sido construídos pelos antigos proprietários. Mas logo, como os rendimentos não pagavam mais as despesas, tudo foi abandonado. Esta era a situação quando de nossa visita, e B... queria ter a opinião do competente engenheiro Mezger sobre o futuro provável dessa mina.

A estrada que se deve seguir vai sempre por montanhas de cumes desnudos. Não encontramos nem casas, nem seres humanos... É o deserto de aspecto atormentado e monótono. Enfim, depois de três horas de marcha, eis uma vila, é Morro Vermelho, e em torno a vegetação ressurgiu; um rio atravessa essa grande povoação onde o belo sexo nos surge sob os traços de negras. Mais duas

⁴ Estas linhas estavam escritas no mês de agosto do presente ano de 1886. Três meses depois de nossa visita, em 15 de dezembro seguinte, chegava a Londres um comunicado anunciando uma terrível catástrofe. Todo o andar da mina de Morro Velho, a 400 metros de profundidade, desabara, arrastando um material enorme, as bombas, as máquinas de extração, etc., que aí se encontravam. Tudo se precipitou no abismo 250 metros abaixo, quebrando em sua queda todos os madeiramentos gigantescos que sustentavam as abóbadas. Foram soterrados 34 mineradores.

horas de burro e atingimos as edificações de Borges, cuja mina está situada no fundo de uma ondulação de terreno com muita vegetação.

No dia seguinte, com o nascer do dia, partimos em exploração com o sr. Mezger, que nos participa suas observações. Foi uma espécie de curso prático de geologia e de mineralogia. Vamos também visitar a única galeria que existe, e ao cair do dia voltamos moídos de cansaço.

Segundo as observações feitas nessa jornada científica por nosso competente engenheiro, ele deduziu o que se segue:

Cometeu-se grave erro, diz ele, quando o veio aurífero desapareceu no fundo da galeria, em não continuar o aprofundamento, pois certamente se teria encontrado mais adiante o minério rico. Em consequência do cruzamento das jazidas, as infiltrações subterrâneas devem ter sofrido perturbações, prejudicando-se mutuamente no momento de seu encontro, mas, ocorrido isto, não deixaram de continuar a se prolongar em sua direção primeira. Os antigos aterros que pudemos constatar na superfície são a prova disso, pois, após se terem cruzado, os vemos continuar seguindo sua orientação primeira. Não se pode comparar melhor o estado intermitente mais regular desses filões do que com um terço cujas contas se seguem embora separadas umas das outras.

101

Brasileiros da região, sabendo que estávamos em Borges, vieram nos visitar. As notícias que nos puderam dar sobre a antiga exploração da mina confirmaram em todos os pontos as conclusões do sr. Mezger, de modo que o sr. B.... deu ordem para que se retomassem os trabalhos e se prolongasse a galeria que havia sido abandonada.

Se tudo o que foi dito se realizar, Borges poderá ser para a empresa, em um prazo mais ou menos longo, uma fonte de riquezas.

Julguei que devia relatar o que precede: para provar como, segundo a natureza do solo, embora na mesma região, as camadas ou filões auríferos diferem uns dos outros, seja no aspecto de suas direções subterrâneas, seja no da exploração de que necessitam.

No meio dessas conversas sérias, mas interessantes, apresenta-se um nativo; volta da caça e traz o pé de uma anta que acaba de matar na floresta em

cuja entrada nos encontramos. Tem conhecimento de várias outras nas redondezas e nos oferece para atirarmos nelas; mas devemos partir de novo no dia seguinte.

De fato, em 2 de julho, retomamos o caminho de Raposos, com um calor enorme. Ao atravessarmos as últimas matas da propriedade de Borges, somos saudados pelos gritos agudos de um grupo de macacos aos saltos no alto das árvores. Às sete e meia da noite, tínhamos chegado.

Nossa temporada com o sr. Mezger foi prolongada tanto quanto possível, pois nosso interesse era sempre mantido desperto por esse engenheiro cuja ciência e saber nunca faltam. Mas as coisas mais atraentes sempre têm um fim, e a 7 de julho pela manhã deixamos Raposos para retornar a Passagem, onde chegamos no dia 9.

ESTADA EM PASSAGEM

O CANAL - VISITA AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA - O PICO DO ITACOLOMI - UMA FESTA NA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS

Tínhamos cerca de dez dias ainda para ficar em Passagem.

Enquanto nosso amigo B... se ocupava de todos os detalhes administrativos, o barão e eu procuramos tirar o melhor partido possível de nosso tempo.

Nossas manhãs foram ocupadas na mina, nos pilões, na bateia do ouro, nos trabalhos preparatórios com vista aos pilões esperados da Europa; as tardes, ao contrário, em passeio pelos arredores.

Foi assim que visitamos os trabalhos do canal inaugurado quando de nossa chegada na região.

Falei longamente dessa criação tão importante e que é o complemento da fortuna de Passagem. Nenhum de nós poderia imaginar as dificuldades que foi preciso vencer para levar essa obra de arte a bom termo. Seguindo seu percurso, que não tem menos de 9 quilômetros, como eu já disse, pudemos dar-nos conta dessas dificuldades, sobretudo na virada de um enorme contraforte rochoso e no pico do Itacolomi, no qual teve de se abrir o leito do canal com explosões de dinamite. Nesse lugar, ele se encontra suspenso, quase verticalmente, a 80 metros de altura, sobre a corrente cujas águas, permanecendo

livres, correm estrondeando de cascata em cascata espumante no fundo do abismo. Foram, segundo consta, operários italianos que ousaram empreender essa abertura. Olhando o ribeirão do Carmo, que ruga lá em baixo, somos quase tomados de vertigem. O que devem então ter agüentado aqueles que, suspensos por cordames presos no alto da montanha, abriram a golpes de martelo na rocha os buracos destinados aos cartuchos explosivos? Enquanto sob eles, se a corda, ou o pé, viesse a lhes faltar, a morte era certa! Felizmente nenhum acidente houve para se deplorar, e esse curso de água improvisado que traz a riqueza não deixará para trás nenhuma história triste.

Chegando ao local da barragem, isto é, ao ponto onde a água da corrente entra no canal, o engenheiro, o sr. Vandeborn, B... e eu fomos surpreendidos por uma grande serpente de 1,75 metros de comprimento. À nossa aproximação, ela se ergue para nos atacar; sem perder um minuto, o sr. Vandeborn, com um golpe de sua bengala, teve a felicidade de a vencer; o réptil, no entanto, ainda dá um salto de lado, lança-se nas águas, aí luta alguns instantes, mas, arrastado pela corrente, se afoga e podemos, recuperando-o, contemplá-lo à vontade. É da espécie perigosa chamada jararaca; sua mordida é mortal ao cabo de apenas algumas horas.

Em nosso retorno a Passagem, o diretor é vivamente felicitado por todos. Pensávamos que isto era devido ao sangue-frio que ele havia mostrado. Não! Todos esses cumprimentos se deviam ao fato de que na região se considera como um dos mais felizes presságios matar um réptil.

Eu o desejo de todo coração ao sr. Vandeborn.

No dia 13, à noite, somos convidados a uma festa na casa do personagem mais importante da vila, o coronel João Paulo de Faria, nativo, representante da autoridade civil na região. Para nos homenagear, ele convidara todos os homens e mulheres elegantes das cercanias, de Mariana e também de Ouro Preto.

Qual não foi nosso espanto ao ouvir a filha de nosso anfitrião, jovem e bela mulata de 21 a 22 anos, tocar ao piano, com expressão, talento real e de cor, as partituras de Rubinstein, de Meyerbeer, de Schumann e de Chopin. Certamente essa encantadora jovem, que nunca ouvira alguém interpretar esses grandes mestres, poderia, com bem pouco estudo, ainda pretender grande sucesso na Europa. Ela nos deu um enorme prazer, pois, com uma intuição verdadeiramente extraordinária, soube fazer vibrar em nós essas deliciosas impressões musicais que nos lembravam a França. O que nos chamou também a atenção

foram as boas maneiras, a simplicidade e o tom de boa companhia que presidiam essa reunião em uma região tão longínqua.

Entre as damas presentes, em toailete de baile e decotadas, várias eram muito agradáveis; há muitas festas de província entre nós que não rivalizariam com vantagem ao lado desta. Ela foi seguida de um jantar sentado, muito bom e bem servido; por toda parte flores artisticamente arranjadas e muitas luzes davam à festa um aspecto de verdadeira alegria.

Várias vezes, um negro grande, vestido de modo muito adequado, tomando-se sem dúvida de amizade por mim, veio delicadamente tocar-me no ombro, convidando-me por gesto a me dirigir ao bufê para me servir. Cedi uma vez a suas instâncias; depois, voltando ao salão, cuidei, por polidez, ao passar novamente diante dele, de me inclinar e lhe sorrir amavelmente como forma de agradecimento. Indaguei então sobre esse personagem, que eu tomava por um amigo íntimo da casa. Era simplesmente um dos escravos de nosso anfitrião.

No Brasil, isto ocorre; os servidores consideram os amigos do senhor como seus amigos. Se você dispensa um doméstico que lhe prestou algum serviço, ele lhe estende a mão como se fosse ligado a você.

No dia 15, montamos nossas mulas e fomos a Ouro Preto fazer uma visita ao presidente da província. Introduzem-nos em um grande salão oficial, onde um pequeno senhor de cerca de 50 anos, ágil, de olhos brilhantes de vivacidade, de modos muito agradáveis, veio receber-nos com muita solicitude e amabilidade.

Ele compreende o francês, mas, como não o fala, o sr. Vandeborn, que teve a delicadeza de nos acompanhar, serve-nos de intérprete.

O presidente, em termos escolhidos, exprime a B... como ele se interessa pelo sucesso de Passagem e das outras minas da companhia, dizendo que, além de seu sentimento pessoal muito simpático, ele considera de seu dever, no interesse mesmo do País, tudo fazer para o secundar com sua autoridade.

Foi muito interessante quando, interrogado por mim sobre a província de Minas, ele nos fez compreender como é pesada a responsabilidade que lhe incumbe em presença de um território tão imenso quanto o que administra...

– Assim, diz-nos ele, em quase todo o curso do rio Doce, as tribos indígenas e selvagens tornam impossível a criação da estrada de ferro que o governo gostaria de estabelecer entre o Rio de Janeiro e a Bahia.



Precipício do canal de Passagem.

– Mas, digo eu, por que não enviar tropas para os expulsar ou os submeter?

– Porque, senhor, essas tribos são muito grandes e nômades; porque não se sabe onde as alcançar, já que têm como refúgio florestas virgens de uma extensão muito grande e desconhecidas; porque elas surgem de repente e desaparecem imediatamente; e enfim porque não temos, tendo em vista o estado de nossas estradas e as distâncias enormes a percorrer, meio de reabastecer nossas tropas nessas regiões desertas.

Para lhes dar uma idéia, acrescentou ele, durante a guerra do Paraguai, o governo brasileiro decidiu enviar, do Rio de Janeiro, um corpo de 4 a 5 mil homens destinado a operar um movimento de contorno ou uma diversão no território inimigo. Esse pequeno corpo tinha de atravessar as províncias de Minas, de Mato Grosso e de Goiás; levou dois anos para fazer esse trajeto. Ao chegar, a guerra tinha terminado e esse infeliz destacamento foi tão dizimado pelo cansaço, pelas privações, pelas doenças, pelos ataques de índios, que não se ouviu mais falar dele.

Despedimo-nos do presidente, encantados com a acolhida tão cortês e com todos os detalhes interessantes que ele teve a gentileza de nos fornecer.

As distâncias imensas que é preciso percorrer para ir de uma província a outra e a falta total de grandes estradas que as liguem, entravam de modo quase absoluto o desenvolvimento da indústria e do comércio no Brasil.

Aí está o grande escolho que o governo encontra em sua ação, obrigando-o a contar com os índios que ocupam ainda três quartos e meio de seu território e que, pretendendo conservar sua independência total, se opõem tanto quanto podem a qualquer inovação civilizadora. Essa falta de comunicação fácil causa algumas vezes à administração os enormes transtornos de que seus funcionários com freqüência são vítimas.

Para dar uma idéia, eis o fato que me foi contado:

Há pouco tempo, um personagem foi nomeado governador da cidade de Cuiabá, situada na província de Mato Grosso. Tendo partido do Rio de Janeiro, depois de 46 dias de marcha em lombo de burro, acompanhado de uma tropa de bestas de carga, levando coisas úteis para sua instalação, ele chega enfim à nova residência.

Quando de sua chegada, entregam-lhe um despacho que passara à sua frente; o despacho informa que durante sua longa viagem o ministério mudara, que ele fora substituído e seu posto dado a outro. Teve de voltar a seu ponto de partida, e foi assim que sua nomeação de alguns dias custou-lhe muito dinheiro e três meses e meio de cuidados e fadigas.

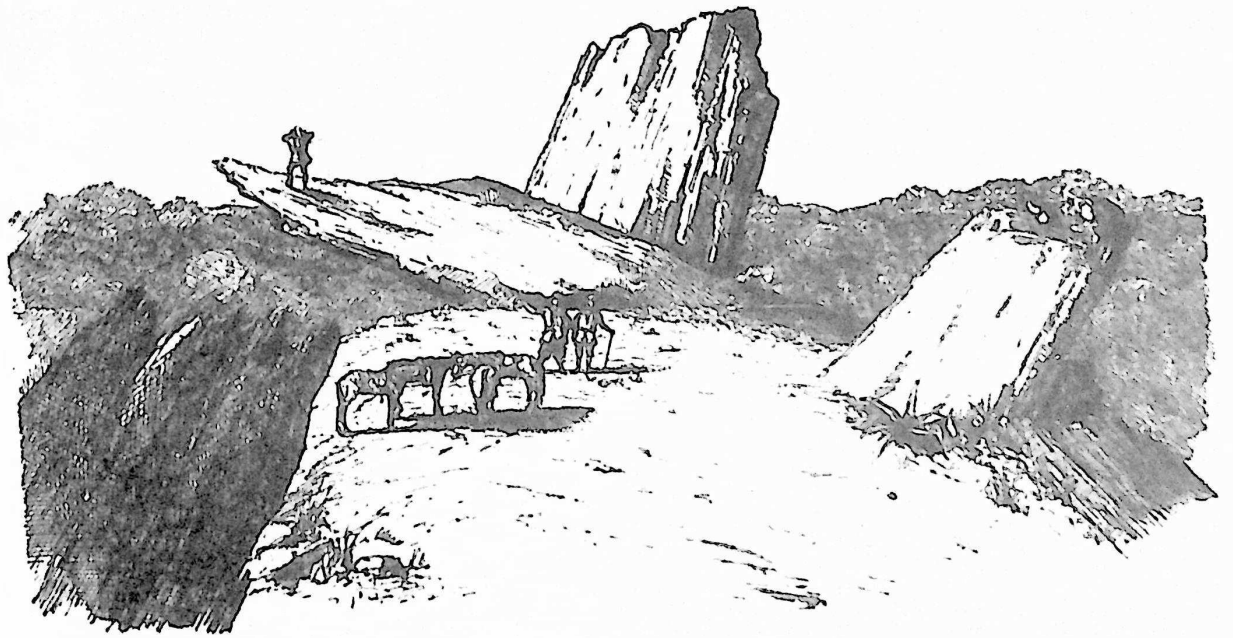
O governo faz todos os esforços para aumentar suas ferrovias, mas elas custam somas imensas em um país quase sempre montanhoso. Cada vez mais os capitais estrangeiros só se aventuram no Brasil, para a criação das estradas de ferro, com uma prudência extrema, pois os centros comerciais, que seriam os únicos a recompensá-los, ainda não existem por assim dizer no interior. De modo que o progresso só avança lentamente nesse império colossal, 18 vezes maior que toda a França.

Não queríamos deixar Ouro Preto sem ver um francês, o sr. Gorceix, diretor-geral da escola das minas do Brasil, cuja sede está em Ouro Preto mesmo.

Fomos recebidos o mais gentilmente possível por esse homem encantador, de saber e inteligência superiores, e que o Imperador honra com uma amizade muito particular. Ele nos levou para visitar minuciosamente suas coleções mineralógicas, que são muito interessantes e valiosas. Essa escola, convocada a prestar grandes serviços, foi por assim dizer criada por ele e, sob sua hábil direção, pôde assumir uma importância considerável. Cinquenta alunos seguem regularmente seus cursos, que são dados por dois professores, também franceses, um dos quais saiu da Escola Politécnica. Vários alunos brasileiros de origem, depois de aí terem feito seus estudos, já conquistaram a licença de engenheiros.

Nossa estada na região chega ao fim, e antes de partir fizemos uma excursão ao pico do Itacolomi, que é o mais elevado (1.700 metros) da cadeia à qual dá seu nome.

Um poeta de Ouro Preto conta que dois seres humanos de sexos diferentes escaparam da arca de Noé, tendo um o nome de Ita e o outro o de Colomi, que vieram refugiar-se nesse pico poupado pelo dilúvio, que aí foram a origem da raça que Cristóvão Colombo encontrou quando descobriu o Novo Mundo e



Pico do Itacolomi.

que essa montanha foi para sempre denominada Itacolomi pela junção dos nomes desse dois novos Adão e Eva. Deixo essa lenda pelo que ela vale, entregando a outros o prazer de a refutar ou de a sustentar.

Todavia, que me seja permitido dizer que no momento é reconhecido, de modo quase absoluto, que aquilo que denominamos *Novo Mundo* não passava, há milhares de anos, da continuação de nosso continente, que enfim as duas Américas foram povoadas pela invasão progressiva das raças setentrionais, vindas pelo Kamtchatka, península oriental da Sibéria. Nessas épocas recuadas, o famoso estreito de Behring, o mar de Baffin... etc., etc., que formam hoje os obstáculos mais terríveis a superar para os navegadores em busca do Pólo Norte, não existiam. Os dois continentes eram reunidos um ao outro. Esses mares, essas geleiras, esses estreitos formaram-se pouco a pouco, de século em século, em consequência do resfriamento sucessivo do globo, resfriamento que se faz sentir nos pólos mais que em qualquer outro ponto do mundo. O doutor Hayes, o célebre navegador, nos relatos tão interessantes de sua expedição aos mares árticos em 1866, dá uma prova quase contemporânea, dizendo que groenlandeses lhe afirmaram ter lembrança de que seus pais tinham ouvido dizer que, onde hoje só existem geleiras eternas, se encontravam imensas pradarias onde seus ancestrais caçavam búfalos almiscarados.

De resto, encontra-se na pura raça índia o tipo Kalmuck muito pronunciado, a face ossuda e quadrada, os olhos puxados, o nariz achatado. Essa característica facial permaneceu quase absoluta entre os indígenas que habitam o litoral do Pacífico e sobretudo em direção às montanhas Rochosas. É menos notada entre os povos próximos do Atlântico, o que se explica pelo contato e a mistura de sangue que nunca deixou de existir entre elas e os noruegueses ou outros, que se entregavam à pesca nos mares do Norte, isto há séculos.

Apesar de todos esses arazoados, eu teria remorso de não narrar a idéia exposta por nosso poeta de Ouro Preto... Esses dois recém-escapados da arca de Noé, vindo dar no pico do Itacolomi e formando, os dois, o tronco da raça indígena, não deixam de ter originalidade! Em todo caso, é novo, e não foi sem reconhecimento que recebi das mãos do autor esse poema, com o qual me quis homenagear, quando de minha passagem pelo Brasil.

O pico da montanha está coberto em seu cume por duas rochas graníticas eretas e imensas, que não têm menos de 60 metros de altura. Em torno delas, outras estão deitadas; em seus interstícios surgem orquídeas excepcionais;

essas plantas, tão procuradas em nosso hemisfério, existem aqui às centenas de milhares e em quantidades consideráveis de espécies. No verão, quando estão floridas, o efeito deve ser admirável; as escarpas, as ravinas, os precipícios não passam então, dizem-me, de imensos maciços com as mais belas, variadas e perfumadas cores. Mas estamos no inverno e desse quadro encantador resta apenas o aspecto ao mesmo tempo selvagem, deserto e imponente desses ermos elevados, de onde se descortina uma terra sem limites.

Nada pode retratar melhor a imensidão do panorama que se estende diante de nós que a comparação com o oceano quando as ondas são levantadas pela tempestade e quando o contemplamos do alto de uma falésia. Percebe-se então, perdendo-se no horizonte, grandes ondulações cujos cumes iluminados pelo sol contrastam com suas profundezas sombrias. Este é o quadro que a nossos olhos se perde nas nuvens. São montanhas, vales sem fim; sequer uma casa, sequer uma aparência de vida em parte alguma; é o deserto movimentado e estéril. Para o norte, para os lados da cidade de Diamantina, procuramos descobrir com nossas lunetas uma aparência de caminho... mas nada! Sempre vagas de elevações, sucedendo-se umas às outras sem interrupção.

Essa terra tão conturbada não sofreu, no entanto, qualquer comoção vulcânica, pois não se encontra traço disso em lugar algum. As chuvas torrenciais, que durante seis meses do ano não param de cair nessas regiões com uma intensidade extrema, cumpriram sozinhas seu trabalho, diluindo, arrastando os terrenos leves, enquanto os mais sólidos resistiram. Foi assim que de século em século se formaram esses lombos que se nos impõem pela severidade e que se estendem diante de nós ao infinito.

É também pelo mesmo fenômeno que se explica a presença das areias auríferas encontradas em grande quantidade nos rios pelos primeiros pioneiros. Os verdadeiros dilúvios anuais, secundados pela ação de um sol tórrido, acabaram a longo prazo por desagregar em parte as infiltrações subterrâneas cristalizadas na superfície e designadas como afloramentos; as partes arrastadas pelas correntes d'água, roladas, moídas por milhões de obstáculos, acumularam-se nas grandes artérias abertas pelo escoamento das águas, dos riachos e rios.

Os dias passam rápido quando são bem empregados; é assim que estamos, quase sem nos darmos conta, no termo de nossa estada na província de Minas Gerais.

VIAGEM A PETRÓPOLIS

No dia 17, pela manhã, uma tropa de mulas veio pegar nossas bagagens e nos despedimos de todos esses bons mineradores, entre os quais passamos agradáveis momentos, cujos rostos já nos são todos conhecidos e que pareciam felizes por nos ver entre eles.

Depois de nos termos despedido de seus chefes, acompanhados do sr. Vandeborn, montamos a cavalo e retomamos o caminho de Queluz, que cinco semanas antes havíamos percorrido.

No dia 18, à noite, estamos em Queluz e no dia 19, às sete horas da manhã, subimos em um vagão especial que o Sr. Hewbank, diretor das ferrovias brasileiras, mais uma vez gentilmente pôs à nossa disposição.

É verdadeiramente impossível ser mais amável.

Apesar de todas essas atenções, pelas quais somos profundamente reconhecidos, nosso trajeto é muito penoso por causa do calor terrível e da poeira inaudita que entra por toda parte, embora tomássemos o cuidado extremo de tudo fechar hermeticamente. Enfim, às duas horas, chegamos meio cegos e sufocados em Entre-Rios, onde deixamos a ferrovia, a fim de irmos a Petrópolis antes da volta ao Rio de Janeiro. A pequena cidade de Entre-Rios, no limite da província de Minas Gerais, teve sua importância, quando era a única ligada à capital pela primeira ferrovia do Império. Ela viu então convergir para si todo o trânsito das duas províncias entre as quais se encontra. É o que explica sua estação ferroviária tão monumental. A cidade está situada entre os rios Paraibuna e Paraíba, que se reúnem a alguma distância. O último desses rios serve de limite entre as províncias de Minas e do Rio de Janeiro.

Reservamos à noite mesmo nossos lugares na imperial da diligência que parte no dia seguinte para Petrópolis, distante 80 quilômetros, e no dia 20, às dez horas da manhã, subimos em nosso veículo puxado por quatro mulas, que nos levam a galope por uma estrada macadamizada muito bem conservada.

O trajeto de Entre-Rios a Petrópolis é interessante e agradável; seguimos as margens do Piabanha, que desce aos borbotões por rochas e rochas das altas montanhas que se desenham ao longe. Ora corremos sob a folhagem elegante e sombria de imensos bambus que formam abóbada sobre nossas cabeças; ora atravessamos plantações de café e de cana-de-açúcar; depois, vilas, respirando

bem-estar, com suas bonitas casas limpas e pintadas; enfim vales platados, montanhas cobertas por uma vegetação luxuriante. Sentimo-nos transportados para um outro país, e a província de Minas, com seus desertos, as cristas rochosas e desnudadas de suas montanhas, fica fora de lugar, nesse momento, em nossas lembranças de viajantes.

Através da região fértil que atravessamos ao galope de nossas parelhas, tudo parece cheio de vida; olarias, fábricas de porte considerável passam e desaparecem a nossos olhos.

A estrada, subindo o rio, eleva-se entre gargantas, onde ladeamos esplêndidos rochedos nas fissuras dos quais orquídeas se destacam em verde-escuro, além de árvores magníficas cuja folhagem lembra o sicômoro; de seus galhos altos pendem de vários metros tufos sedosos semelhantes a longas barbas grisalhas. É estranho; infelizmente não sabem me dizer o nome.

Na última muda, o Piabanha forma uma bela cascata que se engolfa em um vale, no fundo do qual vemos imponentes construções. É uma fábrica de algodão em plena atividade e pertence, parece, a uma empresa brasileira.

Às seis horas da tarde, com o cair do dia, entramos em Petrópolis.

Essa cidade é para o Rio de Janeiro o que Saint-Cloud ou Saint-Germain são para Paris, Bujuk-Déré para Constantinopla, isto é, a cidade de verão da capital do Brasil, onde todas as pessoas ricas, a corte, as embaixadas, vêm respirar o ar fresco durante o período de calor mais forte, fugindo da febre amarela que nessa época grassa e reina anualmente no Rio.

Em Petrópolis, poderíamos nos julgar em uma das mais belas estações balneárias dos Pireneus, na medida em que se está cercado de montanhas esplêndidas, cobertas de rochedos, de vegetação resplandecente, e se, no meio dessa vegetação, as palmeiras, as bananeiras, as mangueiras, etc., etc., não se mostrassem com todas a sua beleza tão característica, esqueceríamos que se está no Brasil.

Tendo compras indispensáveis a fazer no Rio, ainda que apenas para prover um pouco nosso guarda-roupa, decidimos ir no dia seguinte cedo, de modo a voltar à noite para Petrópolis a fim de aí passar o dia seguinte.

Entre o Rio de Janeiro e Petrópolis, o trajeto se faz parte em barco a vapor, parte em ferrovia.

Seria preciso ser poeta para retratar o que este passeio tem de maravilhoso, e mesmo assim duvido que uma pena possa ter o dom de fazer

compreender o arrebatamento que se experimenta a cada passo na estrada que se percorre.

Petrópolis, situada no meio das montanhas, estando muito acima do nível do mar, está, no entanto, muito perto (5 léguas apenas); em tais condições, pode-se imaginar como uma ferrovia deve ter sido construída de modo inteiramente excepcional. De fato, declives são inclinados de 12 a 15 graus aproximadamente. Para subir e descer tais declives, as locomotivas têm, entre suas rodas habituais, duas outras, uma na frente, outra atrás, ambas dentadas e correndo sobre um trilho de engrenagem fixado no meio da via.

Partimos às sete horas da manhã, com o nascer do sol, e nos divertimos ao nos vermos deslizar lentamente sobre o declive rápido, retidos que somos por nossa locomotiva.

Mas logo um espetáculo grandioso atrai nossos olhares.

Atravessamos matas de uma vegetação incrível; árvores gigantescas enlaçadas por cipós enormes ficam suspensas sobre precipícios onde rochas, umas brilhando de luz, outras, ao contrário, mergulhadas na sombra, são cobertas por água proveniente de fontes invisíveis.

Nas gargantas que a estrada de ferro atravessa sobre pontes aéreas, em profundezas inusitadas, a espuma de correntes d'água salta em cascata através das raízes das mangueiras, dos cáctus, dos coqueiros e das plantas ou arbustos exóticos de todos os tipos; imensos rochedos às vezes nos encimam, depois se afastam para nos deixar como que suspensos no vazio. Descemos sempre e não temos tempo de nos extasiar com a beleza de um local, pois já outros aparecem à nossa visão. Em uma curva que descrevemos de repente, encontramos-nos correndo no flanco de uma montanha que forma o centro de um imenso circo margeado por picos elevados, com altura e aspecto estranhos; diante de nós, a nossos pés, descaem os cumes da cadeia cujas ravinas e cavidades são preenchidas por árvores entrelaçadas umas às outras pelos cipós que caem de suas pontas; ao fundo, cascatas saltam mil obstáculos, envolvendo o que as cerca com vapores leves onde parecem mirar-se os primeiros raios do dia.

Mais adiante, à sua frente, confundida no horizonte, a baía do Rio de Janeiro cuja extensão se banha ainda nas brumas matinais. É uma magia... um sonho... . A pessoa gostaria de pegar seu pincel, sua pena, que sei eu, para tudo definir, para tudo dizer do que experimentamos de encanto!

Depois de uma hora de passeio através dessa região mágica, paramos;

descemos das alturas; a partir de então o caminho se prolonga em um terreno plano e pantanoso. Uma máquina comum substitui a outra, e partimos de novo a todo vapor para o ponto de embarque. O barco está amarrado do lado da via férrea que, sobre pilotis, entra uma centena de metros no mar, e em dois pulos somos transportados do vagão para o vapor.

Um apito; a praia se afasta, e eis-nos fendendo as ondas.

Infelizmente, a bruma é intensa, tudo está no vago em torno de nós. É preciso ainda uma hora e meia para se alcançar o Rio de Janeiro.

Tudo é confortável a bordo; um cozinheiro negro nos oferece seus pratos preparados antecipadamente; eles têm aspecto muito bom.

No entanto, a atmosfera se aclara um pouco. Podemos distinguir a ilha do Governador, que é muito grande e cujas praias costeamos; em torno de nós, grandes rochedos negros semelhantes a baleias adormecidas mostram sua cabeça à flor da água; milhares de andorinhas cruzam o ar em todos os sentidos; grandes fragatas planam sobre as ondas, depois se abatem sobre elas como o raio para pegar sua presa; mais adiante, grupos de marsuínos dão cambalhotas e se divertem à volta de nosso navio.

Mas já as cores róseas, transpassando a bruma, nos anunciam a aproximação da grande cidade. Pouco a pouco o horizonte se desenha, os cumes das colinas do Rio de Janeiro se iluminam, fazendo contraste com a cidade baixa ainda mergulhada nos vapores, enfim, a cortina se abre inteiramente, e nossos olhos encantados podem contemplar a capital do Brasil resplandecente de luz. Diante dela estão ancorados centenas de navios cujas grandes massas se refletem em azul-escuro no mar já dourado pelos primeiros raios do sol. Não é possível imaginar como esse quadro é belo e emocionante numa alegre manhã dos trópicos.

Minha primeira visita foi a esse excelente Viel Castel. Ele nos deu notícias da França, infelizmente muito tristes em todos os aspectos: a lei arbitrária que expulsa os príncipes de sua pátria, sua partida, o manifesto do conde de Paris que, irritado por tanta injustiça, se declara abertamente pretendente.

Pobre França! Por que te entregaste assim a todos esses ambiciosos que, temendo perder o poder, cometem erros em cima de erros, provocam represálias, dilapidam tuas finanças, comprometem teu futuro, fazendo-te mais mal sistematicamente que todos os canhões prussianos puderam fazer?

Se na França se soubesse qual é no estrangeiro a opinião de todos! Se se

soubesse sobretudo qual é a de nosso inimigo mais encarniçado, o príncipe de Bismarck!...

Depois de terminadas nossas compras, retomamos o caminho do embarcadouro. Às quatro horas deixamos o Rio para voltar a Petrópolis.

O tempo está esplêndido. Deslizamos por entre os navios ancorados, nos quais infelizmente uma única bandeira francesa é por mim percebida no meio de centenas de outras nações!

Escotados pelo bando gracioso das andorinhas que volteiam em torno de nós, entrevemos a ilha de Paquetá, que a bruma da manhã nos havia escondido, bem como as belas casas que enfeitam sua orla. Nós a deixamos à direita.

Ela também, durante o verão, é um lugar de encontro da sociedade elegante, que foge da capital.

O mar está calmo, sequer a menor brisa altera sua superfície, e, como estamos aqui em pleno inverno, a partir de cinco horas assistimos ao mais maravilhoso pôr-do-sol que é possível imaginar; é uma verdadeira aurora boreal em todo seu esplendor. O céu se abrasa por todos os lados, desenhando em azul-rosa todos os cumes, todos os picos das montanhas estranhas e fantásticas que cercam a baía do Rio, refletindo-as no mar, que parece em fogo. Seria possível dizer que a natureza inteira se envolveu em uma gaze resplandecente de púrpura e ouro.

É verdadeiramente impossível contemplar um espetáculo mais belo, e nossos olhos encantados se prendem a ele como se quisessem guardar-lhe para sempre a imperecível lembrança. A atmosfera leve deixa-nos ver uma cadeia de montanhas novas para nós, de cristas sucessivas, iguais e agudas, parecendo ameaçar o céu; por causa de sua regularidade, são denominadas Órgãos. Os tons alternadamente quentes e esfumados do panorama imenso que nos cerca de todos os lados fascina e poetiza a alma. É impossível permanecer indiferente diante de tais esplendores, e, como que independentemente de nós mesmos, sentimos-nos penetrados pela perfeição admirável das obras de Deus.

Mas chegamos. Enquanto subimos as primeiras elevações das montanhas, ao sopro ofegante da máquina, todas as maravilhas da natureza que nos emocionavam há pouco se apagam atrás de nós e, noite profunda, entramos em nosso hotel.

Juventude e Velhice! Não é esta nossa história? Para uma: graça, encanto, beleza, sedução; para outra: obscuridade, tristeza e arrependimentos. Esta é a

vida de que o Criador quis em suas obras nos deixar a eterna imagem.

No dia seguinte, percorremos a cidade de Petrópolis.

Nossa primeira saída foi naturalmente para o palácio do imperador. Eu já tinha ouvido elogios ao palácio, mas tive a decepção de o achar muito inferior à sua fama. Imagine-se uma longa construção no meio da qual se ergue um corpo principal de dois andares, flanqueado por duas alas que só têm um térreo, o conjunto pintado de amarelo, com simulacro de colunatas em gesso presas à construção, enfim, tetos planos de telhas, mas sem balaústres e sem ornamentos. De longe, esse palácio tem uma bela aparência; à medida que nos aproximamos, ficamos desiludidos; é grande, eis tudo. Os jardins são mal conservados, ainda mais mal desenhados. Com bem pouca coisa, seria possível, no entanto, fazer uma maravilha desse conjunto, de tal modo a vegetação aí é admirável, de tal modo, sobretudo, o quadro se presta a tal! Vi aí orquídeas maiores que as mais belas iúcas que existem na África, além de uma coleção de árvores de espécies as mais curiosas e as mais variadas. No fundo do parque, águas vivas que descem de uma montanha coberta de vegetação de aspecto selvagem e misterioso... Mas o imperador Dom Pedro II, que é filósofo, parece indiferente à ornamentação de seus palácios.

O resto de sua residência é composto de uma quantidade de casas de campo mais ou menos elegantes, sem nada de digno de nota.

Não podíamos estar em Petrópolis sem conhecer o Gérard* da região; não um matador de leões, mas um matador de serpentes. É bem considerável o que ele já matou. Fomos vê-lo. É hoje um velho pequeno, de 70 a 75 anos, com as pernas vacilantes, e ao vê-lo não teríamos dúvida de que ainda expõe sua vida diariamente para atacar um inimigo com freqüência mais perigoso que o rei do deserto.

Nas montanhas no meio das quais se ergueu Petrópolis, os répteis abundam; há de várias espécies, cujas mordidas são mortais instantaneamente.

Ele nos mostra cerca de 30 de suas vítimas empalhadas, uma delas não tem menos de 5 metros de comprimento, por 35 centímetros de grossura.

Ele as caça com uma grande vara, que nos mostra, na extremidade da qual está solidamente fixada um pequeno garfo de ferro. Quando lhe assinalam

* Referência a Cécile-Jules-Basile Gérard, dito "O Matador de Leões" (1817-1864), militar francês que se tornou famoso pela caça a leões na Argélia; escreveu *La chasse au lion e Le tueur de lions* (N. do T.).

a presença de uma serpente, vai em seu encalço (explica-nos que os répteis se deslocam muito pouco); se a percebe imóvel ou adormecida no sol, passa por trás e a toca; o animal imediatamente ergue a cabeça, é o instante em que o prende com o garfo, que finca fortemente na terra; depois, com um bastão, que segura na outra mão, o vence.

Tudo isto parece muito simples, mas, se um dia errar o golpe, será mordido, e uma morte, em torturas horríveis, virá alcançá-lo sem remissão.

Ele nos relata que uma grande coral lhe fora assinalada ontem, atrás de uma das casas da cidade, e que vai matá-la um dia desses.

Esse homem vive em uma casinha pobre, com um dos cômodos transformado em museu de história natural, onde a espécie réptil naturalmente domina. Há répteis por toda parte: ao longo das paredes, em frascos, etc. Ele nos diz seus nomes, mas em português, o que nada quer dizer para nós.

Cada um desses vis animais tem sua história nefasta, pois, com muita frequência, a presença deles só lhe foi assinalada depois que um infeliz já havia sido vítima. Ele tem vários outros tipos de animais empalhados, produtos de suas caças. Vê-se aí o sapo-boi, gordo como um ouriço, o tamanduá, uma espécie de crocodilo... etc., depois o tatu, espécie de quadrúpede grande como nosso texugo, recoberto por uma carapaça de peças ósseas e móveis; sua carne é muito boa para comer, assim parece. Os índios, que gostam muito dela, a fazem assar em seu próprio envoltório, colocando-a sobre brasas.

Conversando com nosso anfitrião, ele nos diz ter matado muitos macacos nas montanhas dos arredores. São os macacos barbudos, alguns dos quais são muito grandes. Vivem em bandos de 30 a 40, mas não são perigosos.

Como eu não via despojos deles, perguntei-lhe o que ele fazia depois de tê-los matado... “Eu os como, senhor, pois sua carne é excelente!...” Confesso que fiz uma careta; embora não sendo um discípulo de Darwin, vejo-me dificilmente degustando uma costeleta de macaco. Todavia, no Brasil, o povo a aprecia muito; parece mesmo que essa carne de macaco tem uma propriedade medicinal bastante curiosa: o caldo que dela se obtém produz efeitos muito salutareos sobre os tísicos.

ÚLTIMA ESTADA NO RIO DE JANEIRO

Todos esses passeios ocuparam nosso dia, e no dia seguinte, 22, retomamos o caminho do Rio de Janeiro, onde fomos até a casa de Moreau, na Tijuca, pela lembrança do conforto que aí tínhamos encontrado quando de nossa chegada.

Dentro de três ou quatro dias estaremos de novo a bordo do *Aconcágua* que, segundo se anuncia em Montevideu, estará ancorado no Rio a 27 ou 28. Temos, portanto, muito pouco tempo à nossa frente, de modo que todos fazem o que podem para utilizar as poucas horas que lhes restam.

O Rio de Janeiro me interessava por tantos motivos, que fiz o possível para conhecê-lo melhor.

Essa bela cidade que se estende ao longo do mar, a pouca distância deste, conta 500 mil habitantes, dos quais 6 mil apenas são eleitores, o que significa que aí se encontra uma população negra e nômade em quantidade considerável; é verdade que se deve dizer ainda que ninguém pode ser eleitor se não souber ler e escrever.

É incontestável que o Rio de Janeiro é insalubre durante o verão e que a febre amarela aí grassa às vezes cruelmente, embora os brasileiros pretendam negá-lo.

Conversando com um médico do país, eu lhe falava dessa febre, e como ele não queria convir que ela existia, lembrei-lhe que nas altas temperaturas do ano em curso a epidemia havia causado muita devastação.

"Senhor", retorquiu ele, "exageram, pois não há mais mortalidade aqui que em Paris quando a febre tifóide aí se declara. Ah! se o senhor me falasse de 1878, eu seria obrigado a concordar com sua opinião; neste ano, fora-se obrigado a construir barracões para os doentes. Em um deles, havia cerca de duzentos febris e, quando no dia seguinte voltei para visitá-los, qual não foi minha surpresa ao não mais os encontrar; tinham todos desaparecido." Como isto? Indaguei ... espantado. Para onde tinham ido?... "Haviam morrido todos durante a noite! Eis", acrescentou ele, "realmente a febre amarela; mas desde essa época nada de semelhante ocorreu."

Pode-se, a partir dessas palavras, que transcrevo fielmente, e às quais trago a parte de exagero que merecem, ver o fundo que se pode dar às negações dos brasileiros a respeito desse terrível flagelo. Sua existência quase perma-

nente se explica facilmente: a baía do Rio de Janeiro tão realmente admirável é cercada por enormes montanhas que detêm a brisa do mar quase completamente; além do mais, certas partes da cidade são mais baixas que as grandes marés, de tal modo que não podem vir do largo as correntes atmosféricas necessárias para expulsar os miasmas de uma grande aglomeração de homens; além disso, em certos bairros não podem ser instalados esgotos, tão necessários para o saneamento de uma cidade. Esses dois motivos são certamente as causas principais da epidemia anual que reina no Rio durante seis meses do ano. A isto se pode acrescentar também o pouco cuidado que a maioria da população negra ou mulata tem com ela própria e com os lugares em que vive.

Se durante o período de maior calor o Rio é realmente insalubre, seria um grande erro pensar que o mesmo se dá no interior do Império. As províncias mais conhecidas e mais habitadas, as de Minas Gerais, São Paulo, por exemplo, são de uma salubridade perfeita; as epidemias aí são desconhecidas; o mesmo ocorre na província do Rio de Janeiro, a partir do momento em que se sai de perto da baía, em cujas margens se ergueu a capital do Brasil.

No momento de nossa chegada, falava-se ainda da temporada que Sarah Bernhardt tinha feito no Rio durante nossa ida às minas. Parece que seus negócios aí prosperaram. Tendo ido com sua trupe à província de São Paulo, ela teve após a representação uma verdadeira ovação por parte dos estudantes, que na saída do teatro jogaram seus trajes na passagem da ilustre atriz, a fim de que seus pequenos pés não se sujasse no vil contato com a terra. Um brasileiro, homem de espírito e que conhece sua Paris, ao me relatar esse fato, acrescentou: "Sarah chorava de emoção!... Ah! Senhor, que atriz!" Confesso que tal definição empregada nesse sentido vem ao encontro por completo de minha maneira de julgar essa mulher, de um talento artístico extremamente digno de nota, mas cujo cinismo, arrogância e modos ultrapassam muito freqüentemente os limites. Seu filho a acompanhava; parece que, tendo ido fazer uma pequena festa às ocultas de sua mãe, foi muito agredido por jovens brasileiros, incomodados que ficaram por suas maneiras impertinentes; daí, queixas de sua parte à nossa embaixada. Quanto à grande Sarah, ela esbofeteou não sei qual de suas acompanhantes nos bastidores mesmo do teatro, o que fez com que rissem e zombassem mais dela que de sua vítima. Imagino que a legação francesa deve ter sentido grande alívio no dia em que soube que todos esses boêmios embarcaram para Buenos Aires.

No dia 25, fomos fazer um passeio à grande Tijuca, isto é, ao alto e ao fundo da garganta desse nome. O passeio é delicioso, a vegetação ainda desse lado é esplêndida. No hotel onde almoçamos, encontramos muitas pessoas, bonitas *ladys* e *misses* muito elegantes e muito acompanhadas: toda essa sociedade vive nesse pequeno recanto retirado, verdadeiro Éden, onde um de nossos compatriotas parece tecer dias de seda e de felicidade.

Eu acreditava ser meu dever, antes de deixar o Brasil, despedir-me de Sua Majestade o Imperador; como meu companheiro de viagem, o barão de P..., demonstrou desejo de lhe ser apresentado, falamos com Viel Castel que, com sua amabilidade costumeira, se ofereceu ainda para nos acompanhar.

Dom Pedro II, com essa faculdade principesca e tão graciosa dos soberanos de se lembrar dos nomes como das fisionomias, ao ouvir nosso encarregado de negócios apresentar-lhe o barão de P..., lembrou-se do antigo ministro de Luís XVIII e estendeu a mão com afabilidade a seu neto; agiu do mesmo modo comigo, que reconheceu de imediato; depois nos interrogou sobre nossa viagem.

Pareceu não se interessar pelas explorações mineradoras de Ouro Preto. Parece, de fato, que o Imperador gosta pouco desses tipos de indústrias, e, pensando bem, é fácil compreender o motivo. "Se elas são benéficas para o país em geral, não é no entanto nunca agradável pensar que estrangeiros exploram as riquezas que possuímos a fim de levá-las para longe". Creio mesmo que foi com esse pensamento e para estabelecer um contrapeso a essa ordem de coisas que Dom Pedro II criou a Escola de Minas de Ouro Preto, na esperança de aí formar jovens engenheiros brasileiros capazes de inspirar confiança a seus compatriotas e dirigir os trabalhos úteis à descoberta das minas exploráveis.

A conversa se dirigiu para os acontecimentos políticos da França, o exílio dos príncipes... "Creio na sabedoria dos povos", diz-nos o Imperador; "ela acaba por se mostrar, mesmo após os erros, os maiores equívocos". Que o futuro lhe dê razão!

Durante o encontro, como a P.. e eu nos foi permitido emitir nossa opinião, Sua Majestade acrescentou com um ar fino: "Senhores, em medicina como em política, cada um acredita ter seu cordial infalível".

Depois de uma meia hora de conversa, Dom Pedro II se despediu de nós, desejando-nos uma boa e feliz viagem.

O imperador atual do Brasil e toda a família imperial são muito populares.

A dotação de Dom Pedro II, que é de 2 milhões, é gasta em grande parte em doações, auxílios, caridades de todas as naturezas. Quando da guerra do Paraguai, ele soube mostrar uma grande energia, que lhe conquistou uma vez mais a confiança da nação; ele próprio se dirigiu ao exército para incentivá-lo com sua presença, apesar das advertências de seus ministros. Em um momento de desalento, como as Câmaras haviam demonstrado sua intenção de pôr fim a essa guerra interminável, distante e dispendiosa, o imperador não hesitou em afirmar que, enquanto o insulto feito ao País não estivesse vingado, ele jamais consentiria em depor as armas, que ele preferia abdicar a se submeter a tal coisa.

São conhecidos os estranhos motivos dessa guerra, que não durou menos de seis anos. A República do Paraguai, tendo à frente um presidente vaidoso e invejoso do imenso império vizinho, prepara com muitos cuidados armamentos consideráveis; quando se considera suficientemente forte, sem qualquer motivo, sem declaração de guerra, manda capturar e aprisionar o presidente da província de Goiás, que, partindo do Rio de Janeiro e subindo o rio Paraguai, ia para seu posto. Esse ato de agressão, que nada autorizava, indigna o Brasil, e a nação inteira oferece para se levantar em massa a fim de vingar sua honra. Sabe-se o resto: após esforços inauditos por parte do Brasil, esforços aumentados pelas distâncias, falta de estradas, dificuldade para reabastecer as tropas e fazer chegar o material de guerra; depois de muita energia e bravura de parte e outra, essa louca epopéia acaba pela derrubada do presidente da República do Paraguai, sua prisão e sua morte na prisão. Triste fim que seus compatriotas lhe deram após a derrota.

Sua Alteza Real o conde d'Eu destacou-se durante essa guerra, o que lhe deu a confiança do povo brasileiro.

Faltava-nos subir ao Corcovado, um dos passeios mais interessantes do Rio de Janeiro.

O Corcovado é um dos picos mais escarpados entre os que coroam as montanhas que dominam a capital. Está situado ao sul da entrada da baía e culmina por uma rocha imensa que parece inteiramente vertical.

É no entanto ao cume dessa crista que se chega por estrada de ferro. Se houvesse apenas a curiosidade de fazer uma subida dessas por meio do vapor, ambicionaríamos de qualquer modo esse prazer! Essa via férrea e as máquinas que fazem seu serviço são em tudo semelhantes às de Petrópolis, mas aqui é preciso enfrentar inclinações de 18° a 20°.

Subimos lentamente ao longo da montanha. Durante todo o trajeto, que dura uma hora e meia aproximadamente, o panorama se desenvolve e cresce pouco a pouco, à medida que subimos; cada um está em uma janela do vagão, não tendo olhos suficientes para ver e admirar. Nas curvas da linha, percebem-se pontes de ferro com inclinações incríveis, suspensas como que por fios mágicos acima de precipícios que precisamos cruzar; além do mais, essas pontes têm grandes vãos, de tal modo que se tem a impressão de estar correndo no vazio. Não se pode deixar de se perguntar o que vai ocorrer quando tivermos entrado nelas e se tudo isto não ruirá sob o peso da máquina que nos arrasta.

Mais adiante o caminho se embrenha em uma floresta esplêndida, tendo esse aspecto singular e selvagem de todas as dos trópicos. Árvores gigantescas de troncos cinza e lisos, cobertos de orquídeas enormes, além de cipós que caem de seus ramos mais altos, indo perder-se nas profundezas desconhecidas, enrolando-se, emaranhando-se em outras árvores colossais; mimosas grandes como nossos castanheiros da França; mangueiras, bananeiras, romanzeiros, etc ..., etc. ...; é uma confusão inextricável de mistério e de beleza, que desfila diante de nós. De repente, uma exclamação de admiração nos escapa: o trem contornou o cume da montanha, e o oceano nos aparece com seus horizontes sem limites. Mais alguns instantes e paramos. Chegamos ao pé do pico rochoso que domina todas as elevações circundantes; por um caminho que se tem de subir a pé, chega-se a um belvedere construído em seu cume.

Desse ninho de água, plana-se sobre o mar de um lado, sobre a baía do Rio, de outro. A Capital está adiante, alongando-se e sobrepondo-se nas encostas ao longo do mar; os grandes navios, pequenos como moscas a nossos olhos, estão ancorados na baía, cuja imensidão é cortada apenas pelas ilhas de Paquetá e do Governador; depois, ao longe, bem longe, quase perdidas nas nuvens, as montanhas de Petrópolis encimadas pela cadeia dos Órgãos, cujas agulhas regulares e alongadas parecem uma mandíbula de tubarão.

Abaixo de nós, quase verticalmente, a enseada de Botafogo, cuja entrada é defendida pelo célebre Pão de Açúcar, enorme rochedo que parece plantado lá como uma sentinela inabalável, protegendo o Império do Brasil.

Não se pode imaginar nada de mais belo que este panorama: de um lado... o mar! Do outro... essas cadeias rochosas que se esbatem a perder de vista no azul do céu.

Desse ponto elevado em que estamos, compreende-se melhor ainda as

causas da insalubridade do Rio de Janeiro. Nesse quadro imenso, a entrada da baía parece ser apenas um simples pequeno canal, somente por ele podendo ocorrer o fluxo e o refluxo do oceano, e também somente por ele podendo a brisa do largo penetrar nessa espécie de mar interior.

É muito pouco para uma tal extensão de água e uma cidade tão grande sob um clima tórrido.

Contaram-me (não sei se o fato é exato) que uma companhia inglesa tinha-se oferecido ao governo brasileiro para empreender a destruição do Pão de Açúcar, que, assegura-se, detém sozinho uma parte das correntes atmosféricas; que essa companhia, em troca, havia pedido concessões de tal forma onerosas, que suas propostas foram rejeitadas.

Se esse trabalho é realmente a salubridade futura do Rio de Janeiro, nada impede o Estado de ele próprio o empreender, mas o resultado, tão desejável do ponto de vista higiênico, seria alcançado? Os esforços inusitados que seria preciso fazer para levar a bom termo esse empreendimento, o dinheiro considerável que seria preciso gastar não seriam perdidos? É preciso saber que esse maciço rochoso não tem menos de 100 metros de altura por cerca de 4 mil em sua base. Sua completa destruição parece impossível à primeira vista.

Não há no Rio de Janeiro qualquer monumento com algum caráter histórico. Os jardins públicos e as praças são belas, mas me pareceram pouco freqüentados. O jardim zoológico, situado fora da cidade, é muito curioso. Aí se admiram sobretudo as grandes aléias de palmeiras, que são legendárias; essas árvores têm quase 100 pés de altura. Não tive tempo infelizmente para visitar a biblioteca, o museu, etc., etc. Afirmaram-me que esses diversos monumentos encerram coisas preciosas, que, sob a alta e sábia direção do imperador, crescem cada vez mais a cada ano.

Pode-se dizer que todo o movimento elegante se concentra na rua do Ouvidor. Ela é estreita, mas, como é interdita aos veículos, as pessoas passeiam por ela à vontade. Trata-se do bazar geral da cidade rica; aí se sucedem sem interrupção as lojas, algumas das quais muito belas. É também nessa rua que pelas três horas as mulheres se mostram com seus enfeites.

Não quero passar por severo em relação ao belo sexo do Rio de Janeiro, mas devo dizer que na verdade se, de vez em quando, se encontram belos olhos, não se vêem ou quase não se vêem mulheres bonitas... Sem dúvida, estas ficam em casa... Pior para o viajante... pois é tudo o que pode dizer a respeito.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O BRASIL

O Brasil compreende 18 províncias, cada uma das quais é tão grande quanto a França inteira. Esse imenso império, que sozinho representa, como extensão, a décima oitava parte dos continentes conhecidos, talvez seja o país mais interessante que haja no mundo, pois aí tudo ainda está por fazer, por criar, por empreender.

Metade de seu território é por assim dizer desconhecido e habitado por índios que vivem em estado selvagem, uns pacíficos, outros belicosos, isolados em montanhas e florestas sem limites. As riquezas existentes no Brasil são incalculáveis: o ouro, a prata, o chumbo, o amianto, o ferro, o cobre, o mármore abundam; na província de Minas e em outras também encontra-se o diamante.

A cidade de Diamantina, situada a sete dias de marcha de Ouro Preto, é o centro da exploração das jazidas onde se encontra a preciosa pedra. Um francês, em um único ano, recolheu o correspondente a um milhão. Mas é preciso confessar que isto foi uma quina de loteria. Ele continua ainda atualmente suas buscas, mas, infelizmente, sem grande sucesso, gastando em despesas consideráveis a fortuna que adquiriu, na esperança de ainda a aumentar. Infelizmente, até aqui, seus sacrifícios e sua perseverança ainda não foram recompensados.

Os conhecimentos e as observações mineralógicas podem levar a reconhecer as areias de rios nas quais se recolhe o diamante, mas a ciência não pode definir os terrenos onde ele é encontrado suficientemente belo para ser remunerador das despesas consideráveis exigidas pela lavagem das areias. Assim, essa exploração é muito arriscada.

Além de todas essas riquezas mineralógicas do Brasil, seu vasto território, em sua maior parte, é de uma fertilidade excepcional. O café, o arroz, o algodão, a cana-de-açúcar, a uva, que começa a ser plantada, todos os cereais igualmente, crescem aí com vigor extraordinário. As madeiras mais belas e mais raras enchem suas imensas florestas. Tudo isto é ainda improdutivo!... Na Amazônia encontram-se matas de borracha sem rivais, onde há fortunas imensas a fazer para aqueles que virão explorá-las.

Quanto futuro para as gerações vindouras!

Como a juventude, que pode ousar e empreender, tem diante dela um campo de trabalho sem reserva, sem limite!

Em todo caso, creio poder afirmar que todo recém-chegado, trazendo boa

vontade, inteligência e boa conduta, encontrará sempre simpatia e incentivo por parte do governo de Dom Pedro II, sob o reinado do qual grandes melhorias já se produziram e se produzem a cada dia.

Expressando essas idéias a um viajante proveniente do Prata, que não conhecia o Brasil, mas ouvira elogiar as riquezas contidas nesse vasto império, ele me respondeu: “É inteiramente verdade, senhor, há muito a fazer no Brasil, mas há uma questão muito grave que lá ainda não foi resolvida: a da emancipação dos escravos, que poderia trazer perturbações funestas aos capitais estrangeiros”.

Esse temor é equivocado e me foi fácil convencê-lo disso.

A emancipação dos escravos, questão que foi causa de terríveis e sanguinolentas represálias na América do Norte, será resolvida e se resolve a cada dia no Brasil do modo mais regular e mais calmo, graças à sabedoria do governo imperial.

A cada ano, o Estado destina uma certa soma para a compra de escravos pertencentes aos proprietários pouco afortunados. Por outro lado, os mais ricos devolveram voluntariamente a liberdade aos seus, pelo que foram recompensados, pois quase todos lhes permaneceram fiéis e ligados. Enfim, já há vários anos, o governo decretou uma lei pela qual: 1º) todos os recém-nascidos de escravos entram livres na vida; 2º) todo escravo, tendo atingido 50 anos, torna-se independente. Graças a todas essas leis muito prudentes, e que enumero com tanta concisão quanto possível, calcula-se que, dentro de quatro ou cinco anos, não haverá mais um único escravo no Brasil.

Mas saio do quadro que me tracei: o de narrar simplesmente minhas impressões de viagem. Detenho-me, portanto, pois não poderia escrever com autoridade sobre esse grande e maravilhoso país, tão atraente por tantos motivos, depois de uma estada tão curta. Seriam necessários vários anos conscienciosamente empregados para poder falar com conhecimento de causa, e infelizmente nele não sou mais que um pássaro de passagem que o pombal chama ao abrigo.

RETORNO À FRANÇA

No dia 27, à noite, o agente da Companhia da Steam Navigation Pacific telefona-nos para a residência Moreau avisando que o *Aconcágua* estará fundeado no Rio de Janeiro já com a aurora do dia seguinte e que partirá em seguida para Liverpool.

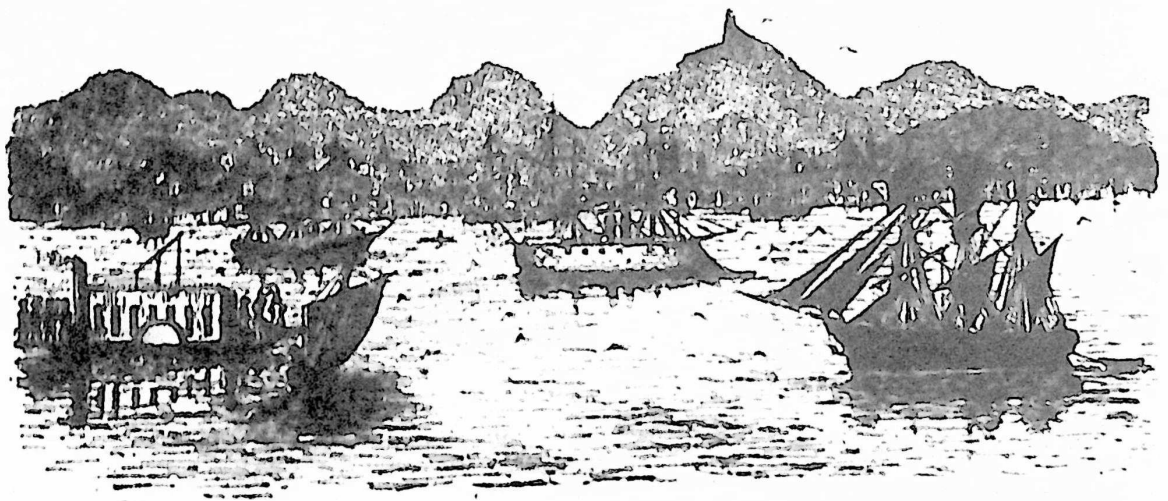
Essa notícia, mais prematura do que esperávamos, priva-me do prazer de encontrar em casa algumas amáveis pessoas de que eu queria me despedir. Fui no entanto mais feliz com relação a nosso encarregado de negócios, o conde de Viel-Castel, a quem pude expressar de novo todos os meus agradecimentos pela tão amável e obsequiosa acolhida que nos proporcionou.

No dia seguinte, 28, às duas horas, meus amigos e eu subimos de novo a escada do *Aconcágua*. O capitão e os oficiais nos receberam como velhos amigos. Enquanto entrávamos pela província de Minas Gerais, eles tinham atravessado duas vezes o estreito de Magalhães; uns e outros tínhamos cumprido nossa tarefa sem acidentes... . Às quatro horas, levantamos âncora.

Por essa contradição do espírito humano, que em todas as coisas quer que os pesares se aliem aos prazeres, embora cheios de alegria pelo pensamento de rever em breve a França, não foi sem pena que nos sentimos levados para longe desse país tão encantador, onde todos, desde o seu soberano até o mais humilde, nos demonstraram consideração e afabilidade, em todas as ocasiões.

Em uma noite esplêndida, a singular enseada de Botafogo passa e desaparece; a baía encantadora do Rio de Janeiro se afasta; as casas, as palmeiras, os edifícios já estão confundidos; não se vê mais a capital do Brasil; ela só pode ser imaginada e lamentamos deixá-la. Depois surge entre ela e nós o formidável Pão de Açúcar, que fecha a cortina a nossos olhos encantados... Diante de nós, o mar! o mar infinito!

Como para fazer nascer o remorso de deixar essa terra, país inexaurível de esperanças para as gerações futuras, o pôr-do-sol dos trópicos se mostra ainda para nós em todo seu esplendor. O céu se esbraseia, as silhuetas das montanhas se iluminam, o perfil do rei mártir nos aparece acima de seus cumes como em uma apoteose de flamas... . Depois tudo se apaga... . As sombras da noite pouco a pouco nos envolvem... . O firmamento se constela de estrelas e permanecemos sozinhos em nosso navio lançado a todo vapor na imensidão escura e fosforescente do oceano.



Vista do Rio de Janeiro - Tomada do *Aconcágua* fundeado.

A 16 de agosto chegamos a Bordeaux, radiosos por rever a terra francesa, que todos os esplendores do outro hemisfério não podem, porém, fazer esquecer.

EPÍLOGO

Não tendo tido outra pretensão que não a de narrar uma curta excursão francesa ao Brasil, remetemos nossos leitores que buscam informações históricas ou geográficas mais completas às duas obras que foram escritas sobre esse país:

1º *Viagem ao Brasil*, pelo Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied (Frankfurt, 1819-1820). 2 volumes in-8º e atlas.

O autor viajou como naturalista e observador.

Em 1815, foi ao Rio de Janeiro em companhia de Freyreiss e de Sellow, com um grande acompanhamento.

Atravessando vastos desertos, chegou a São Salvador.

No verão, penetrou até o Morro de Arara, aí encontrou a tribo dos botocudos, sobre a qual forneceu os primeiros detalhes exatos. Indo a Vila Viçosa, visitou Caravelas, Santa Cruz e Vila Belmonte. Descobriu ruínas dignas de nota em Juacema. Através das imensas florestas que se estendem ao norte do rio Belmonte, conseguiu abrir um caminho a golpes de machados para entrar na província de Minas Gerais. Isto se passou em maio de 1817.

Sua obra, de uma execução perfeita, abunda em informações preciosas sobre a costa oriental do Brasil, do 13º ao 23º de latitude.

Os animais, os vegetais, o homem indolente ou feroz, seus costumes, a geografia e a história natural são alguns dos temas de observação do autor.

2º *Viagem ao Brasil*, por Martius e Spix (Munique, 1824-1832), 3 volumes.

Em 1817, os governos da Baviera e da Áustria confiaram a alguns sábios a exploração Brasil. Martius, encarregado dos trabalhos botânicos da expedição, ocupou-se também de etnografia, de estatística e de geografia. Para tornar mais interessantes suas descrições, recorreu ao *crayon*. Não se limitou apenas a fazer um relato de viagens, trouxe de sua exploração os materiais de três outras obras publicadas com um intervalo de quarenta anos e que completam o histórico de suas excursões:

1º *Genera et species plantarum*, obra clássica sobre as palmeiras da América austral.

2º *Essai sur l'ethnographie et sur les langues américaines*.

3º *Flora brasiliensis*, um dos mais belos monumentos da botânica moderna; obra magnífica que ainda está inacabada.

Martius estudou a organização das tribos aborígenes do Brasil; descreveu as hordas agrupadas por famílias e segundo seu *habitat* geográfico; enfim, forneceu um vocabulário das línguas brasileiras e um exemplo de seus dialetos.

Esse sábio explorador tem mais de um traço de semelhança com o ilustre Humboldt, a quem os alemães o comparam... guardadas todas as proporções.

Um talento superior, uma ciência profunda, um estilo colorido fazem de suas descrições quadros vivos. Pois, como disse tão bem Théophile Gautier, "para escrever uma viagem, é preciso um escritor com qualidades de pintor, ou um pintor com sentimentos literários."

Apresentamos nossa pequena viagem de além-mar, *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil*, sob a égide tutelar dos grandes mestres que nos precederam, sem outra pretensão que a de ter sido verídico em tudo o que aí é relatado.

Non superior sed veritas.

ÍNDICE

PRÓLOGO	29
Partida de Bordeaux	31
Chegada a La Coruña	36
Vigo	38
Lisboa	39
Partida de Lisboa	42
No mar, diário de bordo	43
Pernambuco	51
Bahia	54
Chegada ao Rio de Janeiro	57
Visita ao Imperador Pedro II	62
Partida para as minas – Do Rio a Queluz	64
De Queluz à mina de Passagem	68
Exposição sobre a província de Minas Gerais	74
Os primeiros mineradores na província de Minas Gerais	77
Mina de Passagem	79
Festa na mina de Passagem	87
Minas de Raposos e de Espírito Santo	90
Festa de São João	94
Companhia de São João del-Rei – Mina de Morro Velho	95
Visita às Minas de Borges	100
Estada em Passagem	102
Viagem a Petrópolis	111
Última estada no Rio de Janeiro	118
Algumas palavras sobre o Brasil	124
Retorno à França	126
EPÍLOGO	128

*E*ste livro foi confeccionado no formato 21 x 26 cm,
com texto principal em tipo Fenice 11/18, papel Capa Texto 120 g.
Capa em papel Supremo 240g. Fitolito de capa e fotos Policrom.
Miolo em film-laser. Impressão Rona Editora.
Tiragem de 1.000 exemplares.

Belo Horizonte
Inverno de 1997
CEHC/FJP